



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**CARLOS ALBERTO SANTOS DE CARVALHO**

**Jesus um homem para os outros: a salvação como  
libertação**

**Uma reflexão no contexto da UL 2 do 6º ano de  
escolaridade**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada  
sob orientação de:**

**Prof. Doutor Alexandre Palma**

**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Lisboa**  
**2018**



## **RESUMO**

No presente texto, partindo da afirmação de que o ser humano é, desde a sua origem, um ser religioso, procura-se fundamentar a existência da disciplina de EMRC, como resposta aos desafios contemporâneos da iliteracia religiosa, da ausência de sentido e do pluralismo. Depois de uma reflexão cuidada sobre a Prática de Ensino Supervisionada, a partir da história do dogma e da Tradição, apresentando Jesus como libertador e inspirado pela Palavra de Deus, procura-se traduzir o conceito teológico de salvação como libertação. Deste modo, afirma-se que as aulas de EMRC devem ser humanizadoras, recentrando-se na hermenêutica bíblica e procurando traduzir para uma linguagem contemporânea conceitos teológicos complexos. Conclui-se, por isso, que a salvação que Jesus realiza e oferece é a libertação do ser humano e a concretização plena da sua vocação para ser livre.

## **ABSTRAT**

The present text, based on the assertion that the human being is, from his origin, a religious being, seeks to justify the existence of the EMRC discipline, in response to the contemporary challenges of religious illiteracy, lack of meaning and pluralism. After a careful reflection on the Supervised Teaching Practice, starting from the history of dogma and Tradition, presenting Jesus as liberator and inspired by the Word of God, we seek to translate the theological concept of salvation as liberation. In this way, it is affirmed that the classes of EMRC must be humanizing, refocusing on biblical hermeneutics and trying to translate complex theological concepts into a contemporary language. It is concluded, therefore, that the salvation that Jesus accomplishes and offers is the liberation of the human being and the full realization of his vocation to be free.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Religião, Mistério, iliteracia religiosa, pluralismo, Bíblia, linguagem, libertação, liberdade, criação, êxodo, profetismo, Jesus, Espírito Santo, Trindade, singular humanidade, dinamismo incarnatório, santidade peculiar, filiação, união hipostática, fórmula de Calcedónia, misericórdia, salvação, ressurreição.

## **KEYWORDS**

Religion, Mystery, religion illiteracy, pluralism, Bible, liberation, liberty, creation, exodus, Israel prophetism, Jesus, Holy Spirit, Trinity, singular humanity, incarnation dynamism, peculiar holiness, filiation, hypostatic union, Calcedony profession, mercy, salvation, resurrection.

## SIGLÁRIO

Act – Livro dos Atos dos Apóstolos

Ap – Livro do Apocalipse

1 Cor – Primeira Carta aos Coríntios

Dt – Livro do Deuterónimo

DH – DENZINGER e HÜNERMANN

Gn – Livro do Génesis

Gal – Carta aos Gálatas

GS – *Gaudium et Spes*

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

Ex – Livro do Êxodo

Ez – Livro de Ezequiel

Fl – Carta aos Filipenses

Heb – Carta aos Hebreus

Is – Livro de Isaías

Jer – Livro de Jeremias

Jo. – Evangelho de S. João

Lc – Evangelho de S. Lucas

Mc – Evangelho de S. Marcos

1 Pe – Primeira Carta de S. Pedro

PES – Prática de Ensino Supervisionada

Rom – Carta aos Romanos

2 Tim – Segunda Carta a Timóteo

Tt – Carta a Tito

## INTRODUÇÃO

Neste relatório final da minha Prática de Ensino Supervisionada(PES), proponho-me desenvolver, do ponto de vista teológico, os conteúdos do programa de Educação Moral e Religiosa Católica que lecionei. Tomando como tema o título da Unidade Letiva 2 do 6ºano, *Jesus um homem para os outros*, procurarei refletir sobre o conceito de salvação apresentando-o como libertação. Como terei oportunidade de explicar, não pretendo expor e desenvolver uma teologia da libertação, mas entrar em diálogo com a linguagem do mundo de hoje, para comunicar um conceito de salvação cristã que possa ter consequências práticas na vida do crente e do não-crente. Desejo, por isso, a partir da minha experiência pessoal e da PES, refletir sobre a dimensão antropológica e cultural da religião, propondo um conceito teológico de salvação que opere uma verdadeira libertação do ser humano que, hoje, num mundo em mudança, procura ser livre. Os sinais que os tempos revelam podem ser lidos, dentro de uma perspectiva saudosista, como o fracasso de um desenvolvimento humano que tende para a perversidade, isto é, o nosso tempo é passível de ser contemplado como um tempo de perda de valores, de perda de sentido, de perda da tradição, etc. Todavia, as mudanças de paradigma, embora sejam marcadas por uma rutura, também nascem da esperança, por isso, como fruto do meu discernimento e análise, gostaria de propor um conceito de salvação libertador, que possa ajudar o aluno de EMRC a descobrir a religião como parte integrante da vida, ajudando-o a lidar com as suas lutas interiores e a ter uma visão crítica da realidade que o envolve. Desejando identificar os pontos fortes que fundamentem uma nova utopia e fortaleçam a função humanizadora das aulas de EMRC, procurarei, deste modo, apresentar Jesus Cristo como salvador que liberta a vida humana do peso do fracasso, da frustração do consumismo e do tabu da morte. Jesus é um homem para os outros, porque salva toda o género humano, libertando-o

da opressão interior e exterior, que o impede de concretizar a plenitude da sua vocação para a liberdade.

Optei por organizar este relatório em seis capítulos, embora dois deles se concentrem, de modo especial, sobre uma visão antropológica e cultural da religião e da disciplina de EMRC, e os restantes quatro, numa reflexão teológica que tenderá a traduzir o conceito cristológico de salvação como libertação. Por isso, este trabalho, seguindo o Paradigma Pedagógico Inaciano, mais do que desenvolver e justificar uma reflexão teórica sobre o tema enunciado, pretende ser uma reflexão prática, que partindo da experiência da PES e passando pela reflexão filosófica e teológica, possa chegar a uma proposta de ação concreta para as aulas de EMRC.

Assim, no primeiro capítulo, *A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica*, apresentarei, de forma sucinta, as bases antropológicas e culturais da dimensão religiosa, justificando a importância do ensino religioso nas escolas e elencando aqueles que considero ser os quatro desafios atuais da disciplina de EMRC.

No segundo capítulo, *Prática de Ensino Supervisionada*, depois de contextualizar a UL 2 no programa de EMRC e de expor as planificações de nível I e IV que utilizei, procurarei refletir sobre os desafios e dificuldades experimentados, dando um destaque especial ao uso da Bíblia nas aulas e à tradução para linguagem contemporânea de conceitos teológicos complexos.

No terceiro capítulo, *A libertação como conceito teológico*, distinguindo entre libertação interior e exterior, e referindo as suas consequências, delimitarei o conceito de libertação, remetendo-o a um âmbito teológico específico.

No quarto capítulo, *Raízes bíblicas da libertação*, tendo por base o conceito definido, analisarei aquelas que considero ser as raízes bíblicas que alimentam um conceito teológico de libertação, percorrendo, no Antigo Testamento, as narrações da criação e do êxodo e o

fenômeno do profetismo, e, no Novo Testamento, a chegada do Reino através de Jesus e o nascimento da Igreja através da descida do Espírito Santo.

No quinto capítulo, *Jesus traz-nos a salvação como libertação*, através da história do dogma e da Tradição, centrando-me nos conteúdos lecionados e desenvolvendo uma cristologia, procurarei mostrar como Jesus é um homem para os outros, porque pelo seu dinamismo incarnatório, como Filho de Deus, munido de uma santidade peculiar, opera a salvação libertando o género humano. Apoiado no segundo artigo do Credo, procurarei mostrar como a vida de Jesus não é um conjunto de acontecimentos salvíficos, mas uma unidade coerente de sentido, que pelo dinamismo salvador iniciado pela encarnação até à entrega total si, realiza pela ressurreição, a libertação máxima do ser humano.

Por fim, no sexto capítulo, *Jesus Cristo libertador*, voltando a algumas das questões suscitadas pela PES, em jeito de síntese, a partir de três quadros bíblicos, proporei um Jesus libertador que liberta pelo diálogo, exercendo o perdão e dando a consolação.

Este é o percurso que proponho e que está na origem deste texto: a passagem de um ser humano a-religioso, indiferente ao seu próprio ser e como que adormecido, a um ser humano verdadeiramente religioso, liberto do dogmatismo, da ideologia e, sobretudo, do preconceito repetido de que a religião oprime. Para tal efeito, não proponho uma revolução axiológica ou racional, nem tão pouco um pietismo desencarnado, mas uma conversão de sentido, que sem aniquilar o humano, pondo a nu a sua origem, o liberte de tudo aquilo que o impede de alcançar uma existência não-vazia. Cristo surge, deste modo, como a realização plena da vida humana, uma vida libertada do pecado e da morte. E as aulas de EMRC como o espaço que a vida humana pode utilizar para crescer como livre e profundamente religiosa.

# 1. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

## 1.1. Contexto antropológico e cultural da Religião

“«Religião», no sentido que a palavra adquiriu com a moderna ciência ocidental das religiões, é um ato especificamente humano, presente numa pluralidade de manifestações históricas que têm em comum: estar inscritas num mundo humano específico, definido pela categoria do «sagrado»; constar de um sistema organizado de mediações: crenças, práticas, símbolos, espaços, tempos, sujeitos, instituições, etc, nas que se expressam a peculiar resposta humana de reconhecimento, adoração, entrega, a Presença da mais absoluta transcendência no fundo da realidade e no coração dos sujeitos, e que outorga sentido à vida do sujeito e à história, e, assim, o salva”.<sup>1</sup>

### a) *Ser humano, Cultura e Religião*

Se se definir teologicamente o ser humano como ícone da Trindade, isto é, como um ser feito à imagem e semelhança de Deus – *Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra (Gn 1,27)* –, pode-se, então, afirmar antropológicamente, que desde a sua origem, ele é um ser religioso. Desde a sua génese, a existência que lhe é oferecida como dom e tarefa, carece de um sentido, que ele religiosamente procura, como resposta simbólica ao sopro que lhe deu vida – *o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida (Gn 2,7)*. Como ser religioso, o ser humano, na sua condição, é chamado a acolher e a reconhecer culturalmente a presença do

---

<sup>1</sup> “«Religión», en el sentido que la palabra ha adquirido en la moderna ciencia occidental de las religiones, es un hecho humano específico, presente en una pluralidad de manifestaciones históricas que tienen en común: estar inscritas en un mundo humano específico definido por la categoría de «lo sagrado»; constar de un sistema organizado de mediaciones: creencias, prácticas, símbolos, espacios, tiempos, sujetos, instituciones, etc, en las que se expresa la peculiar respuesta humana de reconocimiento, adoración, entrega, a la Presencia de la más absoluta transcendencia en el fondo de la realidad y en el corazón de los sujetos, y que otorga sentido a la vida del sujeto y a la historia, y así le salva.” – in: J. M. VELASCO, *Introducción a la fenomenología de la religión*, Editorial Trotta, Madrid, 2006<sup>6</sup>, p. 574.

Mistério<sup>2</sup> na história, através de um sistema organizado de mediações. Assim, a religião, como construção narrativa de sentido, é um ato especificamente humano, na medida em que a existência humana, atravessada pela intensa presença do «Sagrado», é desde a sua ferida ontológica desejo de infinito<sup>3</sup>. Como comprova o estudo fenomenológico comparado das diferentes religiões, o que caracteriza o fenómeno religioso, nas suas múltiplas formas, não é a diversidade expressiva de ritos e símbolos, mas o facto de este se distinguir de outro tipo de fenómenos humanos, apresentando uma determinada estrutura comum, que se sobrepõe a todas as diferenças culturais, axiológicas e simbólicas: a presença da mais absoluta transcendência no íntimo da realidade e no coração dos sujeitos.

No entanto, a religião, enquanto fenómeno histórico e humano, vive ameaçada por alguns tipos de reducionismos antropológicos: psicológico, moralista, racionalista e sociológico. A repulsa do Sagrado ou o desejo profundamente religioso de acabar com a religião, conduziram certas interpretações, a tentativas explicativas redutoras do fenómeno religioso<sup>4</sup>. Estas tentativas redutoras, inebriadas pela força explicativa da técnica, afirmam que a religião, como ato especificamente humano, é abstrativa e alienante. Deste modo, a religião não teria origem na resposta a uma Presença<sup>5</sup>, mas na tentativa antropológica de o ser humano se superar

---

<sup>2</sup> “Con este término [Misterio] designo el conjunto de rasgos en los que coinciden las diferentes representaciones de ese *prius*, ese *supra*, ese *ultra*, es decir, esa realidad anterior, superior y que está más allá, en relación con el mundo del hombre, al que hacen referencia los hombres de todos los tiempos cuando se introducen en el mundo de lo sagrado”. – in: J. M. VELASCO, *Introducción a la fenomenología de la religión*, p. 562.

<sup>3</sup> “La voluntad humana gracias a su inevitable expansión, mismo sin saberlo, tiene exigencias divinas. Su deseo es alcanzar y conquistar a Dios; desea ciegamente tocarle. Todavía, Dios no tiene razón de ser en nuestro pensamiento y en nuestra acción permanece inaccesible e inviolable en su misterio. Permanece fuera de nuestro alcance”. – in: M. BLONDEL, *La Acción*, BAC., Madrid, 1995, p. 405.

<sup>4</sup> Pode parecer contraditório, ou até, um simples jogo de palavras, mas a história do pensamento contemporâneo mostra-o bem: sempre que a humanidade tenta acabar com a religião ou reduzi-la ao imanente, a tendência é criar formas de religião ditas “laicas”, mas que, no fundo, são a expressão deste ato especificamente humano. Tomem-se como exemplo a tentativa positivista de aniquilar a religião, criando uma nova cultura, que era profundamente religiosa, e o fenómeno social complexo que é hoje o futebol, numa sociedade cada vez mais secularizada e sem religião.

<sup>5</sup> “Presencia: en el sentido más fuerte del término, para caracterizar su relación con el ser humano como acto permanente de manifestación y donación de sí mismo, como raíz permanente del ser de todo creado y del acto mismo de ser del hombre”. – in: J. M. VELASCO, *Introducción a la fenomenología de la religión*, p. 563.

a si próprio, num exercício gnóstico de auto-transcendência-imanente: reduzindo o Sagrado à imanência, estes reducionismos tendem a explicar a transcendência e a presença do Mistério, através da necessidade que o ser humano tem de se projetar num ser divino, que, do ponto de vista psicológico e moral, seja solução para os seus dilemas. Na mesma linha, outros tentam reduzir o fenómeno religioso ao seu aspeto racional e neurológico, ou ainda, ao seu aspeto social, afirmando que a religião, como *ópio do povo*<sup>6</sup>, é um fenómeno meramente humano que nada tem de divino. Em suma, estes tipos de reducionismos, suportados por uma explicação naturalista da religião, tendem a reduzir o fenómeno religioso e a capacidade simbólica do ser humano a um constructo cultural, negando que o ser humano seja um ser religioso desde a sua origem. No extremismo máximo destes reducionismos, a cultura humana chegaria à sua máxima e madura expressão, quando já não tivesse necessidade de recorrer às explicações exotéricas e alienantes da religião, para interpretar o mundo e a história. Neste paradigma, a religião é qualificada de obsoleta e é considerada um verdadeiro impedimento ao avanço da ciência e ao desenvolvimento da cultura.

Uma certa confusão entre laicidade e laicismo, em muitos países europeus, transformou a secularização do Estado, numa a-religiosidade cultural, confundindo o respeito e a tolerância pelas crenças do outro, com a luta proactiva contra a expressão pública da religião. Ao explicar a existência do fenómeno religioso, a partir do preconceito histórico, de que hoje somos culturalmente superiores aos seres humanos da pré-história, confunde-se o avanço cultural com o avanço da técnica, reduz-se o fenómeno religioso a aspetos circunstanciais e dificulta-se ao

---

<sup>6</sup> Karl Marx não foi o primeiro a empregar esta expressão, contudo foi aquele que, a partir do conceito de alienação de Schopenhauer, melhor desenvolveu e aprofundou esta ideia. A Religião é assim um ópio do povo, na medida em que o hipnotiza criando nele uma dependência. Por outras palavras, Marx vê na religião uma forma de alienação e não uma forma de realização da condição humana: através da religião o ser humano vê-se reduzido na sua liberdade, condicionado na sua utopia e subjugado a uma força que supostamente é superior. Algo semelhante ao que Nietzsche afirma no *Anticristo*, encetando uma desenvolvida reflexão sobre a necessidade que o ser humano tem de se libertar da religião para poder ser verdadeiramente humano – um super-homem, ou como diria a mitologia grega, um herói.

ser humano a possibilidade de encontrar sentido para a sua existência. Aliás, ao não reconhecer o valor cultural e humano da religião, corre-se o risco de asfixiar a existência humana na sofreguidão capitalista do consumo e da competição.

Contudo, não é por negar que o ser humano é um ser religioso, que ele deixará de o ser<sup>7</sup>, por isso, quanto mais se negar, mais ele sentirá necessidade de se expressar simbolicamente, como ser religioso. Talvez, por isso, hoje, a procura de sentido se tenha intensificado e se utilizem meios tão diversos, por vezes contraditórios, na procura da paz interior. A longa história das religiões e os estudos arqueológicos, mostram que o fenómeno religioso subsiste desde que existe o ser humano, e que a dimensão religiosa não é uma alienação, mas ela nasce do desejo intrinsecamente humano da transcendência, como expressão simbólica da sua condição religiosa. Assim, as mediações simbólicas que estruturam a diversidade do fenómeno religioso, expressam a presença do mistério, e, como resposta, convidam a existência a abrir-se a uma interioridade de sentido. O Sagrado, sendo imanente e transcendente, orienta o desejo humano para a fonte da sua origem, fazendo-o ser cada vez mais aquilo que desde a sua origem ele está chamado a ser: dom. A experiência radical do dom, ao transcender a resposta moral da obrigatoriedade imposta pela troca, propõe a gratuidade como símbolo, isto é, a libertação do vício económico. A expressão simbólica do fazer-se dom, introduz na existência humana uma metáfora criadora de sentido, que na expressão máxima do fenómeno religioso, conduz o ser humano ao exercício hermenêutico da profundidade. Através do culto e do mito, a expressão

---

<sup>7</sup> “Esta concepção, que aponta para algo de universalmente humano, afasta-se daquilo que é o entendimento corrente, mas pode ajudar a entender como a religião no ser humano não pode morrer, mesmo que as religiões históricas possam envelhecer e porventura morrer. A possibilidade de uma existência humana concebida sem qualquer preocupação ou dimensão religiosa torna-se, nesta perspectiva, uma representação impossível, pois o princípio religioso não pode calar-se enquanto exista o ser humano.” – in: J. AMBROSIO, *Dimensão Religiosa e Condição Humana*, Documento não publicado. Texto de apoio à disciplina de “Didática Específica de EMRC. Faculdade de Teologia de Lisboa, UCP, 2015, p. 21.

simbólica do fenómeno religioso, ajuda o ser humano a construir uma narrativa de sentido, onde o Sagrado, mais do que uma linguagem repetitiva, se revela metáfora viva e libertadora.

Neste sentido, pode-se identificar o fenómeno religioso com a peculiar experiência humana de reconhecimento, adoração e entrega ao Mistério: o reconhecimento humano da presença do Mistério, provocando um sentimento de adoração, conduz a vida humana à entrega, nesse desejo infinito de liberdade, que só se concretiza através do dom de si. Como experiência peculiar humana, a experiência religiosa, projeta a finitude humana no infinito que se faz presente: o Mistério, transcendente e imanente ao ser humano e ao seu mundo, dando-se gratuitamente, convida o ser humano ao exercício livre do abandono. A experiência religiosa abre, assim, os sentidos humanos à presença discreta do Mistério e projeta a sua liberdade e a sua vontade no fim último do Bem<sup>8</sup>.

Do ponto de vista teológico, a religião<sup>9</sup> pode-se, então, definir como *ordo ad Deum*, como afirma São Tomás de Aquino<sup>10</sup>, e o ser humano como *homo capax Dei*, como definia Santo Agostinho<sup>11</sup>. Como *ouvinte da palavra*<sup>12</sup>, que lhe é dirigida desde a sua origem como metáfora viva, o ser humano é criado como *capax Dei* – capaz da transcendência – e, embora, tenha perdido a semelhança pelo pecado, permanece imagem – *ordo ad Deum* – que caminha para a Deus. Apesar da distância que o separa de Deus, através da experiência religiosa, é chamado a viver uma vida plena, atravessada pelo Mistério, “porque o mistério do homem só

---

<sup>8</sup> “El carácter verdaderamente extático de esta actitud impone una nueva forma de ejercicio de las facultades del hombre: su razón no actúa explicando, comprendiendo, sino escuchando; su voluntad no interviene dominando, sino haciéndose disponible y acogiendo; impone, incluso, una nueva forma de ser en la que la realización de sí mismo no se opera sobre la base del poseer o dominar, sino desde la disposición a entregarse y acoger”. – in: VELASCO, *Introducción a la fenomenología de la religión*, p. 567.

<sup>9</sup> Sobre o conceito teológico de religião: cf. P. PANIZO, “Teología fundamental”, in: AA. VV., *La lógica de la fe. Manual de teología dogmática*, Unión Editoriales, Madrid, 2013, pp. 17-84.

<sup>10</sup> Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae* (II-II, 81,1).

<sup>11</sup> Cf. AGOSTINHO HIPONA, *De Trinitate*, XIV, 8: PL. 42,1044.

<sup>12</sup> Cf. K. RAHNER, *Oyente de la palabra. Fundamentos para una filosofía de la religión*, Biblioteca Herder, Barcelona, Sección de teología y filosofía, Vol. 88, 1967, pp. 103-153.

no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente” (GS 22). Inspirado pelo pensamento de Tillich e pela sua *Teologia da Cultura*<sup>13</sup>, reconheço que a religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião, uma vez que a religião se define pelo facto de, em última instância, o ser humano estar preocupado por aquilo que deveria ser a sua “preocupação última” (*ultimate concern*)<sup>14</sup>. Tentando eliminar a distância entre sagrado e profano, Tillich propõe uma noção de religião existencial, uma *ultimate concern*, que atravessa toda a cultura e todas as formas culturais simbólicas, mostrando como o religioso é um elemento constitutivo do humano<sup>15</sup>. Toda a ação humana se vê, assim, habitada por um sentimento religioso, uma preocupação última, que faz o ser humano buscar e encontrar sentido em tudo aquilo que faz: no exercício da sua liberdade, na realização da sua vontade, na construção do bom e do belo, enfim, em toda a sua expressão cultural, o ser humano é chamado a decifrar na sua vida a presença insondável do Mistério<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Cf. P. TILLICH, *Théologie de la culture*, Éditions Planète, Paris, 1968, pp. 89-104.

<sup>14</sup> “La religion est le fait d’être ultimement concerné par ce qui est et devrait être notre préoccupation ultime. Ceci signifie que la foi est le fait d’être saisi par une préoccupation ultime et que Dieu est le nom donné au contenu de cette préoccupation”. – in: P. TILLICH, *Théologie de la culture*, p. 89.

<sup>15</sup> “La notion existentielle de religion a pour deuxième conséquence de faire disparaître le fossé entre le domaine sacré et le domaine séculier. Si la religion est le fait d’être saisi par une préoccupation ultime, ce fait ne peut être restreint à un domaine particulier. Le caractère inconditionnel de cette préoccupation implique qu’elle se rapporte à n’importe quel moment de notre vie, à n’importe quel espace et domaine. L’univers entier est le sanctuaire de Dieu. Tout jour ouvrable est un jour du Seigneur, tout repas un repas du Seigneur, tout travail l’accomplissement d’une tâche divine, toute joie une joie en Dieu. Dans toutes nos préoccupations préliminaires, une préoccupation ultime est présente qui les consacre. Par nature, le religieux et le séculier ne sont pas des domaines séparés. Ils s’interpénètrent plutôt l’un et l’autre”. – in: P. TILLICH, *Théologie de la culture*, p. 91.

<sup>16</sup> “For Tillich, ‘ultimate concern’ is the phrase that best captures the meaning of faith and, in the broadest sense, of religion as well. He described this concern in various ways. To do that, he employed expressions such as ‘unconditional seriousness unconditional concern, infinite concern, directedness toward the Unconditional, the state of being grasped by the power of being itself and the dimension of depth’. – in: L. SCOTT SMITH, “What Is Faith ? : An Analysis of Tillich’s ‘Ultimate Concern’”, *Quodlibet Journal* 5 (2003/4) 2.

## ***b) Educação Moral e Religiosa Católica***

Enquanto seres humanos, pertencemos a uma cultura: fomos acolhidos e reconhecidos numa comunidade<sup>17</sup> e fazemos parte de uma tradição. O ensino de EMRC deve, por isso, acompanhar o desenvolvimento e o crescimento de todo o ser humano, abrindo a sua existência à busca de sentido. Na perspectiva do pensamento de Tillich, esta disciplina deve colaborar na formação integral dos alunos, ajudando-os, independentemente da confissão religiosa, a tomarem consciência de si, dos outros e do mundo, isto é, ajudando-os a aprofundar a dimensão religiosa da vida humana<sup>18</sup>.

Neste sentido, o ensino da EMRC, deve proporcionar esta descoberta interior da Presença do Mistério, através da tradição cristã católica. Esta deve ser uma descoberta de sentido, feita a partir da experiência e que não esqueça a estrutura simbólica inerente a todo o ato religioso. Por exemplo, através do estudo do Antigo Testamento e de como se constrói a narrativa bíblica, pode-se ajudar os alunos a fazer a sua própria narrativa de sentido, promovendo uma hermenêutica da profundidade: uma hermenêutica da presença do Mistério na história pessoal. Como referi, não se trata de acrescentar a experiência religiosa à existência, como se a religião fosse algo de extrínseco à existência humana, mas de ajudar a reconhecer a presença do Mistério em mim, nesse *ultimate concern* que atravessa todas as dimensões da vida humana e toda a atividade enquanto pessoa.

EMRC, enquanto disciplina, deverá promover um crescimento integral e profundo do ser humano, dando espaço à expressão simbólica da cultura e à profundidade do fenómeno

---

<sup>17</sup> “É a este nível que surge, para Lluís Duch, a comunidade como lugar natural de acolhimento e reconhecimento, comunidade que não é ela mesma algo meramente natural e instintivo, mas que requer uma construção empenhada, baseada na relação inter-pessoal.” – in: J. AMBROSIO, *Dimensão Religiosa e Condição Humana*, p. 3.

<sup>18</sup> “Quel sens faut-il donner le mot « profondeur » ? Cette métaphore signifie que l’aspect religieux est orienté vers ce qui est ultime, infini, inconditionnel dans la vie spirituelle de l’homme. La religion, dans le sens le plus large et le plus fondamental du mot, est la préoccupation ultime. Cette préoccupation ultime se manifeste dans toutes les fonctions créatrices de l’esprit humain”. – in: P. TILlich, *Théologie de la culture*, p. 46.

religioso. Num tempo em que se procura intensamente a paz, trata-se de propor um caminho, ou melhor, de fazer, como mistagogos esse caminho com os alunos, ajudando-os a fazerem a descoberta interior do sentido da existência. Conscientes de que as aulas de EMRC não se devem confundir com a catequese ou a pastoral, por terem objetivos diferentes, parece-me que se podem inspirar na *mistagogia*<sup>19</sup>, não tanto no seu aspeto catequético, mas no movimento que ela implica de introdução, compreensão, reflexão sobre a forma como o Mistério se faz presente e dá sentido à existência humana.

## 1.2. O ensino religioso nas escolas

“Há cada vez mais um consenso entre os educadores em reconhecer que o conhecimento das religiões e das suas crenças constituiu uma das partes importantes da educação de qualidade, que pode fomentar uma cidadania democrática, o respeito mutuo, aumentar o apoio à liberdade de religião e promover o conhecimento da diversidade social. Ainda que as questões de fé possam gozar de uma proteção, em quanto opções pessoais, nenhum sistema educativo pode permitir-se ignorar o papel das religiões e crenças na história e na cultura”.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> “Car, par nature même, la mystagogie est liée à la liturgie. Mieux : à la célébration liturgique, puisqu’elle vise à faire « entrer dans le mystère » (ce que signifie l’étymologie grecque *myst-agô*)... Y faire entrer à partir non pas d’un cours, mais d’un parcours ; non pas de l’extérieur, à partir d’une réflexion préalable (laquelle, bien sûr, n’est pas pour autant exclue...), mais de l’intérieur, à partir de l’expérience que la célébration liturgique de ce que S. Paul appelle le « mystère du Christ » (Col 4,3 : Ep 3,4) donne à vivre aux participants. « Mystère » est ici entendu, bien sûr, dans le sens que lui donne la langue chrétienne. Sens, il faut dire, souvent obscur pour nos contemporains, car à peu près opposé à ce qu’ils mettent spontanément sous ce terme. Un « mystère », par conséquent, qui n’est pas là pour humilier les hommes de raison, ni pour stimuler l’imaginaire des curieux d’Atlantide ou des furieux d’horoscope, mais au contraire qui, tout en demeure certes inépuisable au regard de la raison humaine, n’en est pas moins éminemment raisonnable ; un mystère, en tout cas, qui donne à vivre, parce que (comme dans le « mystère de la vie » ou « de l’amour » ou « de la mort »), plus on éprouve de vive expérience, plus il donne à la vie cette « épaisseur » qui en fait la réalité à la fois la plus précieuse et la plus fragile... Un mystère qui « nourrit », en somme”. – in: L.-M. CHAUVET, "La ‘mystagogie’ aujourd’hui : jusqu’où ?", *Lumen Vitae* 63 (2008/1) 36-37.

<sup>20</sup> “Hay un consenso cada vez mayor entre los educadores en el sentido de que el conocimiento de las religiones y creencias constituye una parte importante de una educación de calidad, y de que puede fomentar una ciudadanía democrática, el respeto mutuo, acrecentar el apoyo a la libertad de religión, y promover la comprensión de la diversidad social. Si bien las decisiones sobre cuestiones de fe deben gozar de una protección en cuanto opciones personales, ningún sistema educativo puede permitirse ignorar el papel de las religiones y creencias en la historia y la cultura. La ignorancia acerca de esta temática puede alimentar la intolerancia y la discriminación, y puede dar lugar a que surjan estereotipos negativos. Aún peor, puede conducir a un incremento de la hostilidad, conflictos y en último término violencia, con las consiguientes posibles amenazas para la seguridad y la estabilidad en toda la región de la OSCE, como demuestra tristemente, y con claridad, la historia reciente.” – in: ORGANIZACIÓN

Chegados a esta fase da reflexão, impõem-se algumas perguntas sobre a legitimidade e especificidade da disciplina de EMRC: deve o ensino religioso ser obrigatório? como podemos defender a sua legitimidade? poderá um Estado laico ser a-religioso? deve o ensino da Religião fazer parte de todo o projeto educativo? até que ponto o ensino confessional da Religião não é um ensino reservado a projetos educativos confessionais? pode haver ensino confessional da religião numa escola que se diga laica? para além das leis, como concretizar pedagogicamente o ensino de EMRC?

Todavia, parece-me que todas estas perguntas sobre a legitimidade e especificidade do ensino religioso, escondem uma outra questão prévia e estruturante: o que é a educação? Assim, só se poderá avançar num projeto de resposta, se previamente se estabelecer que a educação é um “processo que deve levar ao conhecimento do essencial de si mesmo, do mundo e do outro, (...), logo, a educação encaminha-se para a autenticidade.”<sup>21</sup> Deste modo, a educação não se reduz a um projeto de transmissão e averiguação de conhecimentos, mas ela visa proporcionar ao sujeito uma visão adequada do mundo, dos outros e de si próprio: através do diálogo, promove a relação ativa entre o sujeito e a cultura, ajudando-o a ser aquilo que desde a sua origem ele está chamado a ser. Do ponto de vista teológico, a educação colabora com a criação contínua de Deus, isto é, enquanto ato libertador, ajuda o sujeito a fazer a descoberta da presença da graça de Deus em si, promovendo o seu desenvolvimento integral.<sup>22</sup>

---

PARA LA SEGURIDAD Y LA COOPERACIÓN EN EUROPA, *Principios orientadores de Toledo sobre la enseñanza a cerca de religiones y creencias en las escuelas públicas*, OSCE – ODIHR, Varsovia, 2008, p. 20.

<sup>21</sup> L. S. FERRAZ, “Religião se aprende na escola”, p. 5 - in: [http://www.hottopos.com/mirand\\_16/laragp.htm](http://www.hottopos.com/mirand_16/laragp.htm). Obtido em 15/07/2017.

<sup>22</sup> “A formação/educação deve conceber-se e realizar-se como um processo progressivo de integração da vida humana e pessoal de todo o educando, até este atingir a realização plena das suas capacidades. Consiste em desenvolver no educando as modificações adequadas e convenientes que o levem a alcançar o seu fim último, ou seja, à maturidade pessoal que o prepare para viver ativamente na sociedade de que é membro.” – in: M. PEREIRA GOMES, “O Educador segundo a *Ratio Studiorum* dos Jesuítas”, in: J. M. MARTINS LOPES (Org.), *A pedagogia da Companhia de Jesus*, pp. 216.

### ***a) a questão da legitimidade: sim ou não?***

Os ataques terroristas em França, país que se define como laico e sociedade que se afirma secular, trouxeram para a Ágora da República a discussão sobre a educação. Depois de avaliado o perfil dos terroristas, o governo deu início a uma campanha de propaganda contra a radicalização ideológica, com vídeos, ações de informação, intervenção nas escolas, etc. Durante algum tempo, a sociedade Francesa fomentou um grande debate público sobre os valores da República, a importância da escola, a integração das periferias, as novas formas de guerra; no entanto, quase não se ouviu falar sobre a religião e a forma como o Ensino Público deve integrar o ensino da religião, como combate aos extremismos, na promoção de uma sociedade plural de respeito e tolerância. De facto, movidas pelo secularismo, as sociedades europeias tendem a privatizar o fenómeno religioso, provocando uma certa *iliteracia religiosa*<sup>23</sup>. Este tipo de “iliteracia” caracteriza-se pela ausência de cultura religiosa, isto é, uma incapacidade cultural para reconhecer e interpretar o universo simbólico das religiões. Fruto da pluralização das visões do mundo, o secularismo tende a ignorar o fenómeno religioso e a lutar contra ele, privatizando-o, por isso, as sociedades radicalmente secularizadas tendem a ver a religião como uma ferramenta obsoleta e prescindível. Reconhecendo-se e afirmando-se, por vezes, culturalmente superiores, estas sociedades identificam a religião com o misticismo e apelidam o ensino religioso de esoterismo, remetendo-o para o foro privado. Assim, quando se vêm confrontadas com o fundamentalismo religioso, procuram respostas teóricas e pedagógicas, que ignorando a complexidade do fenómeno religioso e não atendem ao ser humano na sua integralidade. Respostas fictícias, que em vez de promover o diálogo entre as diferentes cosmovisões do mundo, aumentam as distâncias que o capitalismo global criou entre pobres e

---

<sup>23</sup> Cf. A. TEIXEIRA, “A cultura religiosa na escola”, *Pastoral Catequética*, 5 (2006), pp. 53-54.

ricos, entre cultos e não cultos. São, por isso, respostas que partem de posições parciais e que em vez de promoverem o diálogo aniquilam a diversidade. Em suma, os problemas do nosso mundo, tal como o fundamentalismo religioso, carecem de respostas completas e profundas, que em vez de reduzirem o ser humano a uma ideologia, devem promover o diálogo na diferença, construindo um espaço comum: a comunidade<sup>24</sup>.

Neste sentido, tendo em conta as raízes culturais da Europa, parece-nos que a existência do ensino religioso na escola pública não deve ser apenas uma exigência da Igreja Católica ou de qualquer outra instituição religiosa, mas um direito assegurado pelo Estado. O Estado não pode nem deve privar o cidadão de uma formação religiosa, pois esta é essencial na construção da sua personalidade pública e para o seu desenvolvimento integral. Contudo, ele deve preservar-se laico, isto é, deve proporcionar aos seus cidadãos uma formação religiosa segundo as suas crenças e tradições, sem assumir oficialmente uma religião e sem o obrigar a frequentar este tipo de ensino. Desta forma, restam duas opções, ou se educa integralmente através da tradição, ajudando os alunos a adquirirem uma linguagem religiosa, ou simplesmente se ignora essa capacidade humana para o transcendente. Ao oferecer aos alunos uma visão religiosa do mundo, não se está apenas a educar na fé, mas, sobretudo, a dar resposta a uma das aspirações humanas mais estruturantes, por isso, a luta contra a ideologia e o fundamentalismo requiere um ensino religioso sério, onde o ser humano é chamado a refletir sobre a sua ação e a descobrir na sua vida a presença do Mistério.

Deste modo, o combate à *iliteracia religiosa* é também um combate ao fundamentalismo religioso, na medida em que o ensino religioso coloca o aluno em contacto com diferentes tradições religiosas e o ajuda a interpretar a diversidade do fenómeno religioso.

---

<sup>24</sup> Adela Cortina distingue entre uma ética de mínimos e uma ética de máximos. A ética de máximos permite a cada sujeito construir a sua felicidade de forma diversa; a ética de mínimos possibilita a vida comum, impedindo que os máximos entrem em conflito: cf. A. CORTINA, *Ética Mínima*, Tecnos, Madrid, 2000<sup>6</sup>, pp. 100-129.

Ao munir o aluno de uma semiótica religiosa, o ensino da religião não só permite melhor compreender as diferentes representações simbólicas, desenvolvendo uma linguagem religiosa, como também favorece o diálogo entre as diferentes tradições. O ensino estruturado da religião na Escola Pública surge, assim, como uma resposta eficaz aos problemas levantados pelos radicalismos (secularismo, fundamentalismo, laicismo) e pelos reducionismos antropológicos (psicológico, moralista, racionalista e sociológico); como uma disciplina imprescindível a um projeto educativo que vise o desenvolvimento integral do ser humano. Em suma, o ensino da religião não oprime, mas liberta; possibilitando um diálogo que não anula, mas promove a diversidade. Em plena crise humanitária de refugiados, este tipo de ensino pode ajudar a vencer o medo do desconhecido, o preconceito religioso e o racismo.

### ***b) a defesa da legitimidade: como concretizar?***

Esta legitimidade, que tentei anteriormente justificar através da necessidade antropológica da disciplina, concretiza-se em dois níveis distintos: um institucional (programa da disciplina e formação dos professores) e um outro mais espontâneo (o da relação diária entre o aluno e o professor).

Por um lado, a nível institucional, o programa da disciplina deve ser adaptado aos seus fins, diferenciando o ensino da religião da catequese. Numa sociedade laica, o ensino religioso confessional, como o da disciplina de EMRC, não se pode reduzir à transmissão da doutrina, mas, como referi, deve criar e promover o diálogo, que permita a uma sociedade plural viver em paz. O exercício da paz, tal como o exercício da justiça ou do bem, podem ser também atos religiosos, que sem negar a diversidade ou impor determinada crença, constroem humanidade. Assim, os programas devem adaptar-se aos desafios das sociedades contemporâneas plurais, ajudando o aluno na construção da sua personalidade moral e cívica. Não se trata de

simplesmente incluir o conhecimento de outras confissões no programa da disciplina, mas de valorizar a riqueza humana da diversidade, sem com isto anular a identidade própria de determinada tradição. Por outras palavras, educar para o diálogo, construindo na diferença a própria identidade. Por isso, o programa deve também evitar ser generalista, sendo destemido na forma como evoca a memória e transmite uma tradição viva. Se como afirma *Gaudium et Spes* no número 22, o mistério do ser humano só se esclarece no mistério do Verbo encarnado, então as aulas de EMRC, através deste mistério, devem educar os alunos para a humanidade. Numa sociedade onde a transmissão cultural não se dá ou se dá com bastante ruído, onde a uniformidade da crença deu lugar ao pluralismo religioso, onde a escola é, cada vez mais, chamada a assumir tarefas que correspondiam aos encarregados de educação e à família, onde identificamos um elevado grau de iliteracia religiosa, o ensino da Religião e a formação dos professores devem adaptar-se a este novo perfil de aluno<sup>25</sup>. O professor de EMRC do séc. XXI tem de ser um fiel criativo: um educador que não tem medo da dúvida, que acredita com esperança no futuro, que não se cansa de reinventar a maneira como transmite a memória, que reconhece as potencialidades do presente, que ajuda o aluno a refletir sobre as suas ações, que acredita na vitalidade da pluralidade, que não vê a diferença como uma ameaça, que acredita nas competências da tecnologia<sup>26</sup>.

Por outro lado, esta legitimidade deve concretizar-se também, num nível mais espontâneo, na relação diária entre professor e aluno. Esta relação, de fulcral importância para

---

<sup>25</sup> “Pero más allá de la formación titular de la asignatura religiosa, en una u otra de las tipologías evocadas, es urgente proceder a una reforma de la cultura general de todos los enseñantes, a partir de esas asignaturas humanistas que presentan a menudo, quizá inconscientemente, una visión incompleta de las raíces culturales de su disciplina escolar; deberían poder interpretar correctamente el hecho religioso que encuentran en su materia, tratándola en la lógica epistemológica de su propia asignatura, en lugar de eliminarla e instrumentalizarla de una forma abusiva”. – in: F. PAJER, “Educación escolar y cultura religiosa”, *Cuadernos MEL*, 6 (2000) 20.

<sup>26</sup> “Uma leitura cristã de qualquer contexto cultural nunca poderá ser «a preto e branco», nem poderá de modo nenhum reduzir a cultura a algo simplesmente oposto ou idêntico ao cristianismo.” – in: J. M. DUQUE, “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 27.

o desenvolvimento integral do aluno, deve caracterizar-se, essencialmente, por dois aspetos: a profundidade e a maiêutica. Procurando resgatar o aluno da ditadura envolvente de uma cultura de massas<sup>27</sup>, através de um exercício hermenêutico, o professor deve ajudar o aluno a construir a sua personalidade, em liberdade. Num mundo massificado, onde a centralidade do consumismo leva cada vez mais o ser humano a autocentrar-se egoisticamente sobre os seus desejos e necessidades<sup>28</sup>, através desta relação espontânea, o professor pode ajudar o aluno a refletir sobre a forma como ele vive e exerce a sua liberdade. Sem confundir o papel do professor de EMRC com o dos pais, o professor é chamado a desenvolver uma relação, que sem deixar de ser institucional, revela-se como verdadeira ajuda educativa para o aluno. Por outras palavras, o professor de matemática ajuda a fazer exercícios; o de português a ler, escrever e interpretar textos; o de EMRC a pensar sobre a existência, o seu valor e exigências, abrindo-a à presença do Mistério. Ora, através de uma relação como esta, o professor de EMRC poderá ajudar o aluno a “recuperar o interesse pela dimensão afetiva, emotiva, articulada sobretudo simbolicamente”<sup>29</sup>. Assim, a exigência de um professor de EMRC é redobrada: para além da necessária preparação académica, ele deverá também apresentar uma grande capacidade humana. Para ser professor de EMRC é preciso ter vocação, ou seja, a preparação académica deve ser acompanhada de uma preparação espiritual e humana: não se trata de ser diretor espiritual, mas de estabelecer uma relação com o aluno, que através do institucional, maieuticamente, o faça descobrir a presença do Mistério no mundo e em si.

---

<sup>27</sup> “Ora, o indivíduo, perante mecanismos sociais manipuladores das emoções e em contexto global de diminuição da capacidade crítica, torna-se facilmente objeto de construção e modelagem, por parte da denominada «cultura de massas»”. – in: J. M. DUQUE, “Contributos para uma hermenêutica...”, p. 32.

<sup>28</sup> “Daí resultam seres humanos tendencialmente mais massificados e mais individualistas, sendo estes dois elementos, aparentemente paradoxais, apenas os dois reversos da mesma moeda”. – in: J. M. DUQUE, “Contributos para uma hermenêutica...”, p. 32.

<sup>29</sup> J. M. DUQUE, “Contributos para uma hermenêutica...”, p. 28.

### **1.3. Desafios atuais**

#### ***a) A iliteracia religiosa***

Como mencionei anteriormente, a sociedade de hoje vive um elevado grau de iliteracia religiosa: uma ignorância religiosa no que se refere a rituais, tradições, símbolos e conteúdos. Na origem desta iliteracia encontram-se fenómenos complexos, individuais e sociais, que conduziram o ser humano à ignorância do fenómeno religioso e a uma insensibilidade cultural para com os seus símbolos. Se, por um lado, existe uma grande diversidade cultural, potenciada pelo fenómeno da globalização e pela rápida circulação de informação; por outro, existe uma necessidade urgente de construir diálogo e favorecer o conhecimento mútuo. A sociedade europeia de consumo, profundamente secularizada, não só esqueceu as suas raízes cristãs, como querendo, por vezes, as repudiar, também anestesiou culturalmente o sentimento religioso humano e a estrutura religiosa simbólica social. Querendo negar o religioso, acabou por idolatrar aspetos da vida relativos, fazendo-os sentar no trono absoluto das prioridades, destruindo ou dessacralizando os símbolos religiosos, ou, pelo contrário, transformando-os em esoterismo.

Neste sentido, a disciplina de EMRC, estimulada por este desafio, deve promover uma narrativa de sentido, recuperando a memória quase esquecida. Uma nova forma de evangelizar que seja humanizadora, que recupere o ser religioso humano, oferecendo-lhe a liberdade de escolha, recuperando a capacidade de escuta e de autorreflexão, ajudando o ser humano a relativizar tudo o que não é absoluto. Urge, por isso, resgatar a esperança humana e desenvolver a hermenêutica como método histórico-existencial, fazendo dos professores de EMRC verdadeiros pedagogos mistagógicos.

## ***b) A ausência de sentido***

Como consequência desta negação do ser religioso, a humanidade e, de modo especial, as sociedades capitalizadas de consumo vivem um grande vazio existencial, que, progressivamente, as encaminha para o precipício da infelicidade<sup>30</sup>. Querendo, como Adão, ser como Deus, repudiando a sua condição de criatura, o ser humano não só construiu uma Babel que arranha os céus, como utilizou a diversidade de línguas como elemento diferenciador etnocentrista. O mundo globalizado está mais próximo, mas as sucessivas crises económicas, aumentaram as clivagens que separam economicamente os povos e tornaram quase impossível um desenvolvimento sustentável. Lentamente, há um vazio existencial que cresce como reflexo de uma excessiva valorização do ter em detrimento do ser, favorecendo a corrupção, o desrespeito pela vida humana, a injustiça, o relativismo, a exploração humana, etc. Ao contrário do que seria de esperar, a globalização, em vez de globalizar as oportunidades culturais do conhecimento, favoreceu o aumento de ecletismo intelectual e o elitismo cultural<sup>31</sup>.

Este desafio deve, por isso, ter uma resposta de sentido, estruturada a partir das aulas de EMRC. Não se pode continuar a educar para o vazio, ou para ausência de sentido, calando a dor da consciência com a laicidade da escola. Como demonstrei, esta laicidade não deve, nem pode ser impedimento a uma educação integral do ser humano: uma educação que, mais do que se preocupar com os resultados nos exames nacionais, valoriza todos os aspetos da complexa vida humana e ajuda cada aluno a fazer a descoberta de si (autenticidade)<sup>32</sup>. Em vez de fornecer

---

<sup>30</sup> “Temos consciência de que a educação escolar que temos não é a mais adequada, que é preciso mudar bastante aquilo que fazemos; talvez não tenhamos tanta consciência, e isso podemos aprender com estas escolas [rede de escolas da Companhia de Jesus na Catalunha], que temos de começar por mudar a nós próprios, de que precisamos de partilhar um sonho e de trabalhar juntos para o seguirmos com determinação e foco, com lideranças firmes e com os olhos postos no horizonte, com processos muito participativos e necessariamente lentos.” – in: J. AZEVEDO, *Há uma brecha no dique: Horizonte 2020*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2016, p. 7.

<sup>31</sup> Sobre as assimetrias económicas e culturais que foram reforçadas com a globalização, cf. J. J. VILA-CHÁ, “A Globalização – Aspectos teóricos e implicações práticas”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 59 (2003/1), pp. 3-31.

<sup>32</sup> “Tornar a pessoa mais pessoas é um objetivo que não pode fazer a educação perder o seu rumo. Por isso, mais importante que o prestígio académico é o amadurecimento humano, mais importante que a competição é a

respostas que devem ser replicadas nos testes, o ensino de EMRC deve criar no aluno a capacidade do discernimento, resgatando-o de uma cultura de massas que lhe impõe o que pensar, ver e vestir, libertando a sua liberdade condicionada por um modelo único de desenvolvimento e de vida.

### ***c) O pluralismo***

Esta mesma cultura de massas tende a considerar o pluralismo como uma ameaça e a alimentar o medo do diferente. Por vezes, como reação a este tipo de atitude surgem guetos sociais, que criando estereótipos preconceituosos, reduzem o ser humano à aparência: criam-se guetos culturais, económicos e etnográficos, e organiza-se a sociedade por grupos estanques que não comunicam entre si. Mais, ainda, na dita sociedade de informação, as pessoas através do uso exagerado das tecnologias, perdem capacidades de comunicação tipicamente humanas. Assim, o pluralismo, seja religioso, ideológico ou cultural, progressivamente, em vez de ser uma oportunidade de diálogo, transforma-se em racismo, fundamentalismo, incapacidade de diálogo. O medo do outro torna-se mais forte do que o desejo de diálogo e a paz vê-se ameaçada pelo perigo que a diferença do outro constitui.

Neste sentido, a disciplina de EMRC, enquanto espaço de encontro e de diálogo, pode ajudar os alunos a contemplarem e a reconhecerem, com gratidão, a diferença, transformando o pluralismo numa grande potencialidade humana. Lutando contra todo o tipo de reducionismos e radicalismos, promovendo a cidadania e o serviço ao próximo, EMRC pode não só ser uma disciplina de diálogo, mas através dos valores cristãos, ser uma disciplina promotora da pessoa

---

solidariedade, mais importante que a defesa da imagem é a cultura da justiça e da liberdade interior”. – in: J. M. MARTINS LOPES, J. M., “Um possível sentido para a vida. Uma proposta educativa”, *Brotéria*, 117 (2013) 312.

humana e da vivência comum plural. Opondo à violência o diálogo, o professor como mediador social, poderá não só despertar as consciências, como educar para a partilha (o dom de si).

#### ***d) Competência profissional***

Creio que talvez este seja um dos maiores desafios atuais: elevar EMRC à mesma dignidade das outras disciplinas. Alguns avanços se têm dado a nível legislativo e da formação dos professores, no entanto, a reputação da disciplina e dos seus docentes, nalgumas escolas, ainda é bastante aquém do desejado. Por um lado, esta má reputação é consequência direta de um sistema educativo centrado sobre disciplinas ditas troncais, desvalorizando tudo o que é matéria que não tem exame nacional ou não conta para o acesso à Faculdade. Por outro, também reconheço que este sentimento tem origem numa certa falta de competência profissional de alguns docentes de EMRC.

Assim, os docentes de EMRC devem procurar identificar as potencialidades da sua disciplina e dar-lhes visibilidade, investindo fortemente numa formação contínua profissionalizante. Como demonstra a experiência, não chega aumentar a oferta e qualidade da formação, mas é também preciso demonstrar a sua necessidade e aplicabilidade; não chega legislar, é preciso concretizar a legitimidade da disciplina no dia-a-dia. Por isso, o professor de EMRC, buscando em tudo o crescimento integral e profundo do aluno, deve predispor à conversão, predispondo-se também ele a refletir sobre a sua própria experiência e a mudar hábitos. Para ser educador é preciso estar em constante conversão e nunca se cansando de desejar fazer melhor.

## **2. Prática de Ensino Supervisionada**

A curta experiência de docência que tinha prévia, à Prática de Ensino Supervisionada (PES), aconteceu num colégio privado e, sobretudo, com turmas do Ensino Secundário (10º e 12º). Ora, a possibilidade de lecionar Educação Moral e Religiosa Católica numa Escola Pública Estatal, a uma turma do 6º ano, surgiu, assim, como um desafio duplo de, por um lado, conhecer o Ensino Público Estatal, trabalhando numa escola onde o Projeto Educativo não é de orientação religiosa e a disciplina de EMRC não é obrigatória, e, por outro, de aprofundar o programa do 6º ano, particularmente, a Unidade Letiva 2 (UL 2) – *Jesus, um homem para os outros* –, que foi a que me foi atribuída na planificação de início de ano.

Desta forma, partindo do contexto antropológico e cultural que acabei de expor, atendendo, sobretudo, aos desafios identificados, procurei, neste segundo ponto, refletir sobre a experiência que a minha Prática Educativa Supervisionada significou como contacto direto com a Escola Pública e com o programa do 6º ano de EMRC, tendo por base a dimensão religiosa desenvolvida, a legitimidade de EMRC e os desafios identificados. Começarei, portanto, por enquadrar a Unidade Letiva 2 no Programa de EMRC, apresentando as planificações de nível 1 e 4 que segui, e, em seguida, refletirei sobre os desafios e dificuldades que experimentei.

### **2.1. Unidade Letiva 2: Jesus, um homem para os outros**

Uma vez constituído o Núcleo de PES, a Professora Cooperante atribuiu-me, juntamente com outra colega, uma turma de 6º ano de EMRC, composta por 26 alunos. Quando nos reunimos para fazer a planificação de nível I, que apresentarei de seguida, e estabelecer o plano de atividades do ano letivo, por minha proposta, foi-me atribuída a Unidade Letiva 2 (UL2), que seria lecionada durante o 2º período de aulas. Olhando cuidadosamente o programa de

EMRC do 6ºano, propus-me trabalhar esta UL, por se tratar, do ponto de vista teológico, de um tema central do cristianismo e por sentir que, do ponto de vista didático, esta unidade permitiria um trabalho aprofundado de alguns textos bíblicos.

Não há nada mais central no cristianismo do que o seguimento de Jesus Cristo e não há nada mais transversal ao programa de EMRC que a pessoa de Jesus. Embora reconheça, que o grande objetivo das aulas de EMRC não é fazer, exclusivamente, pastoral, contudo, pareceu-me que esta unidade poderia provocar não só a curiosidade sobre o personagem histórico Jesus Cristo, como também, e, sobretudo, procurando combater a iliteracia religiosa apresentada pelos alunos, o desejo de passar do Jesus histórico ao Cristo da fé. Deste modo, ao passar por temas tão fundamentais, como o mistério da paixão, da morte e da ressurreição de Jesus, procurei, através de textos bíblicos, não só dar a conhecer um personagem histórico, mas criar as condições para que cada aluno e aluna pudesse experimentar o Cristo vivo da fé, mostrando que há duas formas de conhecer Jesus, uma vinculada à cultura religiosa (EMRC) e outra vinculada ao encontro pessoal com Jesus (Pastoral, Catequese, Espiritualidade).

O facto de Jesus ser apresentado nesta UL como um homem para os outros, teve um impacto bastante grande no crescimento destes alunos que se encontram em fase de transição do segundo para o terceiro ciclo, e num momento muito importante do desenvolvimento das suas capacidade e talentos. Desta forma, outra das razões que me levou a propor a lecionação desta UL, teve que ver com o perfil psicológico dos alunos deste ano, que, em geral, se mostram bastante recetivos e curiosos.

### **2.1.1. No programa de EMRC**

Considerando a totalidade do programa de EMRC, pode-se constatar que, para além do 6º ano, só o 9º ano contém três unidades letivas. Todos os restantes, com a exceção do

Secundário, estruturam-se em quatro unidades letivas. Comparando as unidades letivas do 6º e do 9º, apercebemo-nos de uma certa similitude quer no conteúdo, quer nos temas sugeridos. Ora, como anos de transição de ciclo, tanto o 6º ano como o 9º ano oferecem esta possibilidade de planificar o ano letivo fazendo corresponder os períodos letivos com as respetivas UL. Esta possibilidade, não só facilita a planificação das aulas, como também oferece a possibilidade de fazer corresponder ao 2º período, que por norma é o mais extenso, o tema que o professor deseje desenvolver com mais detalhe.

### *a) Metas e objetivos*

QUADRO 1: METAS E OBJETIVOS DO 6º ANO

| <b>METAS E OBJETIVOS DO 6º ANO</b>                                                          | <b>UL 1</b> | <b>UL 2</b> | <b>UL 3</b> |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-------------|-------------|
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história                | 1, 2        | 3,4         |             |
| E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo                            | 6           | 1           |             |
| G. Identificar os valores evangélicos                                                       | 3, 4        | 2           |             |
| I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade | 5           |             |             |
| J. Descobrir a simbólica cristã                                                             |             |             | 5,6         |
| K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com fundamento religioso  |             | 2           |             |
| M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano            |             | 5           |             |
| N. Promover o bem comum e o cuidado do outro                                                |             |             | 7           |
| O. Amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo                   | 7           |             | 1, 2, 3, 4  |

QUADRO 2: OBJETIVOS DA UL 2 DO 6º ANO

| <b>OBJETIVOS DA UL 2 DO 6º ANO</b> |                                                                                                |
|------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1                                  | Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro de identidade cristã                    |
| 2                                  | Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã |
| 3                                  | Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi missão Jesus, o Filho de Deus     |
| 4                                  | Reconhecer a ressurreição de Jesus como vitória da vida sobre a morte                          |
| 5                                  | Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano            |

Para a planificação desta UL 2 tive em consideração os objetivos que estão indicados para as metas B – *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*; E – *Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo*; K – *Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso*; M – *Reconhecer a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano*.

Neste sentido, a centralidade da pessoa de Jesus é o terreno fértil onde se inspiram as planificações, sobretudo, sublinhando a dimensão libertadora de Cristo: o seu ser para os outros não era apenas uma mera questão moral ou ética, mas a revelação messiânica da própria identidade trinitária. Tal como afirma o axioma de Rahner: *a Trindade económica é a imanente e ao contrário*<sup>33</sup>. Assim, através da hermenêutica de textos que narram os encontros libertadores de Jesus – a sua ação sanadora e salvífica –, procurei apresentar aos alunos não o Jesus exemplar, filósofo ou curandeiro, que inspira uma moral de valores que se aprendem e se memorizam, mas o Cristo da fé, o Ungido, Aquele que os profetas anunciaram a chegada e com quem é possível estabelecer uma relação pessoal libertadora. Sendo este o objetivo número 1 – *Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro de identidade cristã* –, esta centralidade da figura de Jesus é, assim, complementada pelo objetivo número 2 – *Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã* –, que traduz a *qualidade* desta relação libertadora: o Deus que Jesus anuncia é o Deus da Misericórdia. A partir desta ideia, o núcleo central da unidade *Jesus, um Homem para os outros* traduz-se pela inauguração escatológica dos tempos messiânicos, que cumprem a promessa feita pelo profeta Isaías (Lc 4, 1-13).

---

<sup>33</sup> Cf. K. RAHNER, *Escritos de Teología*, Taurus, Madrid, 1964, tomo IV, pp. 105-138.

O caminho para chegar a este núcleo é orientado também pelas metas B e M. Observando os objetivos da meta B, compreende-se o papel que os textos bíblicos têm, através da sua interpretação, na descoberta deste núcleo central do cristianismo e do catolicismo. No coração do texto bíblico encontra-se o mistério pascal cujos efeitos animam verdadeiramente uma chave de leitura cristã da pessoa, da vida e da história. É à luz do mistério pascal que o contacto com o conhecimento acerca de Jesus histórico pode conduzir o aluno de EMRC ao encontro íntimo com o Cristo da fé e à relação pessoal com Jesus.

Relativamente à meta M, os seus objetivos remetem para o desafio humano, que o conhecimento da vida de Jesus, como uma vida para os outros, pode suscitar na vida dos alunos. A proposta desta UL 2 procura articular pensamento e ação, refletindo sobre os atos e atribuindo sentido à existência. Como referi anteriormente, EMRC é uma disciplina que procura humanizar através da mensagem cristã, sem impor uma fé ou uma moral, mas propondo os valores cristãos.

### ***b) Transversalidade: inserção no ciclo e no ano***

Analisando o programa de EMRC, pode-se verificar, que nos anos anteriores a este, se sublinham valores específicos, atendendo às diversas dimensões do ser humano, como por exemplo: ser solidário (UL 2, 3º ano), ser verdadeiro (UL 1, 4º ano), o perdão (UL 3, 4º ano) construir a fraternidade (UL 4, 5ºano). Todos estes valores, confluem, nesta unidade letiva, concentrando-se na vida e na pessoa de Jesus Cristo. Assim, constata-se que o tema desta nossa unidade, *Jesus homem para os outros*, não só é um tema central de todo o programa, como também marcadamente transversal e unificador.

A organização 6º ano estrutura-se com uma sequência lógica: a UL1 tem como tema a pessoa humana, no seguimento, a UL2 procura apresentar Jesus como exemplo de humanidade plena e, por fim, a UL3, refletindo sobre a partilha do pão, apresenta-nos a eucaristia em relação

direta com a vida de Jesus. Ao analisar as metas, constata-se que esta UL2 procura abranger três grandes domínios de aprendizagem<sup>34</sup>: 1) a religião e a experiência religiosa, reconhecendo a Jesus como o Messias, o Filho de Deus morto e ressuscitado, fundador da Igreja; 2) uma cultura e uma visão da vida cristãs, identificando as repercussões no património (por exemplo, esta unidade letiva tem um apartado que fala sobre Jesus na arte, um tema que será desenvolvido também mais adiante na UL9 própria do ensino secundário, dedicada «à arte cristã»); 3) a dimensão ética e moral cristã, que deve seguir o exemplo de Jesus, procurando ter as mesmas atitudes, exercendo a misericórdia para com o próximo. Dado o ênfase que tem nesta unidade a dimensão da misericórdia, através de diferentes textos bíblicos sobre Jesus, procurei trabalhar e desenvolver este tema tão central do papado do Papa Francisco.

Concluindo, os conteúdos que esta unidade estrutura correspondem a um dos temas mais centrais do programa de EMRC e da fé cristã, uma vez que é proposto que se aprofunde o conhecimento sobre a pessoa de Jesus Cristo, onde se encontra, como procurei demonstrar, o núcleo de onde emergem a grande parte dos conteúdos do ensino de EMRC.

### **2.1.2. Planificações de nível 1 e 4**

As planificações que se seguem dão testemunho do trabalho realizado na PES e mostram como na planificação desta UL 2 tive em consideração o estatuto de EMRC e os desafios caracterizados anteriormente. A planificação de nível 1, onde se apresenta a planificação anual da disciplina de EMRC de 6º ano da PES, reforça a afirmação da centralidade desta UL 2, que por comparação às outras, teve maior número de aulas, permitindo também observar a

---

<sup>34</sup> Para uma compreensão e articulação dos domínios de EMRC: cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014, pp. 7-11.

distribuição das aulas ao longo do 2º Período, onde, para além das interrupções letivas não houve atividades de núcleo.

A planificação de nível 4, que corresponde à planificação detalhada de cada aula lecionada, apresenta de forma pormenorizada que conteúdos da UL 2 foram lecionados e a forma como foram propostos e desenvolvidos, tendo por base as Metas e Objetivos já referidos. Na coluna referente às estratégias, pode-se verificar como houve uma atenção particular ao texto bíblico na leção dos conteúdos. Na coluna dos recursos vêm mencionados os distintos materiais didáticos construídos, com um especial destaque para as fichas de trabalho<sup>35</sup>.

### *a) Planificação de nível I*

QUADRO 3: PLANIFICAÇÃO DE NÍVEL I

|     |       |                 |        |              |        |
|-----|-------|-----------------|--------|--------------|--------|
| SET |       |                 |        | Apresentação |        |
| OUT |       |                 |        |              |        |
| NOV |       | Peddy-paper     |        |              |        |
| DEZ |       | Atividade Natal |        |              |        |
| JAN | dia 4 | dia 11          | Dia 18 | dia 25       |        |
| FEV | dia 1 | dia 8           | dia 15 | dia 22       |        |
| MAR |       | dia 8           | dia 15 | Fátima       | dia 26 |
| ABR |       |                 |        |              |        |
| MAI | dia 3 | dia 10          |        |              |        |

QUADRO 4: LEGENDA DO QUADRO 3

|        |                                |
|--------|--------------------------------|
| UL1    | A pessoa humana                |
| UL2    | Jesus, um homem para os outros |
| UL3    | A partilha do pão              |
| Outros |                                |
| IL     | [interrupção letiva]           |

### *b) Planificação de nível IV*

<sup>35</sup> Cf. *Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada*, Terceira Parte, ponto VI, Recursos, pp. 53-83.

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo – Santo António**  
**Planificação nível 4 | UL2 – *Jesus, um homem para os outros* | 6º ano – EMRC**

Carlos Carvalho | 112215017

4 de janeiro de 2017 | Lição 13 | 1 de 11

**Sumário:** Quem é Jesus? Introdução à Unidade Letiva *Jesus um homem para os outros*.

| Metas                                                                         | Objetivos                                                                                           | Conteúdos               | Estratégias                                                                                                                                                                                                 | <br>45m | Recursos        | Avaliação<br>Formativa               |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|--------------------------------------|
|                                                                               |                                                                                                     |                         | Acolhimento: explicar a mudança de professor, entusiasmar os alunos para o novo período, motivá-los para uma participação mais organizada, recordar algumas regras fundamentais e fazer uma planta da sala. | 10m                                                                                        | PowerPoint nº 1 |                                      |
|                                                                               |                                                                                                     |                         | Escrever o sumário e introduzir a UL 2: Jesus um homem para os outros.                                                                                                                                      | 5m                                                                                         |                 |                                      |
| E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo              | 1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã                      | Quem é Jesus de Nazaré? | Atividade: comparar o que sabemos sobre o Cristiano Ronaldo com o que sabemos sobre Jesus.                                                                                                                  | 15m                                                                                        | PowerPoint nº 1 | Interesse, motivação e participação. |
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. | 3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus. | Quem é Jesus para mim?  | Leitura individual, em silêncio, do texto Mc 8,27-30, sublinhando as palavras desconhecidas e fazendo um círculo na mais importante.                                                                        | 3m                                                                                         | Ficha nº1       | Empenho no trabalho individual.      |
|                                                                               |                                                                                                     |                         | Diálogo, em turma, sobre o texto.                                                                                                                                                                           | 7m                                                                                         |                 |                                      |
|                                                                               |                                                                                                     |                         | Visualização e comentário do vídeo: “Who is Jesus?”                                                                                                                                                         | 5m                                                                                         | Vídeo nº1       | Atenção, interesse e comportamento.  |

**Síntese:** Hoje procuramos ver o que sabemos sobre Jesus e ficamos com uma pergunta para o segundo período: Quem é Jesus para mim?

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo – Santo António**  
**Planificação nível 4 | UL2 – Jesus, um homem para os outros | 6º ano – EMRC**  
 Carlos Carvalho | 112215017

11 de janeiro de 2017 | Lição 14 | 2 de 11

**Sumário:** Jesus é o Messias que os profetas anunciaram.

| Metas                                                                             | Objetivos                                                                                         | Conteúdos                                                | Estratégias                                                                                                                                                        | ⌚<br>45m | Recursos        | Avaliação Formativa                                                |
|-----------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|-----------------|--------------------------------------------------------------------|
|                                                                                   |                                                                                                   |                                                          | Acolhimento. Escrever o sumário.                                                                                                                                   | 5m       | PowerPoint nº 2 | Interesse, comportamento, motivação e participação.                |
| E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.                 | 1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã                    | Quem é Jesus de Nazaré?                                  | Visualização e comentário do vídeo: “Who is Jesus?”                                                                                                                | 5m       | Vídeo nº 1      |                                                                    |
|                                                                                   |                                                                                                   | Jesus é o Messias                                        | Recordar a aula anterior: O que significa a palavra Messias e o que é uma profecia?                                                                                | 5m       | Ficha nº 1      |                                                                    |
| M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. | 5. Mobilizar o valor da vida humana na orientação do comportamento em situações do quotidiano.    | Jesus desafia-nos a ser como Ele, pessoa para os outros. | Atividade: Identificar com um “X” as frases de Jesus de que mais gosto e com um “D” as que mais me custam a pôr em prática. Conversa sobre as escolhas de cada um. | 20m      | Ficha nº 2      | Capacidade de trabalhar individualmente, sem perturbar os colegas. |
| E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.                 | 2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã | Jesus <i>passou fazendo o bem.</i>                       | Leitura de Act 10,34-43<br><br>Comparação deste texto com o que foi lido na aula anterior (Mc)                                                                     | 10m      | Bíblia          | Atenção, interesse e compreensão.                                  |
| <b>Síntese:</b> Jesus passou fazendo o bem e convida-nos a fazer o mesmo.         |                                                                                                   |                                                          |                                                                                                                                                                    |          |                 |                                                                    |

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo – Santo António

Planificação nível 4 | UL2 – Jesus, um homem para os outros | 6º ano – EMRC

Carlos Carvalho | 112215017

18 de janeiro de 2017 | Lição 15 | 3 de 11

**Sumário:** A história de Zaqueu: é mais importante ser do que ter.

| Metas                                                                         | Objetivos                                                                                           | Conteúdos                                                                                      | Estratégias                                                                                                                                                          | <br>45m | Recursos        | Avaliação Formativa                                 |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|-----------------------------------------------------|
| E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo              | 1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã                      | Uma Religião que nasce de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade | Criar ambiente favorável e escrever o sumário.                                                                                                                       | 5m                                                                                         | PowerPoint nº 3 | Interesse, motivação, participação e comportamento. |
|                                                                               |                                                                                                     |                                                                                                | Introduzir o filme sobre Zaqueu, recordando a aula anterior.                                                                                                         | 5m                                                                                         |                 |                                                     |
|                                                                               | 2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã   | Jesus anuncia o Reino de Deus: a vitória definitiva do bem.                                    | Visualização de um filme sobre a história de Zaqueu. Interromper aos 11m30s relacionando a Parábola do Banquete com a aula anterior.                                 | 15m                                                                                        | Vídeo nº 2      |                                                     |
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. | 3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus. | É mais importante ser do que ter.                                                              | Pedir a um aluno que leia, a partir de uma Bíblia, o texto de Zaqueu (Lc 19,1-10).                                                                                   | 5m                                                                                         | Bíblia          | Preenchimento da ficha                              |
|                                                                               |                                                                                                     |                                                                                                | Preenchimento de uma ficha com o texto de Zaqueu, onde faltam algumas palavras. Depois de completado o texto, conversar sobre o significado de algumas das palavras. | 10m                                                                                        | Ficha nº 3      |                                                     |

**Síntese:** Tal como Jesus, temos que dar mais importância ao que somos, do que ao que temos.

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo – Santo António**  
**Planificação nível 4 | UL2 – Jesus, um homem para os outros | 6º ano – EMRC**

Carlos Carvalho | 112215017

25 de janeiro de 2017 | Lição 16 | 4 de 11

**Sumário:** A missão de Jesus: uma reflexão sobre o acolhimento e o perdão.

| Metas                                                                         | Objetivos                                                                                            | Conteúdos                 | Estratégias                                                                                                                                                      | <br>45m | Recursos        | Avaliação Formativa                                 |
|-------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|-----------------------------------------------------|
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. | 3. Compreender, pela interpretação dos textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus. | A missão de Jesus.        | Acolhimento e escrita do sumário.                                                                                                                                | 5m                                                                                         | PowerPoint nº 4 | Interesse, motivação, participação e comportamento. |
|                                                                               |                                                                                                      |                           | Introdução à aula, recordando a história de Zaqueu e procurando mostrar como esta história nos fala da missão de Jesus.                                          | 10m                                                                                        |                 |                                                     |
|                                                                               |                                                                                                      |                           | Trabalho a pares sobre textos de S. Lucas que nos falam da misericórdia: Lc 10, 30-37; 15; 18,9-14.                                                              | 10m                                                                                        |                 |                                                     |
| E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo              | 2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã    | O acolhimento e o perdão. | Depois, juntam-se os pares que tiverem o mesmo texto e preparam uma dramatização sobre a respetiva passagem bíblica, procurando traduzir e atualizar a mensagem. | 10m                                                                                        | Ficha nº 4      | Qualidade e criatividade das dramatizações.         |
|                                                                               |                                                                                                      |                           | Apresentação das dramatizações.                                                                                                                                  | 10m                                                                                        |                 |                                                     |

**Síntese:** Jesus anunciava que Deus ama e se interessa por todas as pessoas.

| AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo – Santo António<br>Planificação nível 4   UL2 – Jesus, um homem para os outros   6º ano – EMRC<br>Carlos Carvalho   112215017 |                                                                                                   |                                             |                                   |                                                                                            |                                                     |                                             |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|---------------------------------------------|
| 1 de fevereiro de 2017   Lição 17   5 de 11                                                                                                                                                  |                                                                                                   |                                             |                                   |                                                                                            |                                                     |                                             |
| <b>Sumário:</b> Continuação da aula anterior (dramatização de textos de Lucas sobre a misericórdia).                                                                                         |                                                                                                   |                                             |                                   |                                                                                            |                                                     |                                             |
| Metas                                                                                                                                                                                        | Objetivos                                                                                         | Conteúdos                                   | Estratégias                       | <br>45m | Recursos                                            | Avaliação Formativa                         |
| E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo                                                                                                                             | 2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã |                                             | Acolhimento e escrita do sumário. | 5m                                                                                         | PowerPoint nº 5                                     |                                             |
|                                                                                                                                                                                              |                                                                                                   | O acolhimento e o perdão.                   | Preparação das dramatizações.     | 10m                                                                                        | Ficha nº 4                                          | Qualidade e criatividade das dramatizações. |
|                                                                                                                                                                                              |                                                                                                   |                                             | Apresentação das dramatizações.   | 20m                                                                                        |                                                     |                                             |
|                                                                                                                                                                                              | Jesus dá-nos a conhecer a Deus como Pai.                                                          | Conclusão: qual é a mensagem destes textos. | 10m                               | PowerPoint nº 5                                                                            | Interesse, motivação, participação e comportamento. |                                             |
| <b>Síntese:</b> Jesus anunciava que Deus ama e se interessa por todas as pessoas.                                                                                                            |                                                                                                   |                                             |                                   |                                                                                            |                                                     |                                             |

| AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo – Santo António<br>Planificação nível 4   UL2 – Jesus, um homem para os outros   6º ano – EMRC<br>Carlos Carvalho   112215017 |                                                                                                   |                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |          |                 |                                                              |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|-----------------|--------------------------------------------------------------|
| 8 de fevereiro de 2017   Lição 18   6 de 11                                                                                                                                                  |                                                                                                   |                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |          |                 |                                                              |
| <b>Sumário:</b> Jesus na arte. Qual é a minha imagem de Jesus?                                                                                                                               |                                                                                                   |                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |          |                 |                                                              |
| Metas                                                                                                                                                                                        | Objetivos                                                                                         | Conteúdos                                                            | Estratégias                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | ⌚<br>45m | Recursos        | Avaliação<br>Formativa                                       |
|                                                                                                                                                                                              |                                                                                                   |                                                                      | Acolhimento e escrita do sumário.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 5m       |                 | Interesse,<br>motivação,<br>participação e<br>comportamento. |
| E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo                                                                                                                             | 2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã | Jesus lega-nos uma nova forma de entender a Deus, misericórdia pura. | Recordar as dramatizações da aula anterior, atribuindo um prémio a cada uma (melhor representação, melhor atualização, melhor organização, o mais criativo), salientando a mensagem de cada texto e percorrendo os diferentes personagens. Partilha com os alunos sobre o funcionamento dos grupos, ajudando cada um e cada grupo a perceber o que correu bem e o que poderia ter corrido melhor. | 15m      | PowerPoint nº 6 |                                                              |
| K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso                                                                                                | 1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.                   | A arte celebra o nascimento, vida e ressurreição de Jesus.           | Trabalho de grupo: cada grupo tem de escolher, de entre um conjunto de imagens sobre Jesus, aquela com que mais se identifica, justificando.                                                                                                                                                                                                                                                      | 20m      | Ficha nº 5      |                                                              |
|                                                                                                                                                                                              |                                                                                                   |                                                                      | Síntese da aula feita pelos alunos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 5m       |                 |                                                              |
| <b>Síntese:</b> (construída pelos alunos)                                                                                                                                                    |                                                                                                   |                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |          |                 |                                                              |

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo – Santo António**  
**Planificação nível 4 | UL2 – Jesus, um homem para os outros | 6º ano – EMRC**  
 Carlos Carvalho | 112215017

15 de fevereiro de 2017 | Lição 19 | 7 de 11

**Sumário:** Continuação da aula anterior (trabalho de grupo)

| <b>Metas</b>                                                                                  | <b>Objetivos</b>                                                                                  | <b>Conteúdos</b>                                                                               | <b>Estratégias</b>                                                                                                                                                                                                                                              | <br>45m | <b>Recursos</b> | <b>Avaliação Formativa</b>                              |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|---------------------------------------------------------|
|                                                                                               |                                                                                                   |                                                                                                | Acolhimento e escrita do sumário.                                                                                                                                                                                                                               | 5m                                                                                         | PowerPoint nº 7 | Interesse, motivação, participação e comportamento.     |
| K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso | 1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.                   | A arte celebra o nascimento, vida e ressurreição de Jesus.                                     | Trabalho de grupo:<br>1) cada grupo escolhe um coordenador e organiza-se;<br>2) cada elemento do grupo escolhe a imagem de Jesus com que mais se identifica e justifica a sua escolha;<br>3) de todas as imagens, cada grupo aquela com que mais se identifica; | 25m                                                                                        | Ficha nº 5      |                                                         |
| E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo                              | 2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã | Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade | Apresentação oral:<br>1) o coordenador do grupo apresenta aos colegas a imagem selecionada, justificando;<br>2) os restantes grupos manifestam a sua opinião sobre a escolha.                                                                                   | 10m                                                                                        | PowerPoint nº 7 | Qualidade da apresentação e capacidade de argumentação. |
|                                                                                               |                                                                                                   |                                                                                                | Síntese da aula e conclusão dos trabalhos de grupo.                                                                                                                                                                                                             | 5m                                                                                         |                 |                                                         |

**Síntese:** A arte mostra-nos muitas imagens sobre Jesus, mas o importante é que eu possa construir a minha.

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo – Santo António**  
**Planificação nível 4 | UL2 – Jesus, um homem para os outros | 6º ano – EMRC**  
 Carlos Carvalho | 112215017

22 de fevereiro de 2017 | Lição 20 | 8 de 11

**Sumário:** A paixão e a morte de Jesus: visualização de um vídeo e preenchimento de uma ficha.

| Metas                                                                             | Objetivos                                                                                           | Conteúdos                                                                    | Estratégias                                                                                                                                                              | <br>45m | Recursos        | Avaliação Formativa                                 |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|-----------------------------------------------------|
|                                                                                   |                                                                                                     |                                                                              | Acolhimento e escrita do sumário.                                                                                                                                        | 5m                                                                                         | PowerPoint nº 8 | Interesse, motivação, participação e comportamento. |
| M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. | 5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.             | Devo ser capaz de: respeitar, cuidar, ajudar, compreender, partilhar e amar. | Conclusão e reflexão sobre os trabalhos de grupo da aula passada: deixar que os alunos manifestem a sua opinião, ajudando-os a refletir sobre a sua própria experiência. | 10m                                                                                        | Ficha nº 5      |                                                     |
| E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.                 | 1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro de identidade cristã.                     | A paixão e a morte de Jesus.                                                 | Visualização e comentário de um vídeo sobre os passos da paixão e morte de Jesus (síntese, em sombras chinesas de uma via-sacra)                                         | 5m                                                                                         | Vídeo nº 3      |                                                     |
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.     | 3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus. |                                                                              | Preenchimento e correção de uma ficha onde cada aluno tem de associar excertos bíblicos da narração da paixão de Jesus a imagens de uma via-sacra.                       | 25m                                                                                        | Ficha nº 6      |                                                     |

**Síntese:** Jesus, morreu de forma injusta, numa cruz, dando a vida por cada um de nós.

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo – Santo António**  
**Planificação nível 4 | UL2 – Jesus, um homem para os outros | 6º ano – EMRC**  
 Carlos Carvalho | 112215017

8 de março de 2017 | Lição 21 | 9 de 11

**Sumário:** A ressurreição de Jesus (leitura e comentário de Lc 24,36-43)

| Metas                                                                         | Objetivos                                                                                           | Conteúdos                                                  | Estratégias                                                                                                      | <br>45m | Recursos                         | Avaliação Formativa                                 |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|-----------------------------------------------------|
|                                                                               |                                                                                                     |                                                            | Acolhimento e escrita do sumário.                                                                                | 5m                                                                                         | PowerPoint nº 9                  | Interesse, motivação, participação e comportamento. |
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. | 3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus. | A paixão e a morte de Jesus.                               | Correção da ficha de trabalho nº 6, incidindo sobre o conteúdo e a mensagem dos textos bíblicos.                 | 10m                                                                                        | Ficha nº 6                       |                                                     |
|                                                                               |                                                                                                     | Jesus ressuscitou e está vivo no meio de nós.              | Leitura e comentário de Lc 24,36-43. Conversa sobre o que é a ressurreição e as aparições de Jesus ressuscitado. | 10m                                                                                        | PowerPoint nº 9                  |                                                     |
|                                                                               | 4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte.                           | A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus. | Ensinar uma música e gestos sobre as aparições de Jesus Ressuscitado.                                            | 5m                                                                                         | <i>Música Jesus is Beautiful</i> |                                                     |
|                                                                               |                                                                                                     |                                                            | Conversa sobre a música, o significado dos gestos e o que significa a palavra Ressurreição.                      | 5m                                                                                         |                                  |                                                     |
|                                                                               |                                                                                                     |                                                            | Síntese da Unidade Letiva e indicações práticas para a eliminatória das Olimpíadas de EMRC.                      | 10m                                                                                        | PowerPoint nº 9                  |                                                     |

**Síntese:** Jesus venceu definitivamente a morte através da sua ressurreição.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo – Santo António

Planificação nível 4 | UL2 – Jesus, um homem para os outros | 6º ano – EMRC

Carlos Carvalho | 112215017

15 de março de 2017 | Lição 22 | 10 de 11

**Sumário:** Eliminatória para as Olimpíadas de EMRC.

| Metas | Objetivos | Conteúdos | Estratégias                                                                                                                                                                                                                                             | <br>45m | Recursos         | Avaliação Formativa                            |
|-------|-----------|-----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|------------------------------------------------|
|       |           |           | Acolhimento e indicações práticas.                                                                                                                                                                                                                      | 5m                                                                                         | PowerPoint nº 10 | Interesse, motivação e respostas às perguntas. |
|       |           |           | Concurso: ganha o aluno que responder mais rápido, escolhendo a hipótese correta. O aluno selecionado representará o 6º ano de EMRC da Escola nas Olimpíadas de 2017, que decorrerão no dia 28 de abril de 2017, no Colégio dos Maristas de Carcavelos. | 40m                                                                                        |                  |                                                |

**Síntese:**

| AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo – Santo António<br>Planificação nível 4   UL2 – Jesus, um homem para os outros   6º ano – EMRC<br>Carlos Carvalho   112215017 |                                                                           |                                                            |                                                                                             |                                                                                            |                     |                                                     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|-----------------------------------------------------|
| 29 de março de 2017   Lição 24   11 de 11                                                                                                                                                    |                                                                           |                                                            |                                                                                             |                                                                                            |                     |                                                     |
| <b>Sumário:</b> Ficha de avaliação. Atividade de conclusão do período.                                                                                                                       |                                                                           |                                                            |                                                                                             |                                                                                            |                     |                                                     |
| Metas                                                                                                                                                                                        | Objetivos                                                                 | Conteúdos                                                  | Estratégias                                                                                 | <br>45m | Recursos            | Avaliação Formativa                                 |
|                                                                                                                                                                                              |                                                                           |                                                            | Acolhimento e indicações práticas.                                                          | 5m                                                                                         | PowerPoint nº 13    |                                                     |
|                                                                                                                                                                                              |                                                                           |                                                            | Ficha de avaliação.                                                                         | 15m                                                                                        | Ficha de Avaliação. | Preenchimento da ficha de avaliação.                |
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.                                                                                                                | 4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte. | A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus. | Ensinar a letra e os gestos da música: <i>Jesus is Beautiful</i> .                          | 25m                                                                                        | PowerPoint nº 13    | Interesse, motivação, participação e comportamento. |
|                                                                                                                                                                                              |                                                                           |                                                            | Conversa sobre a música, o significado dos gestos e o que significa a palavra Ressurreição. |                                                                                            |                     |                                                     |
| <b>Síntese do período:</b> Jesus, um homem para os outros.                                                                                                                                   |                                                                           |                                                            |                                                                                             |                                                                                            |                     |                                                     |

## **2.2. Reflexão sobre a PES: desafios e dificuldades**

### **2.2.1. Valorização curricular da disciplina de EMRC**

“O Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida coletiva”<sup>36</sup>.

Partindo da experiência da Prática de Ensino Supervisionada, na Escola Básica de Santo António de Parede, que realizei, no ano letivo 2016-2017, após ter identificado como os grandes desafios atuais do ensino de EMRC o combate à iliteracia religiosa e à ausência de sentido, depois de uma reflexão sobre o pluralismo e as competências profissionais dos docentes da disciplina, gostaria, neste ponto, de acrescentar um quinto desafio, que, surge como a maior dificuldade que senti: a valorização curricular da disciplina de EMRC.

Para frequentar as aulas de EMRC, os alunos da turma de PES, todas as quartas-feiras, tinham uma hora de almoço 45 minutos mais curta. Como agravante, grande parte dos alunos, antes de EMRC, tinham aula de Educação Física, por isso, dada a ausência de tempo de intervalo, chegavam constantemente atrasados, por não ter tempo para tomar banho e mudar de roupa. É certo que nem todos os atrasos eram por este motivo, mas, durante todo o ano, tive que fazer um esforço redobrado para conseguir começar a horas uma aula que estava condenada a atrasos sucessivos, para fazer com que a nossa prática letiva pudesse motivar alunos esfomeados e cansados da manhã intensa de aulas que tinham tido. Se por um lado, as outras dificuldades que senti me fizeram repensar as estratégias, a planificação das aulas ou até a

---

<sup>36</sup> Constituição da República Portuguesa, art. 73, 2.

gestão do programa; por outro, diante desta dificuldade senti-me sempre impotente e desafiado a minorizar os seus impactos, sem nunca prejudicar os alunos assíduos, pontuais e participativos.

A valorização curricular da disciplina de EMRC surge, assim, como um desafio complexo, quer por questões ligadas à organização do sobrecarregado horário escolar quer pelo estatuto curricular da disciplina tem. Num sistema de ensino disperso em muitas disciplinas, como o comprova o currículo do 2º e 3º CEB, a valorização excessiva de disciplinas designadas por “troncais” impõe uma certa ditadura do currículo, que desvaloriza a construção de Projetos Educativos humanizadores, que consideram como importantes todas as dimensões do aluno (social, pessoal, religiosa, cultural, etc).

Uma visão integradora da educação, não só deve evitar a disciplinarização, como também a curricularização, promovendo um equilíbrio entre a diversidade e a homogeneidade<sup>37</sup>. E este equilíbrio entre a aprendizagem individual da busca de si e da aprendizagem social de uma política comum, não pode ignorar os perigos de um fenómeno tão complexo como a globalização. Mesmo sendo verdade que o currículo se define por um conjunto de aprendizagens que são socialmente necessárias aos indivíduos<sup>38</sup>, nos tempos de hoje, não muda apenas a natureza do que se coloca dentro do currículo e os seus destinatários, mas existem forças economizantes que tendem a uniformizar o ensino e a reduzi-lo à lei da oferta e da procura do mercado. Um currículo escolar, não deverá, por isso, ignorar estas forças e deverá

---

<sup>37</sup> Ao contrário do que propõe a autora Maria do Céu Roldão – M. C. ROLDÃO, “Educação escolar e currículo” – in: *IV Fórum Ensino Particular e Cooperativo*, Maladouro, 1999, p. 19. – julgo que não se deve fazer coincidir Currículo e Projeto Educativo. No sistema educativo português, o currículo é definido pelo Ministério de Educação e o Projeto Educativo pela Direção da escola, por isso, o Projeto Educativo, como resposta ao contexto em que se insere a escola e atendendo ao perfil dos alunos, deve ser mais amplo e atender a todas as dimensões da pessoa humana, estabelecendo a forma como se aplica o currículo àqueles alunos e com aqueles educadores. Uma escola não é um edifício, mas uma comunidade formada por alunos, educadores docentes e não docentes e pelas famílias, por isso, a educação deve evitar tanto a disciplinarização como a curricularização, promovendo uma educação integral da pessoa humana.

<sup>38</sup> M. C. ROLDÃO, “Educação escolar e currículo” p. 14.

combater esta visão mercantil: embora a oferta do mercado possa e deva ser considerada, ela não pode ser um critério absolutizante das escolhas curriculares. Aliás, na sua função de construção da sociedade, a escola, através de um currículo ponderado, terá que buscar esse difícil equilíbrio entre o todo e o indivíduo, entre a diversidade e a homogeneidade.

A tendência portuguesa da morte lenta das humanidades, mostra bem, como um currículo que não promova a diversidade, lutando contra o preconceito do rentável, pode reduzir ideologicamente a escola a um agente social perverso. Como professor do ensino secundário, lidando diariamente com o dilema da escolha do futuro académico universitário dos alunos e alunas do 12º ano, apercebo-me desta dificuldade: os alunos, ao fim de um percurso de 12 anos de estudo, permanecem na dúvida e muitas vezes não sabem o que querem. Assim, sem esquecer a importância de um currículo comum, talvez a diversidade deva ser potenciada e promovida, ajudando o aluno a desenvolver, não só uma série de competências que lhe permitam a convivência social, mas também capacidades individuais, que, por vezes, ideologicamente parecem incompatíveis ou são menosprezadas socialmente<sup>39</sup>. Na verdadeira acepção da palavra, um currículo, é um percurso; ora, em vez de impor uma ideia de sujeito ou de cidadão, o currículo deverá ajudar o próprio aluno a construir as suas aprendizagens e a crescer como pessoa.

O binómio diversidade – homogeneidade, esconde, desta forma, uma reflexão mais vasta que a simples organização curricular das disciplinas, pois ele reflete o difícil equilíbrio entre uma ética de mínimos e uma ética de máximos (Adela Cortina): a diversidade não pode

---

<sup>39</sup> “A crise da modernização baseada no domínio unilateral da racionalidade provocou o que é sentido como uma ausência de fins, ausência de sentido segundo o qual orientar a acção social. A insegurança acerca do destino e das trajectórias, tanto sociais como individuais, constitui um dos traços mais visíveis da sociedade actual. Esta carência revela-se, particularmente, importante para a educação, dado que coloca em crise a crença segundo a qual temos algo a transmitir às novas gerações e, para além disso, pretendemos fazê-lo.” – in: J. C. TEDESCU, *O novo pacto educativo*, Fundação Manuel Leão, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2000, p.113.

ser tal, que ignore uma base comum; a homogeneidade não pode ser tal, que formate ideologicamente as consciências; mas ambas devem promover o crescimento adequado de todas as dimensões do ser humano. Diante do perigo globalizante de uma cultura de massas cada vez mais intensa ou do crescimento obsessivo do individualismo, a escola, como parte do seu projeto educativo, deve promover um currículo – percurso –, que favoreça a integração equilibrada de todas as dimensões da vida humana. Não pode ser apenas o gosto pessoal a determinar o currículo, nem as exigências sociais de uma determinada ideologia, por isso, o projeto educativo deve ser mais abrangente que o currículo, porque a escola não tem apenas uma função curricular, mas educativa. A escola não é uma máquina que fabrica profissionais competentes, mas um espaço que deve favorecer o percurso integrador de cada um no todo. Neste sentido, o seu projeto educativo não se pode reduzir às aprendizagens, mas deverá abranger de forma integral todas as dimensões do ser humano. Urge, por isso, rever o estatuto da disciplina de EMRC, no que se refere a horários e à legislação prevista para a contratação de professores<sup>40</sup>, de modo a valorizar o enriquecimento que esta disciplina possa trazer ao currículo e ao Projeto Educativo das Escolas.

### **2.2.2. O uso da Bíblia nas aulas de EMRC**

“Porque a Bíblia deu forma e conteúdo à cultura do Ocidente até aos nossos dias, deveria continuar a integrar a formação básica e avançada dos nossos jovens na escola pública e privada”.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Durante a PES, o contacto direto com o Ensino Público Estatal, nomeadamente, com o concurso nacional de colocação de professores de EMRC, fez-me pensar na injustiça que pode significar o concurso de horários de EMRC. Por vezes, os professores de EMRC tem que dar aulas em 3 e 4 escolas para poderem ter horário completo, o que naturalmente faz com que a sua docência seja dispersa e dificulte a sua inserção no corpo docente das escolas. É neste sentido que me parece urgente rever a forma como estão organizados os concursos e a legislação subjacente.

<sup>41</sup> A. S. VAZ, “A Bíblia, património cultural e formativo”, *Communio*, 23 (2006/4) 443.

O cristianismo não é uma religião do livro, no sentido literal de um certo fundamentalismo, mas a cultura da Palavra: *E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco* (Jo 1,14). Por isso, a Bíblia não é palavra morta, que se revisita na arqueologia dos sentidos, mas a alma viva e latente, que ajuda, religiosamente, a narrar o sentido da própria existência. A hermenêutica bíblica faz do texto, da palavra e da revelação, sinais dos tempos, fazendo-os permanecer como metáfora viva regeneradora de sentido e criadora de narrativas. Em tempos de crise e de mudança, o medo é tendencialmente insegurança, ou seja, necessidade frívola de literalismos, de palavras fechadas, de ontologismos tranquilizantes e de falsas certezas. Podem-se camuflar medos, como se eles fossem o disfarce tingido de uma saudosa verdade perdida ou a aparência segura de uma fé desterrada, todavia, como demonstra o longo caminho percorrido pela exegese bíblica, os enganos estão no crente como imagens-espelhos que lhe impedem a verdadeira contemplação do ícone<sup>42</sup>.

O uso da Bíblia nas aulas de EMRC foi, deste modo, um dos vetores que orientou a planificação das aulas de PES, nomeadamente a preocupação por revalorizar a Bíblia enquanto património religioso e cultural. Através da leitura e comentário de textos do Novo Testamento, procurei introduzir os alunos na hermenêutica bíblica, favorecendo um contacto existencialmente com a Palavra de Deus e a sua interpretação. Tal como se pode verificar na planificação de nível 4, apresentada anteriormente, os diferentes conteúdos programados foram, frequentemente, apresentados através de textos dos Evangelhos, como por exemplo as parábolas da misericórdia de Lucas (cf. Quadro 4), favorecendo um conhecimento real dos gestos e palavras de Jesus. Através da leitura e comentário dos textos evangélicos, os alunos

---

<sup>42</sup> Peter H. Kolvenbach distingue entre imagens-espelho e imagens-ícone, ou seja, respetivamente, imagens que apenas projetam as necessidades e sentidos egoístas do eu, e aquelas que nascem da presença do mistério, como rosto do desejo profundo de transcendência. Cf. P. H. KOLVENBACH, *Decir... Al "Indecible"*, Mensajero-Sal Terrae, Bilbao, 1999.

tiveram a oportunidade de contemplar o Jesus histórico, aprofundando o seu conhecimento do Cristo da fé. De modo especial, destaco duas das atividades desenvolvidas com os alunos: a leitura e compreensão do encontro entre Jesus e Zaqueu (Lc 9,1-10) (cf. Quadro 3) e a dramatização de cinco parábolas da misericórdia do Evangelho de Lucas (Lc 10,30-37;15;18,9-14) (cf. Quadro 5).

Por um lado, com a primeira atividade, atendendo à deficitária cultura bíblica dos alunos, ao introduzir a leitura do texto com um vídeo de desenhos animados, apercebi-me que esta visualização promoveu o interesse e a curiosidade pelo texto<sup>43</sup>. A relação entre imagem e palavra, surge, assim, como criativa, quando se assiste a um desinteresse generalizado pela leitura. Também muito ajudou ao estudo deste texto, o facto de o ter lido diretamente de uma Bíblia, enquanto os alunos procuravam responder à ficha nº 3 (cf. anexos, alínea d), completando as palavras em falta<sup>44</sup>. As palavras em falta eram fundamentais para a interpretação do texto e conduziam a atenção dos alunos para a mensagem essencial desta narrativa do encontro de Jesus com Zaqueu. Contudo, estranhei a reação dos alunos ao verem uma Bíblia. Parecia que estavam a contactar com um objeto arcaico e, de certo modo, esotérico. Realço desta atividade a importância de pôr os alunos em contacto direto com a Palavra de Deus, ajudando-os a valorizar a leitura de textos bíblicos e a descodificar a sua mensagem. A tentação de mostrar um vídeo que explique e até possa substituir a leitura da passagem permanece como real e até como o mais fácil. Todavia, esta estratégia aplicada demonstra que é possível ler e interpretar textos bíblicos nas aulas de EMRC, apesar das limitações do tempo e da falta de cultura bíblica dos alunos. Aliás, a simples visualização de vídeos sobre determinadas passagens, não só é redutor, como também impede os alunos de contactar com a polissemia da

---

<sup>43</sup> Cf. *Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada*, Terceira Parte, ponto III, Relatórios das aulas lecionadas, pp. 26-27.

<sup>44</sup> Cf. *Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada*, Terceira Parte, ponto VI, Recursos, pp. 57-58.

verdade bíblica<sup>45</sup>: os vídeos contam a história, dão a conhecer factos, mas não traduzem a pergunta existencial que o texto contém como metáfora viva. Por isso, com esta atividade, mais do que promover um conhecimento das histórias da Bíblia, procurei facilitar uma aproximação à hermenêutica bíblica, ajudando os alunos a contactar com o sentido do texto<sup>46</sup>.

Por outro lado, este mesmo objetivo foi alcançado de forma muito satisfatória com a proposta de dramatização de diferentes textos de Lucas sobre a misericórdia<sup>47</sup>. Os alunos, divididos em cinco grupos foram desafiados a desenvolverem simultaneamente competências de trabalho em equipa e a sua capacidade interpretativa. Como se pode ver na planificação de nível 4 (cf. Quadro 3, 4 e 5), esta atividade veio na sequência da anterior, o que muito facilitou o seu desenvolvimento. Através dela os alunos não só tiveram a oportunidade de trabalhar a leitura dos textos, através da ficha nº 4 (cf. anexos, alínea e), como também de explorar a sua mensagem e atualidade<sup>48</sup>. Como cada grupo desconhecia os restantes textos, através da dramatização, os alunos não só tinham de expressar a mensagem fundamental da respetiva parábola, traduzindo-a para os dias de hoje, como também contar minuciosamente a história, com todos os seus pormenores. Esta associação hermenêutica entre contexto, mensagem e atualização, revelou-se como muito proveitosa para a aprendizagem dos alunos, que nas aulas posteriores se mostraram muito impactados com a atividade e apresentaram um conhecimento duradouro das diferentes parábolas trabalhadas. Quando desafiados a avaliar a atividade, os

---

<sup>45</sup> “Para descobrir a verdade de um texto, é relevante atender ao tempo em que foi redigido, à dimensão histórica e ao carácter dinâmico da revelação bíblica. Cada um está limitado por horizontes de compreensão histórica, cultural e teologicamente condicionada.” – in: A. S. VAZ, *Palavra viva, Escritura poderosa*, UCP Editora, Lisboa, 2013, p. 73.

<sup>46</sup> “Os livros da Escritura reinterpretem-se uns aos outros e a Escritura é a primeira intérprete de si própria. Sucessivamente, os vários leitores da Bíblia, desde a tradição judaica até aos nossos dias, procuram fazer ressoar os múltiplos e harmoniosos níveis de sentido dos textos.” – in: VAZ, *Palavra viva, Escritura poderosa*, p. 261.

<sup>47</sup> Cf. *Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada*, Terceira Parte, ponto III, Relatórios das aulas lecionadas, pp. 28-30.

<sup>48</sup> Cf. *Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada*, Terceira Parte, ponto VI, Recursos, pp. 59-69.

alunos referiram a dificuldade que tiveram em trabalhar em equipa e valorizaram a importância de assistir com atenção às dramatizações dos colegas, aprendendo com o que eles aprenderam.

De um modo geral, no Programa de EMRC, o uso da Bíblia surge concentrado nas Metas F – *conhecer a mensagem e cultura bíblicas* – e G – *identificar os valores evangélicos* –, que são metas transversais a todo o programa. Para além disso, embora dentro do Domínio da “Cultura cristã e visão cristã da vida”, no que se refere às finalidades, apareça uma pequena referência à mensagem bíblica – *Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos* (finalidade nº 5)<sup>49</sup> –, em todo o programa, só existe apenas uma UL dedicada à Bíblia, a UL4 do 4º ano, intitulada “A Bíblia”. Desta forma, considero como insuficiente a importância que o programa atribui à Bíblia como património religioso e cultural, havendo uma certa tendência a moralizar em demasia a importância do texto bíblico. Note-se que das duas metas que identifiquei, uma delas fala de “valores evangélicos”, expressão, que tal como demonstrei, se inspira na finalidade nº 5, onde esta mesma expressão aparece. Atendendo ao crescente interesse literário e cultural que a Bíblia tem experimentado enquanto património<sup>50</sup>, tal como comprova o entusiasmo de traduzir a Bíblia ou lê-la como texto clássico, parece-me que o programa de EMRC não acompanha este movimento e tende, ainda, a ter uma certa visão moralista sobre o texto bíblico, reduzindo-o a valores que podem e devem ser transmitidos e/ou assimilados. Diante do perigo de, através da meta F – *Conhecer a mensagem e cultura bíblicas* –, reduzir a interpretação bíblica ao fabulismo e arqueologismo, e de, através da meta G – *Identificar os valores evangélicos* –, reduzir a vivência bíblica ao doutrinalismo e

---

<sup>49</sup> Cf. SNEC, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, pp. 16-17.

<sup>50</sup> “De facto, a circulação contemporânea da Bíblia acontece já fora daquilo que chamaríamos os seus limites naturais ou tradicionais. O estatuto cultural que lhe reconhecem investe-a de uma capacidade inédita de cruzar e aproximar públicos, suscitar amplos entusiasmos, despertar curiosidades inusitadas. Este facto não será uma oportunidade? – in: J. TOLENTINO MENDONÇA, “A mediação cultural - um novo mundo para a transmissão religiosa?”, *Communio*, 23 (2006/4) 438.

moralismo, parece-me necessário fazer da Bíblia um património religioso vivo, promovendo a leitura bíblica da existência à luz da revelação e cruzando essa longa e difícil passagem de um paradigma teológico ontológico a um, que sem anular o ontológico, seja hermenêutico<sup>51</sup>. Um programa estruturado para doze anos de aprendizagem deveria dar mais realce a este património, à sua história e à sua hermenêutica, porque a iliteracia religiosa, antes de ser religiosa, é bíblica.

### 2.2.3. A linguagem religiosa

“A crise decisiva em que o cristianismo hoje se debate é a crise da linguagem religiosa. Com que palavras, em que formas, quais os gestos que podem hoje dizer Deus de um modo pertinente e plausível?”<sup>52</sup>

Após a atividade da primeira aula lecionada (cf. Quadro 5) em que, à maneira de um teste de diagnóstico, propus uma comparação entre o que sabíamos sobre o Cristiano Ronaldo e Jesus Cristo, constatei que o conhecimento que os alunos apresentavam sobre Jesus era circunstancial e reduzido<sup>53</sup>. Decidi, por isso, como se pode ver através da planificação de nível 4, apresentar, mais do que um Jesus personagem histórico, um Jesus com uma mensagem de misericórdia e com gestos libertadores. Assim, na gestão do programa tive em consideração este aspeto, procurando pôr os alunos em contacto direto com a mensagem e os gestos de Jesus,

---

<sup>51</sup> A receção teológica da filosofia hermenêutica tem-se revelado lenta e difícil, pelos obstáculos que um paradigma ontológico, profundamente enraizado no pensamento teológico ocidental, põe a esta mudança de paradigma. A história do dogma demonstra como a tradição não é uma ideologia gnóstica, mas um movimento hermenêutico de compreensão progressiva da revelação operada definitivamente por Deus em Jesus Cristo – *nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo* (Heb 1,2) – “Compreender já não é, então, um modo de conhecimento, mas um modo de ser, o modo deste ser que existe ao compreender.” – in: P. RICOEUR, *Conflito das interpretações*, Rés, Porto, s.d., 9.

<sup>52</sup> J. TOLENTINO MENDONÇA, “A mediação cultural...”, p. 439.

<sup>53</sup> *Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada*, Terceira Parte, ponto III, Relatórios das aulas lecionadas, pp. 21-23.

apresentando-o como o Messias: Aquele que exerce a misericórdia de Deus, que denuncia a injustiça, que pratica o bem<sup>54</sup>.

A linguagem surgiu, conseqüentemente, como um desafio constante, sobretudo, no que se refere à explicação de conceitos teológicos complexos como sejam os de Ressurreição, Salvação e Mistério (cf. Quadro 16). À medida que o segundo período foi avançando, fui-me apercebendo que, a iliteracia religiosa e o desconhecimento da Bíblia, levavam os alunos a confundirem passagens e aspetos fundamentais do cristianismo. Por exemplo, quando trabalhei o conceito bíblico-teológico de “Messias” (cf. Quadro 5), apercebi-me que a melhor forma de combater a iliteracia religiosa não está em evitar palavras complexas, mas em traduzir e explicar de forma simples o complexo. Assim, embora pudesse ter evitado o conceito de “Messias”, optando por destacar outros títulos cristológicos, decidi empregar o termo e explicá-lo, recorrendo à tradição bíblica e a metáforas próximas do contexto dos alunos (cf. anexos, alínea c)<sup>55</sup>.

Também na aula de dia 8 de março, cujo tema era a ressurreição de Jesus (cf. Quadro 16), me deparei com a dificuldade de explicar este conceito, com palavras simples, que os alunos de 6º ano pudessem compreender, e sem diminuir a sua complexidade<sup>56</sup>. Por um lado, grande parte dos alunos confundia a “ressurreição” com a “reincarnação”, por outro, os alunos manifestaram alguma dificuldade em interpretar o texto bíblico selecionado das narrações das

---

<sup>54</sup> *Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada*, Primeira Parte, ponto II e III, pp. 2-3.

<sup>55</sup> Transcrevo aqui um parágrafo do Relatório da aula nº 1, que exemplifica o que acabo de dizer: “Depois, partilharam as suas dúvidas em voz alta e, na sua grande maioria, identificaram como a palavra mais importante do texto: Messias. Esta mesma palavra, também foi sublinhada por alguns alunos como difícil de entender. Em vez de responder diretamente à pergunta dos alunos, o estagiário devolveu a pergunta à turma e perguntou-lhes o que queria dizer que Jesus era o Messias. Uma vez que ninguém sabia a resposta, o estagiário pediu aos alunos que investigassem em casa. Esta ficha foi valorizada pela estagiária Maria Oliveira, que referiu que estava muito bem-feita e adaptada aos alunos: clara, concreta e compreensível – in: *Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada*, Terceira Parte, ponto III, Relatórios das aulas lecionadas, pp. 22-23.

<sup>56</sup> Cf. *Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada*, Terceira Parte, ponto III, Relatórios das aulas lecionadas, pp. 42-43.

aparições de Jesus ressuscitado. A conversa foi tão espontânea e participada, que depois das dúvidas sobre a ressurreição, os alunos colocaram questões sobre o Céu e o Inferno. Esta aula levou-me a refletir sobre a necessidade de devolver à linguagem religiosa a simplicidade da linguagem evangélica, que através de parábolas, sem reduzir o mistério, o procura tornar perceptível, e de desconstruir conceitos que, sendo aparentemente cristãos, como Céu, Inferno e Ressurreição, se paganizaram pela força interpretativa do dualismo antropológico. Inspirado por Vygotsky, percebi também a importância de propor um currículo em espiral, onde a complexificação surja, não a mera intelectualização, mas como um aprofundamento dos diferentes conteúdos<sup>57</sup>.

Terá a linguagem religiosa perdido a capacidade de comunicar ou são apenas as palavras que se empregam que já não dizem nada? Será que o problema da iliteracia religiosa é apenas um problema de falta de catequese ou o indício de que as palavras secaram e já não tem raízes que as alimentem? Porque é que os símbolos cristãos já não falam?<sup>58</sup> O problema da linguagem religiosa não se pode reduzir à circunstancialidade de um discurso que por ser tão precioso se torna impossível de ouvir, nem à tradução colorida dos solenes mistérios da fé. As tentações são, por isso, duas: evitar o problema da transmissão da fé, ora queixando-me do auditório, ora querendo traduzir o indizível. Os tempos de hoje estão muito próximos das preocupações teológicas dos primeiros concílios, onde a comunidade, de certa forma, teve de criar uma

---

<sup>57</sup> Vygotsky propõe que se organize o currículo em espiral a partir da ideia de que toda a criança tem uma Zona de Desenvolvimento Potencial: “A diferença entre o nível das tarefas realizáveis com o auxílio de adultos (ou pares mais avançados) e o nível das tarefas que podem desenvolver-se com uma atividade independente, define a área de desenvolvimento potencial da criança. O que uma criança é capaz de fazer com o auxílio do adulto, chama-se zona do seu desenvolvimento potencial”. – in: G. L. MIRANDA, *Teorias da Aprendizagem*, Instituto da Educação – Universidade Católica Portuguesa, 2007<sup>3</sup>, p. 49.

<sup>58</sup> “Dite-mois, que mettons-nous sous les mots : Dieu, grâce, Christ ? Et que signifie pour nous un signe de croix, une génuflexion ? Que sont tous ces gestes : une révélation des réalités surnaturelles ou un fantôme ? Une élévation vers le ciel ou un acte machinal ?... Acte machinal le plus souvent, n’est-il pas vrai ? Non pas, mais nous n’avons plus conscience de la vie contenue dans ces rites ; mais notre foi se mécanise et n’a plus d’horizon. Croire, c’est toucher les réalités d’en haut ; croire, c’est vivre des invisibles réalités : avons-nous cette foi ?” – in: R. GUARDINI, *Les Signes Sacrés*, Éditions Spes, Paris, 1938, p. 22.

linguagem teológica cristã. Todavia, há uma grande distância entre a Igreja Primitiva e a Igreja Contemporânea: se no passado, a Comunidade se apropriou da linguagem filosófica do seu tempo para desenvolver um pensamento racional sobre a revelação, hoje, depois de anos afastada, tal como propõe o Concílio Vaticano II, terá de voltar a fazer da Palavra de Deus a alma da teologia<sup>59</sup>. E isto implica valorizar o contexto atual e acreditar que Deus não cessa de se auto-comunicar revelando-se.

Desta forma, a desculpa tão repetida do contexto – de que os alunos não percebem, de que as palavras são difíceis, de que há falta de catequese, etc – deve dar espaço a uma reflexão sobre a forma como se transmite a fé e a uma ação coerente com a vocação do educador cristão. O educador cristão não é aquele que transmite conteúdos, mas alguém que transmite o que recebeu, por isso, é chamado a ser mistagogo, um pedagogo que introduz a vida dos seus alunos ao Mistério<sup>60</sup>. Procurando evitar todo o tipo de reducionismos antropológicos (psicológico, moralista, racionalista e sociológico), mais do que lutar contra a secularização ou o laicismo, o educador cristão pode ajudar os seus alunos a desenvolverem uma narrativa hermenêutica de sentido, uma poética<sup>61</sup>, através da linguagem religiosa cristã, que tem as suas raízes mais profundas na Palavra de Deus. Voltando ao primeiro capítulo, se se definir o ser humano como um ser religioso, isto é, como *homo capax Dei*, então, ter-se-á, conseqüentemente, que falar de Deus como Verbo que deseja visceralmente fazer-se carne, isto é, Verbo que geme até fazer-se gesto e que como incarnado profere e consoma o Verbo (a Promessa). E é neste ciclo

---

<sup>59</sup> “A sagrada Teologia apoia-se, como em seu fundamento perene, na palavra de Deus escrita e na sagrada Tradição, e nela se consolida firmemente e sem cessar se rejuvenesce, investigando, à luz da fé, toda a verdade contida no mistério de Cristo. As Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus, e, pelo facto de serem inspiradas, são verdadeiramente a palavra de Deus; e por isso, o estudo destes sagrados livros deve ser como que a alma da sagrada teologia. Também o ministério da palavra, isto é, a pregação pastoral, a catequese, e toda a espécie de instrução cristã, na qual a homilia litúrgica deve ter um lugar principal, com proveito se alimenta e santamente se revigora com a palavra da Escritura” – in: *Dei Verbum*, 24.

<sup>60</sup> Cf. J. M. DUQUE, “O Ensino da Religião como resposta à laicização”, *Theologica*, 2 (2016) 16-17.

<sup>61</sup> Cf. J. M. DUQUE, “O Ensino da Religião ...”, pp. 16-17.

existencial-hermenêutico da Palavra-Gesto-Palavra, que, em tempos de intenso contacto e diminuta comunicação, a linguagem religiosa poderá comunicar o que ela significa. As palavras proliferam, mas só a redescoberta íntima do silêncio poderá devolver ao ser humano desfigurado a capacidade de escutar a Palavra e de se escutar (a semelhança com Deus).

Em plena crise da simbologia cristã, esta dificuldade/desafio da linguagem religiosa que acabo de identificar está em profunda relação com a ausência de sentido que caracterizei anteriormente, pois, no fundo, esta dificuldade esconde o desejo da redescoberta do valor do silêncio que grita no íntimo de uma humanidade anestesiada pelo barulho e hipnotizada pela imagem. Mais do que explicar os símbolos, tem que se deixar os símbolos serem símbolos, ajudando os alunos a contemplarem e a interiorizarem o símbolo, antes de o tentarem explicar. A educação da interioridade<sup>62</sup> pode ser um meio a incluir nos distintos Projetos Pedagógicos, como forma de potenciar a tarefa humanizadora da Escola.

Ao concluir este segundo capítulo, depois dos pontos desenvolvidos, gostaria de sublinhar estes dois últimos desafios que guiam, agora, a reflexão até aos capítulos seguintes, onde procurarei desenvolver e fundamentar um pensamento teológico sobre Jesus enquanto libertador: por um lado, a necessidade de redescobrir a hermenêutica bíblica como exercício de leitura da existência e da história; por outro, a necessidade de explorar e desenvolver uma linguagem religiosa que combata a iliteracia religiosa e ajude o crente a ler e interpretar os sinais dos tempos. Em síntese, como se pode, hoje, transmitir a Revelação operada definitivamente em Cristo (Heb 1,1), em fidelidade criativa à Tradição e à narrativa bíblica?

---

<sup>62</sup> “Quando nos ensurdecem tantas vozes e fantasmas, perdemos a capacidade de ouvir a voz interior e de sermos nós próprios. A nossa interioridade é colonizada e tornamo-nos cada vez mais dependentes dos flashes de ideias, imagens e ruídos que se sucedem em nosso redor. Precisamos de contrariar este movimento de demissão, reencontrando uma arte de pensar; recuperando uma atenção mais crítica em relação ao que nos é servido a toda a hora; construindo espaços de distanciamento favoráveis ao silêncio e à reflexão; investindo numa escuta que não aceita ficar comodamente à superfície, mas assume, como tarefa, a interrogação humilde pela verdade.” – In: J. TOLENTINO MENDONÇA, “Precisamos de construir o silêncio e reencontrar a «arte de pensar»”, in: [http://www.snpcultura.org/precisamos\\_construir\\_silencio\\_e\\_reencontrar\\_arte\\_pensar.html](http://www.snpcultura.org/precisamos_construir_silencio_e_reencontrar_arte_pensar.html), obtido em 1-06-17.

### 3. A libertação como conceito teológico

“Há uma certa interpenetração entre os conceitos de salvação e de libertação. O homem só atingirá a salvação em plenitude, se se der nele um processo de libertação de todas as consequências negativas do pecado. (...) A discussão à cerca deste conceito vai andar à volta de dois polos: a libertação interior do homem e a libertação social do homem; o conceito complica-se quando se contrapõem rigidamente as duas perspetivas.”<sup>63</sup>

No pensamento teológico contemporâneo, a palavra libertação surge quase que obrigatoriamente conectada com o pensamento teológico que surgiu no séc. XX, na América Latina. A teologia da libertação, como teologia prática, atendendo ao contexto social e político da América Latina, propõe, deste modo, um profundo diálogo entre a fé, a cultura e a história, apresentando a salvação como libertação<sup>64</sup>. Todavia, a libertação, enquanto conceito teológico, não se pode circunscrever à aceção deste tipo de teologia, mas, entendido em estreita relação com o conceito de salvação, pode e deve ser compreendido de forma ampla e profunda. Surgem, assim, dois polos que permitirão encetar um conceito de libertação teológico não redutor: a libertação interior e a libertação exterior.

#### 3.1. Libertação interior: espiritual e existencial

A libertação interior pressupõe a libertação espiritual e existencial da liberdade da pessoa, enquanto ser criado à imagem e semelhança da Trindade. Anteriormente, identifiquei como um dos grandes desafios de EMRC a “ausência de sentido”: um ser humano que vive aprisionado nas redes do consumismo, enredado nas amarras da comunicação superficial,

---

<sup>63</sup> J. POLICARPO, *Evangelização, anúncio de liberdade*, Multinova, Lisboa, 1975, p. 90.

<sup>64</sup> “Teología de la liberación quiere por eso decir teología de la salvación. Salvación como acción gratuita de Dios en la historia, a la que lleva más allá de ella misma. Don de la vida definitiva, de la filiación aceptada libremente en la historia en la que debemos construir la fraternidad.” – in: G. GUTIERREZ, *Teología de la Liberación*, Sígueme, Salamanca, 1994<sup>15</sup>, p. 45.

condenado, como Sísifo, a uma existência aborrecida e penosa; um dinamismo de vida que tende a procurar a auto-conservação, evitando ou ignorando o dinamismo da auto-doação. Até no próprio discurso religioso católico, a doença mortal da auto-conservação, da auto-afirmação, da auto-realização, contamina de aparente divindade, desejos terrenos que afastam o ser humano da sua imagem. Quantas vezes não se define a vocação cristã como a busca individual da felicidade ou não se assiste a lutas de poder no interior das comunidades?

A libertação interior passa necessariamente pela libertação da liberdade humana, que sem a graça, se vê fechada sobre si própria e orgulhosamente pecadora. Mais do que estruturar uma autonomia radical do sujeito, a libertação interior que Cristo quer operar na existência da pessoa humana, promove uma autêntica teonomia, onde pela ação da graça, o dinamismo do pecado dá lugar ao dinamismo do dom, da auto-doação, de uma vida que busca a felicidade dos outros<sup>65</sup>. Assim, a teonomia, para onde deve confluir toda a autonomia, não significa a subjugação alienante da liberdade humana, mas, pelo contrário, a sua mais sublime realização, uma vez que só inspirado pela revelação de Cristo, o ser humano pode recuperar a semelhança com Deus e ver apaziguado o seu desejo de infinito.

Este tipo de libertação espiritual tem, por isso, consequências reais na forma como se perspectiva a existência humana, não só pela força do dinamismo que imprime, mas também pelos horizontes de esperança que revela e propõe: uma libertação escatológica que interpreta todos os acontecimentos da vida através de uma hermenêutica de esperança. Na passagem deste

---

<sup>65</sup> “La dignidad casi divina del hombre, basada en la idea de creación, hace también comprensible la universalización del mensaje bíblico de salvación. Porque el hombre como hombre está completamente referido a Dios al tiempo que es libre para esta referencia, el mensaje cristiano de salvación no es para él algo extraño y heterónomo. La pretensión de universalidad de ese mensaje no es de talante autoritario o totalitario, sino que se basa en la autonomía del hombre, derivada del hecho de la creación. Se expresa esto en Rom 1, 18 y Rom 2,14ss por lo que hace referencia a las exigencias morales. En el último pasaje citado, Pablo utilizando una terminología del estoicismo, dice que los paganos, que no conocen la Ley, `son para sí mismos ley´. Ese ser ley para sí mismos es, en cuanto al contenido, exactamente lo que significa autonomía moral.” – in: W. KASPER, *Teología e Iglesia*, Barcelona, Herder, 1989, p. 225.

*homo incurvatus in se* ao *homo (in)kénosis*, a religião revela-se como vocação humana libertadora, que vencendo todo o tipo de opressão interior, em lugar de subjugar o ser humano a uma entidade superior alienante, lhe devolve a Esperança que está inscrita no interior da própria existência: a possibilidade ativa da auto-transcendência.

Contudo, esta libertação interior não se pode reduzir a um efeito intimista e isolado, mas, como hermenêutica de esperança criadora de sentido, tem de, necessariamente, ter consequências e efeitos exteriores, porque leva em si inscrita a lei da comunhão intra-divina. Desta forma, o dinamismo libertador teonómico de auto-doação gera um outro: o da co-responsabilidade, *a fim de que Deus seja tudo em todos* (1 Cor 15,28).

### **3.2. Libertação exterior: social e política**

A libertação interior só se efetiva se se desenvolver e confluir numa libertação exterior, isto é, uma libertação social e política, que, através do dinamismo do dom, concretize de forma justa e verdadeira a utopia escatológica da esperança na Ressurreição<sup>66</sup>. Na linha do desafio identificado do “pluralismo”, a libertação, enquanto promessa de salvação, deve gerar uma profecia messiânica de denuncia e gestos livres de caridade. Opondo-se à ditadura de uma cultura de massas, a todo o tipo de relativismo moral e à escravatura dos valores economicistas, a libertação exterior que tem origem na chegada do Reino de Deus, faz brotar no coração humano a mesma preocupação que Deus despertou na consciência de Caim: – *Onde está o teu irmão Abel?* (Gn 4,9).

---

<sup>66</sup> Para Giesteira, a ressurreição de Jesus mais do que um acontecimento histórico é um acontecimento escatológico, uma utopia que se distingue pelo seu carácter soteriológico: cf. M. GIESTEIRA, *La resurrección de Jesús*, SM, Madrid, 1984.

Com os pés assentes na terra, que Deus fez para ele, o ser humano, à imagem da vida intra-divina, é chamado a estabelecer relações de reciprocidade e gratuidade, construindo a Paz e promovendo a Justiça. A libertação exterior passa, deste modo, pela denúncia de todo o tipo de estruturas de pecado<sup>67</sup>, mas também por gestos concretos de mudança, promotores da dignidade da vida humana e que atendam aos mais pobres e oprimidos. O carinho evangélico pelos mais pobres não se reduz, por isso, a uma ideologia do tipo pragmática ou comunitarista, mas revela as consequências decisivas do dinamismo da co-responsabilidade impresso por Deus na génese da existência humana: a solidariedade é uma forma de libertação. Deste modo, reduzir a preocupação pelo outro, a que o Evangelho chama “próximo”, a uma ideologia politizada é não perceber que a libertação evangélica tem como horizonte a eternidade, ou seja, a comunhão plena com Deus.

No entanto, a preocupação pelo próximo não tem limites geográficos. A comunicação social, mostra, diariamente, que a injustiça existe e é real, por isso, em vez de anestesiar a consciência dos países desenvolvidos que nada poderão fazer pelos pobres que não conseguem sair do buraco do sub-desenvolvimento ou da guerra, estas imagens, como gritos humanos de vítimas que têm nome, poderão alargar o horizonte da libertação. A co-responsabilidade, rasgada pelos horizontes evangélicos da solidariedade, deve libertar o ser humano, transformando o *lupus economicus* em *agnus misericordiae*.

Não é só o ser humano que anseia pela chegada definitiva da libertação, também a criação inteira, e, de modo especial, o planeta, por isso, esta libertação exterior, num certo

---

<sup>67</sup> “Se a situação actual se deve atribuir a dificuldades de índole diversa, não será fora de propósito falar de «estruturas de pecado», as quais, como procurei mostrar na *Exortação Apostólica Reconciliatio et Paenitentia*, se radicam no pecado pessoal e, por consequência, estão sempre ligadas a actos concretos das pessoas, que as fazem aparecer, as consolidam e tornam difícil removê-las. E assim, elas reforçam-se, expandem-se e tornam-se fontes de outros pecados, condicionando o comportamento dos homens”. – in: JOÃO PAULO II, *A solitudine social da Igreja*, Editorial AO, Braga, 1988, p.36.

sentido ecológico, inclui também o cosmos, enquanto obra divina que tende para o amor. Os recursos que a natureza oferece, que começam a escassear, carecem de uma utilização livre, ou, por outras palavras, de novos modelos de produção e novas formas de vida. A libertação exterior passa também por uma mudança dos estilos de vida, libertando o ser humano de um conceito de desenvolvimento aniquilador e subversivo.

Embora, em Cristo, pela sua morte e ressurreição, já se tenha realizado definitivamente a libertação como salvação, todos os dias se fazem sentir essas dores e esses gemidos que mostram como a escravidão do pecado atormenta o ser humano e a criação. O ser humano vive o drama da existência em contínua tensão, entre o já e o ainda não, no desejo finito da chegada definitiva da libertação, isto é, a chegada definitiva do Reino de Deus: um Reino de Justiça, de Paz e de Amor.

## 4. Raízes bíblicas da libertação

“Em todo o caso, ela [a Bíblia] afirma implicitamente que o homem está dotado da capacidade de responder por uma livre opção às intenções de Deus para com ele; e sobretudo ela traça o caminho da verdadeira liberdade: Javé no AT intervém para garantir a libertação de seu povo; no NT a graça de Cristo traz a todos os homens a liberdade dos filhos de Deus.”<sup>68</sup>

O conceito teológico de libertação tem as suas raízes mais profundas no terreno fértil da Sagrada Escritura, quer na forma como Deus, no Antigo Testamento, liberta o seu povo, quer na liberdade que Cristo, no Novo Testamento, oferece como dinamismo de redenção. Contudo, o texto bíblico, de um modo geral, recorre mais frequentemente ao conceito de salvação que de libertação<sup>69</sup>. Por isso, neste capítulo, em vez de desenvolver o conceito bíblico de libertação, procurarei explorar e aprofundar as raízes bíblicas do conceito teológico de libertação previamente definido. Atendendo ao valor teológico da Palavra de Deus – *norma normans non normata* –, procurei também evitar os perigos da instrumentalização da Palavra e os métodos que tendem a forçar uma sobreposição histórica entre o contexto presente e a situação do povo de Deus<sup>70</sup>.

---

<sup>68</sup> ROY, L., “Libertação/Liberdade”, in X. LÉON-DUFOUR (Dir), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1977<sup>2</sup>, p. 525.

<sup>69</sup> “O pensamento hebraico, tal como aparece no Antigo Testamento, não forjou um verdadeiro conceito de liberdade e libertação; ao contrário, recorre frequentemente ao conceito de salvação, ultrapassando o mero sentido de uma salvação material para designar uma autêntica salvação espiritual. O pensamento do Novo Testamento, parcialmente afectado pelas influências gregas, começa a empregar o conceito de liberdade e de libertação, sem todavia lhes conceder uma especial importância, insistindo, no entanto, na noção de salvação.” – in: J. CARMIGNAC, “Vocabulário Bíblico da Libertação e da Salvação”, in: AA. VV., *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo (1ª parte)*, *Cadernos Bíblicos 5*, Difusora Bíblica, 1980, p. 11.

<sup>70</sup> “Um perigo, nem sempre evitado, consiste em identificar a situação concreta que se vive com a situação do povo de Deus, isolando-a do resto da Escritura. (...) Podemos procurar encontrar a nossa situação numa dada situação bíblica, mas com a condição de captar antes de tudo o “movimento” e a “dinâmica” que se exprimem na narração bíblica. Isso deve levar-nos a considerar a Bíblia como um todo.” – in: AA. VV., *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo (1ª parte)*, p. 6.

## 4.1. A libertação no AT

### *a) o ser humano é criado livre e para a liberdade*

*A serpente retorquiu à mulher: 'Não, não morrereis; porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal'. (Gn 3,4-5)*

No início deste relatório, procurando justificar a matriz religiosa do ser humano, fiz referência às narrações genesíacas da criação (Gn 1,27; 2,7). Através desta primeira investigação bíblica, fixei a reflexão no tema patrístico da criação do ser humano à imagem e semelhança de Deus. Agora, gostaria de voltar às narrações genesíacas da criação para desenvolver esta cosmovisão num outro sentido: o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus e, por isso, como ser livre e chamado à liberdade.

Se se considerar o conjunto formado pelos textos Gn 1-11, podem-se identificar três grandes momentos nesta *História das Origens*: criação (cap. 1-3), contra-criação (cap. 6-7), re-criação (cap. 8-9). Ora, desde o seu início, o relato bíblico revela uma luta contraditória entre a ação criadora de Deus e a ação destruidora do pecado humano<sup>71</sup>. Por um lado, é o ser humano criado livre que rompe com a harmonia do paraíso, desobedecendo ao mandato de Deus de não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2,17); é o ser humano que usa mal a sua liberdade e mata o seu próprio irmão (Gn 4); é o ser humano que se deixa corromper pelo mal e leva Deus a arrepender-se de o ter criado (Gn 6); é o ser humano que não desiste de querer ser como Deus e, por isso, tenta construir uma cidade e uma torre cujo cimo atinja os céus (Gn

---

<sup>71</sup> “Mirado en conjunto, Gn 1-11 trasciende los límites impuestos por cada pieza o grupo de piezas. La bondad de las obras creadas por Dios, reiteradamente subrayada en los cap. 1- 2, contrasta con la maldad de los seres humanos, repetida una y otra vez en los cap. 3-11. El género humano tiende a destruir lo que Dios creó bueno. A pesar de la gracia manifestada por Dios, los seres humanos siguen pecando; traspasan los límites impuestos por Dios y contravienen el orden por Él establecido”. – in: F. GARCÍA LOPEZ, *El Pentateuco*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2003, pp. 76-77.

11). Por outro lado, Deus não desiste da criação e do ser humano, isto é, de lhes dar o seu próprio sopro (Gn 1,1-2; 2,7); Deus opõe-se à vingança da morte de Abel e proíbe a morte de Caim (Gn 4); depois do dilúvio, Deus estabelece uma nova aliança e rejeita todo o tipo de extermínio (Gn 9); Deus desce para ver a cidade e a torre de Babel, e impede que a construção se conclua, dispersando os trabalhadores (Gn 11,5-9).

Assim, a partir destes primeiros capítulos dedicados à narração das origens do mundo, da natureza, do ser humano e dos povos, concluem-se duas grandes ideias acerca da libertação: Deus é criador que liberta e o ser humano é criatura que necessita de ser libertada. Por isso, através da estrutura graça-pecado-culpa-conversão-criação, Deus criador, em vez de aniquilar o ser humano, que inspirado pelo mal, se transforma em destruidor da criação, procura regenerá-lo, através da bênção e da aliança, fazendo do ser humano libertado um ativo co-criador. A natureza humana decaída, que fora expulsa do Paraíso e que inspirada pela maldade se viu prisioneira da sua liberdade corrompida pelo pecado, vê-se regenerada pelo arco da criação (Gn 10,14-17) e dispersa na sua soberba (Gn 11,5-9). As fórmulas *toledot* – genealogias – frequentes, não mostram apenas descendências sucessivas, mas uma humanidade criada a quem Deus deu a força de se desenvolver, multiplicar e dominar a terra, e de constituir uma família<sup>72</sup>. Contudo, essa força criadora que vem de Deus, sempre que se substitui à obediência, vê-se subjugada às forças aliciantes do pecado. Deus criou o ser humano para a liberdade, mas o pecado afasta-o do fim para que foi criado e desfigura a sua imagem, fazendo-a perder as cores

---

<sup>72</sup> “A pesar de las diferencias formales y de contenido, las genealogías y las narraciones del Génesis poseen un elemento esencial en común: su interés en las cuestiones familiares. Las genealogías son un tipo especial de exposición «histórica» en el que tanto la continuidad en el tiempo como la unión de los grupos se expresan mediante los lazos de sangre: en la procedencia de unos padres y en la relación con unos hermanos. Desde esta perspectiva, el Génesis presenta el mundo como una gran familia. Detrás de las genealogías y de las leyendas del Génesis, late la vida de un pueblo”. – in: F. GARCÍA LOPEZ, *El Pentateuco*, p. 71.

vivas da semelhança. Deus cria, o ser humano destrói; Deus recria, ao ser humano é lhe dada a possibilidade de recomeçar de novo.

No excerto da queda de Adão, o autor do livro dos Génesis mostra como o maior dos pecados é querer ser como Deus, isto é, passar de criatura a criador (Gn 3,4). É esse o engano com que a serpente tenta a mulher e a convence a comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, e, conseqüentemente, a convencer também Adão a fazê-lo. Como desfecho da sua nudez, Adão e Eva são expulsos do Paraíso, no entanto, Deus não os aniquila, mas, através da sua consciência, ajuda-os a perceber que são criaturas abençoadas com um grande poder, que pode ser usado para o bem e para o mal, a liberdade. Uma liberdade que aproximando a criatura do poder criador de Deus, também a pode levar à destruição, isto é, a ser anti-criador<sup>73</sup>.

Em suma, a mesma liberdade que dá ao ser humano, como criatura, a possibilidade de ser um co-criador ativo e de entrar em diálogo com Deus, também é geradora de injustiça e de escravidão, afastando a liberdade da criatura do fim livre que o seu criador lhe imprimiu. Ao longo destes capítulos, o ser humano repetidamente usa mal a sua liberdade, mas Deus não desiste de o re-criar livre e para a liberdade.

### ***b) a libertação do povo da escravidão do Egipto***

*O SENHOR disse: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egipto, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspectores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de o libertar da mão dos egípcios e de o fazer subir desta terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel. (Ex 3,7-8b)*

---

<sup>73</sup> “É aí que a Bíblia, com a sua visão crente, vê a raiz da injustiça entre os homens. Na medida em que o homem recusa servir, situar-se de modo justo diante de Deus, na medida em que por conseguinte ele se fecha em si mesmo e nas suas propriedades, ele corta as relações com os outros, as suas relações tornam-se falseadas, porque já não são fundadas no reconhecimento mas sim no egoísmo”. – in: E. COETHENET, “Jesus”, in AA. VV., *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo (1ª parte)*, p. 16.

Se a narração genesíaca apresenta um ser humano criado livre e para a liberdade, o livro do Êxodo, logo no seu início, descreve uma situação de escravidão e opressão do povo hebreu (Ex 1,8-21). Através do ciclo de José (Gn 37,1-50,26), sabe-se que o povo se refugiou no Egito para escapar à seca e à fome, contudo, uma vez que a memória desse grande homem esmorece, o povo passa de convidado a escravo. A sua prole era tanta, que o Faraó manda deitar ao rio todos os recém-nascidos rapazes. No meio do sofrimento e da opressão, Deus chama Moisés para ser o líder do seu povo e a sua voz ante o Faraó. Em Ex 3, o Deus criador, que havia afirmado nunca mais castigar com o dilúvio o pecado do ser humano e que havia descido para ver a cidade e a torre que o ser humano auto-idolatrado construía, decide descer já não para libertar o ser humano, mas para libertar o povo. De certa forma, a história de Israel começa com o Êxodo, isto é, com a libertação liderada por Moisés e realizada por Deus: Deus desce porque não é indiferente à injustiça e ao sofrimento do povo, e vem para o libertar<sup>74</sup>.

Como recorda o credo histórico (Dt 26,4-10) Deus tirou o povo do Egito libertando-o das humilhações, dos trabalhos forçados e das angústias, para o fazer entrar na Terra Prometida, onde corre leite e mel. Contudo, a libertação operada por Deus, que será para sempre recordada através da celebração da Páscoa, não é apenas fruto da cedência forçada de um Faraó, que ao ver o seu filho morrer, desespera. Esta libertação faz parte de um desígnio mais amplo de Deus: a salvação<sup>75</sup>. A libertação do povo não acontece unicamente com o milagre da travessia do Mar Vermelho, mas também através da travessia do deserto. Se pela interceção de Moisés,

---

<sup>74</sup> “A história de Israel começa realmente com o Êxodo: caso típico de um povo novo que se constitui libertando-se duma opressão política. Por isso, se compreende que os povos e grupos oprimidos se voltem com tanto agrado para ele a fim de aí descobrirem o seu próprio destino” – in: AA. VV., *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo (1ª parte)*, p. 17.

<sup>75</sup> “Os escritores inspirados, na sua meditação sobre o acontecimento fundador do povo, o Êxodo, põem em destaque sobretudo duas coisas: nesta libertação, Israel descobre melhor o rosto do seu Deus, toma consciência de que É O SEU DEUS QUE O LIBERTA – e que Deus o liberta COM UM OBJETIVO PRECISO”. – in: AA. VV., *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo (1ª parte)*, p. 22.

a força libertadora de Deus fez o povo sair da escravidão do Egito, libertando-o exteriormente, a travessia do deserto realiza outro êxodo, o da libertação interior. Rapidamente, em pleno deserto, o povo libertado vê a sua confiança posta à prova e a sua vontade tentada pelo desejo de voltar à escravidão: *Quem dera que tivéssemos morrido pela mão do SENHOR na terra do Egito, quando estávamos descansados junto da panela de carne, quando comíamos com fartura!* (Ex 16,3). No episódio do bezerro de ouro, o povo libertado torna-se, de novo, escravo pela idolatria, porque perde a confiança em Deus libertador e quer ver resultados (Ex 32). Desta forma, o deserto é um caminho de libertação, isto é, de páscoa, de passagem da servidão ao serviço. E Deus nunca abandona o seu povo. A cada instante, Deus providencia a sua libertação interior, fazendo-o acreditar mais n'Ele que nas forças que lhe restam.

Aquele que se revela como *Eu sou Aquele que sou* (Ex 3,14), neste longo caminho de libertação, não só dá ao povo de comer e de beber, fazendo chover o maná (Ex 16) ou brotar água das rochas do deserto (Ex 17), revelando-se como providência, mas, para além da esperança na Terra Prometida, atualizando a sua aliança, dá-lhe a Lei (Ex 19). O decálogo surge, assim, como uma expressão de liberdade que desafia o povo a ser fiel à aliança e a Deus, não só por palavras, mas, sobretudo, através da sua conduta<sup>76</sup>. A libertação que Deus quer operar como desígnio escatológico, não se impõe pela força ou pela destruição, mas é proposta à liberdade do povo como lei libertadora. Ainda que pela sua linguagem negativa o Decálogo possa incidir na proibição, ele manifesta o desejo profundo de Deus libertador libertar os oprimidos. A entrada na Terra Prometida, deste modo, não é uma conquista da resiliência do povo, mas um ato teonómico de aceitação livre da libertação oferecida e realizada por Deus.

---

<sup>76</sup> “Mirado en su punto final, como unidad independiente, se puede hablar de un «tema» del decálogo: la preservación de la libertad. El decálogo es la expresión de la voluntad de Dios para cuantos desean conducir su vida a la luz de la liberación operada por Dios. Visto en su devenir, en sus diversas recensiones y en su proceso de formación, habría que hablar de un Israel en camino y, por tanto, de su orientación escatológica”. – in: F. GARCÍA LOPEZ, *El Pentateuco*, pp. 196-197.

Na aliança do Sinai, esta ideia fica clara, o Deus de Israel define-se através dos seus atos salvíficos (Ex 19,3-8), por isso, a aliança do Sinai, embora surja na continuidade da que Deus estabeleceu com Noé e com Abraão, já não é unilateral mas bilateral, porque exige a resposta livre do povo<sup>77</sup>. O povo já não é o povo oprimido pelo Faraó, mas o povo libertado por Yahvé. Em suma, a libertação, como dom de Deus, gera uma resposta livre e responsável, que nasce do reconhecimento do dom.

### ***c) a promessa da chegada definitiva da libertação***

*Por isso, o Senhor, por sua conta e risco, vos dará um sinal. Olhai: a jovem está grávida e vai dar à luz um filho, e há-de pôr-lhe o nome de Emanuel. (Is 7,14)*

Apesar do profetismo de Israel ser um fenómeno polifónico e diverso, podem-se identificar alguns traços comuns que aproximam os distintos profetas de Israel e os distinguem dos falsos profetas<sup>78</sup>. Chamados e escolhidos por Deus para transmitir ao povo o que Ele lhes comunicou, quer por visões quer por palavras, falam em nome de Deus e, recorrentemente, denunciam a injustiça. Um dos traços fundamentais do profetismo de Israel está na insistente crítica dos poderosos, dos líderes políticos e religiosos, que tendem a idolatrar o dinheiro, o poder e o prestígio. Desta forma, os profetas guiam o povo, falam em nome de Deus, ungem os

---

<sup>77</sup> “El recuerdo de las acciones divinas sirve para legitimar las obligaciones de Israel para con su Dios. El nuevo estatuto depende del cumplimiento de la alianza: «si escucháis atentamente mi voz y guardáis mi alianza...» (v. 5a). En la concepción de este texto, la santidad, la dignidad sacerdotal y el poder real dejan de ser prerrogativa de una clase determinada y se convierten en la herencia de toda la comunidad de la alianza. Se repiensa y reformula la identidad del pueblo de Dios. Gracias a las instituciones sacras, sobre todo a la de la alianza, Israel se transforma en un pueblo especial. Ya no pertenece a Faraón, sino a Yahvé.” – in: F. GARCÍA LOPEZ, *El Pentateuco*, p. 185.

<sup>78</sup> “Os profetas são homens da Palavra de Deus. Primitivamente chamados “videntes” (1 Sam 9,9), eles representavam uma instituição conhecida do antigo Oriente. Eram homens ou mulheres, mais ou menos em ligação com os santuários, que podiam dar ao soberano uma palavra ou resposta da divindade concernente às decisões políticas ou dinásticas que este tinha de tomar.” – in: AA. VV., *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo (1ª parte)*, p. 28.

reis, adivinham acontecimentos, transmitem a mensagem de Deus e, como *homens de Deus*, em tempos de crise, denunciam a opressão, anunciam castigos, convidam à conversão e prometem a libertação de Deus<sup>79</sup>. Distinguem-se, por isso, dos falsos profetas, que procuram tirar dividendos pessoais das suas profecias enganosas, e vivem constantemente ameaçados pelo possível fracasso apostólico, uma vez que os seus ouvintes nem sempre correspondem positivamente às suas profecias e, por vezes, até reagem com bastante violência<sup>80</sup>.

No capítulo 34 do livro de Ezequiel, encontra-se um exemplo claro da força das palavras denunciadoras dos profetas. O profeta Ezequiel crítica a injustiça dos governantes e a forma como estes se deixaram corromper. Por um lado, acusa os pastores, isto é, os líderes políticos, de não cuidarem dos elementos mais desfavorecidos do rebanho e de dispersarem o rebanho. Por outro, sublinha que Deus se preocupa com as suas ovelhas e recorda a violência e crueldade com que foram outrora tratados pelo Faraó<sup>81</sup>. No fundo, esta insistente crítica dos profetas aos líderes políticos mostra como o povo de escravo passou a opressor, esquecendo tudo o que Deus fez por Ele e tudo o que experimentou, como estrangeiro, no cativeiro do Egito. Os reis são injustos e não cuidam do pobre, do órfão e da viúva, estão agarrados ao poder e usam-no em proveito próprio. O povo deixou-se corromper pela ganância do poder e transformou a liberdade da lei, que recebeu no Sinai, em opressão, ou seja, de povo escravo libertado, passou a povo livre escravizado.

Todavia, a crítica libertadora dos profetas, não se restringe apenas aos líderes políticos, mas também visa o culto e os sacerdotes, que oferecem sacrifícios a Deus, mas depois não

---

<sup>79</sup> Cf. J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2005, pp. 76-97.

<sup>80</sup> Cf. J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, pp. 145-148.

<sup>81</sup> “El c.34 responsabiliza de las injusticias a los pastores (reyes) y a los poderosos. Pero precisamente este capítulo nos abre el camino para una nueva visión. Después de acusar a los responsables del rebaño y a los miembros más fuertes, Dios anuncia que él mismo apacentará a sus ovejas, las buscará siguiendo su rastro (34,11-16).” – in: J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, p. 334.

cuidam dos pobres (Os 6,6; Am 5,21-24)<sup>82</sup>. Com esta crítica, os profetas, guiados por Deus, procuram libertar o povo de uma prática exterior da Lei, que se afastou da misericórdia e se transformou num ritualismo legalista. A libertação está no exercício da misericórdia e não nos sacrifícios cultuais ou no cumprimento mecânico da Lei.

Desta forma, em tempos difíceis e controversos, como aquando do exílio da Babilónia, os profetas falam de Deus como o *Goêl de Israel*<sup>83</sup>, ou seja, como libertador de Israel. Um Deus que, apesar dos pecados e infidelidades do povo, nunca o abandona e nunca desiste de o libertar de todas as forças opressoras e de todas situações sociais injustas. Nestes mesmos tempos contorvados da história de Israel, em que o povo se vê derrotado, desanimado e ferido pelo pecado, surge também uma nova esperança: a promessa da chegada da libertação definitiva de Israel. Da casa de David virá um Messias, que libertará definitivamente Israel. Na mensagem profética existe uma tensão escatológica entre o presente, que é alvo de críticas, e o futuro, que é promessa divina de esperança. Diante da injustiça e da escravidão, uma vez mais, Deus não fica indiferente, mas promete a vinda de um Pastor justo e humilde, que assumindo os sofrimentos do povo, o libertará. Por isso, o profeta Isaías (Is 40-55) fala do *servo de Yahvé*, que assumindo todos os sofrimentos do povo, o libertará (Is 50,4-11) redimindo-o da sua culpa<sup>84</sup>. Esta figura do *servo de Yahvé* introduz uma nova dimensão na libertação: a libertação interior, ainda que possa passar pela exterior, não necessita dela para se concretizar enquanto salvação. A dimensão escatológica da esperança não se reduz à sua dimensão socio-política, mas abre-se

---

<sup>82</sup> Cf. J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, pp. 434-437.

<sup>83</sup> “Quando as infidelidades do povo de Deus levaram à ruína de Jerusalém e ao exílio, a libertação dos judeus deportados em Babilónia foi segunda redenção, e o anúncio dessa boa-nova constitui a mensagem principal de Is 40-55. Javé, o santo de Israel, é seu “Libertador”, seu *Goêl* (Is 43,14; 44,6.24; 47,4; cf. Jr 50,34).” – in: L. ROY, “Libertação/Liberdade”, p. 526.

<sup>84</sup> “Poder-se-ia dizer, aliás, que este Servo personifica o objectivo procurado por toda a libertação, objectivo que pode ser atingido, paradoxalmente, em qualquer situação, mesmo naquela em que se está oprimido! Desprezado, esmagado, este Servo é livre porque não se resigna ao seu destino: assume-o, faz dele uma oferta a Deus e torna-o assim salvação para os homens.” – in: AA. VV., *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo (1ª parte)*, p. 35.

a uma nova dimensão, a chegada dos tempos definitivos da salvação. A história da opressão tem um fim temporal, porque Deus nunca abandona a vítima e a libertará definitivamente com a chegada do Messias.

## 4.2. A libertação no NT

### *a) a chegada do reino prometido*

*Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.» Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Começou, então, a dizer-lhes: «Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.» (Lc 4,17-21)*

As palavras finais de Jesus mostram como Ele, Verbo Encarnado, vem para cumprir todas promessas de Yahvé: Ele não vem apenas para reparar o mundo, mas para libertá-lo de todo o tipo de escravidão; Ele vem anunciar a libertação aos cativos, aos cegos, aos oprimidos; Ele vem devolver a liberdade aos filhos de Deus; Ele vem libertar os que andavam nas trevas; como novo Moisés, Ele vem libertar o povo do cativo da Lei; como Messias, Ele traz a justiça; como Bom Pastor, Ele liberta exercendo a misericórdia; como Salvador, Ele traz a saúde de Deus libertando o pecador do mal<sup>85</sup>. O reino que João Batista anunciou estar para vir, através da pessoa de Jesus, dos seus gestos e palavras, chega definitivamente e projeta a esperança

---

<sup>85</sup> “A libertação de Israel era apenas uma prefiguração da redenção cristã. É com efeito Cristo quem instaura o regime da perfeita e definitiva liberdade para todos aqueles que, judeus e pagãos, a ele aderem na fé e na caridade.” – in: L.ROY, “Libertação/Liberdade”, p. 528.

humana na tensão escatológica de uma libertação que já está a acontecer, mas que ainda não se cumpriu totalmente.

No episódio imediatamente antes desta ida à Sinagoga de Nazaré, Jesus passou quarenta dias no deserto, ao fim dos quais foi tentado pelo diabo, figura da divisão. Se se analisar em detalhe as três tentações com que o diabo procura seduzir Jesus, percebe-se que o que está em discernimento é a forma como Deus chama Jesus a exercer o seu ministério público. Desta forma, Jesus é tentado pelo poder, pela idolatria e pela vanglória, três elementos, que, como mostrei anteriormente, compõem a crítica profética aos líderes de Israel, por isso, em Jesus o Reino de Deus realiza-se como expressão da libertação que os profetas anunciaram. Jesus, em pessoa, anuncia e realiza este Reino, que apesar do seu carácter futuro, já está no meio de nós<sup>86</sup>.

Contudo, a tensão não é só escatológica, mas também drama existencial, porque, como mostra a continuação deste texto, desde o início do seu ministério, as ações e palavras de Jesus não são acolhidas por todos e geram violência. Tal como os profetas, também Jesus é criticado, perseguido e ameaçado de morte. Aliás, identificando-se com a figura do *servo de Yahvé* de Isaías, durante a sua Paixão, como Deus *Goêl*, Ele assume sobre si todas as culpas e pecados, para libertar a humanidade, devolvendo ao ser humano a possibilidade de, através do Filho, recuperar a semelhança com Deus perdida pelo pecado.

Os Evangelhos, ainda que de modo diferente, apresentam Jesus como libertador, isto é, Aquele que instaura o Reino de Deus: reino de justiça, de paz e de liberdade. Através da sua ação taumaturga, como Messias ungido por Deus, o Cristo, Ele realiza a vontade do Pai, dedicando-se de modo particular aos mais pobres, aos sem voz, aos esquecidos da sociedade.

---

<sup>86</sup> “El Reino es una metáfora para expresar a Dios en acción y relación, cuya clave interpretativa es la persona de Cristo. Jesús sitúa su mensaje en la línea de las promesas y esperanzas proféticas del AT, declarándolas cumplidas. Su vida es una parábola en acción. Él en persona es la parábola de Dios.” – in: O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristología*, BAC, Madrid, 2008, p. 53.

Com palavras duras, denúncia todos os que, em nome de Deus, estão mais prontos a julgar e condenar, do que a salvar e libertar; com gestos escatológicos, cura e faz milagres, revelando o desígnio salvador de Deus; com a sua forma de estar e de ser, anuncia e constrói o Reino, restaurando a esperança de Israel; com a sua autoridade, expulsa os demónios e liberta interiormente os pecadores<sup>87</sup>. Jesus não é um curandeiro, um bruxo ou um adivinho, mas Aquele que traz a libertação de Deus, por isso, no Evangelho de Marcos, pede aos demónios e às pessoas curadas que guardem segredo do seu messianismo. Ele não quer ser conhecido pela fama, mas quer estabelecer com cada um uma relação de proximidade, porque a sua libertação é misericórdia.

O Reino de Deus, que Jesus inaugura com a sua ação messiânica, não é um reino estritamente político. Embora Jesus promova uma nova ordem social – valorizando socialmente as mulheres, criticando as instâncias religiosas, denunciando a corrupção, reintegrando os ostracizados –, Ele recusa constantemente um messianismo estritamente político, que entre em confronto direto com a ocupação romana<sup>88</sup>. O reino de Jesus, como Ele próprio afirma, diante de Pilatos, não é deste mundo, contudo, pela libertação interior e exterior dos filhos de Deus, Ele pretende instaurá-lo na terra através do exercício da misericórdia e da construção da paz.

---

<sup>87</sup> “La persona de Jesús hace presente el poder y el amor del Padre para sus hijos, integrándolos a su filiación y su oración. Él remite al único que es salvación: Dios, pero le hace transparente como misericordia, vencedora del mal, y presente en sus propias acciones.” – in: O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristología*, p. 63.

<sup>88</sup> “Ora o facto é que Jesus *recusou estritamente o messianismo político*. Quando depois da multiplicação dos pães espírito acalorados querem levá-lo para aclamarem rei, ele desaparece (Jo 6,15). Quando lhe é posta a pergunta de algibeira: “É lícito ou não pagar o tributo a César?” (Mc 12,14), ele defere se à situação de facto que atestam as moedas em uso, mas altera por completo o sentido da questão: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (12,17) (...) É pois manifesto que Jesus recusa deixar-se encerrar nos problemas políticos tais como os formulam os seus contemporâneos: ele olha mais acima e para além deles.” – in: AA. VV., *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo (1ª parte)*, p. 50.

Assim, este Reino nasce única e exclusivamente da ação livre e libertadora de Deus, como dom e graça<sup>89</sup>. Não é um reino feito de conquistas militares ou poderio económico, mas uma libertação que chega através da cristianização do ser humano, que através dos gestos e ações de Jesus, nomeadamente, da sua morte e ressurreição, se vê definitivamente libertado do jugo do pecado e chamado à liberdade dos filhos de Deus. O reino de liberdade é dom gratuito de Deus, que em Jesus Cristo, unge, no Espírito Santo, todos os seres humanos através da salvação, gerando neles o mesmo dinamismo do dom.

### ***b) o dom da lei do Espírito Santo***

*Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem. (Act 2,1-4)*

Depois da promessa da vinda do Espírito Santo, feita por Jesus, no momento da Ascensão, com que Lucas termina o evangelho e abre o livro dos Atos, e de um tempo de expectativa, a descida do Espírito Santo ocorre durante a festa judaica do pentecostes e com a comunidade reunida. Aliás, esta festa judaica das Semanas, que acontecia 50 dias depois da páscoa hebraica, celebrava quer a aliança que Deus fez com Noé [Gén 9] quer o dom da Torah no Sinai [Ex 19]<sup>90</sup>. Como nas revelações divinas do Antigo Testamento [Ex 19] ou do Novo

---

<sup>89</sup> “Del reino afirma Jesús que es don y puro don de Dios, que no puede ser forzado por la acción de los hombres. La venida del reino está, pues, transida de gratuidad, Dios viene por amor gratuito, no como respuesta a la acción de los hombres.” – in: J. SOBRINO, *Jesucristo liberador*, Editorial Trotta, Madrid, 2010<sup>5</sup>, p. 107.

<sup>90</sup> Sobre a evolução da interpretação desta festa: cf. D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, Labor et Fides, Genève, 2007, pp. 71-72.

Testamento [Lc 9,28-36], Lucas emprega um vocabulário audiovisual para descrever a descida do Espírito Santo – *um som, uma forte rajada de vento e umas línguas à maneira de fogo*. Por um lado, embora a descrição seja bastante precisa – *poisou uma sobre cada um deles* –, Deus permanece indizível e transcendente; por outro, existe um contraste entre a totalidade da casa e a individualidade de cada um, porque o Espírito é simultaneamente individual e comunitário. Como fogo que destrói o medo e abrasa a liberdade, a vinda do Espírito cumpre a profecia – *Ele batizar-vos-á no Espírito Santo e no fogo* [Lc 3,16] –, estabelecendo uma nova aliança eterna com o povo de Deus reunido em comunhão. A intensidade e a profundidade da infusão do Espírito fazem com que, espontaneamente, os apóstolos falem *outras línguas*: o Espírito de Deus transborda nas suas vidas e fá-los falar *outras línguas*, isto é, línguas inspiradas<sup>91</sup>. A graça recebida no dia de Pentecostes leva em si a tarefa da partilha e do testemunho, pelo que ela inaugura uma nova forma de comunicação, que não se impõe pela ditadura de uma só língua, mas se expressa pela *parrésia* presente nos múltiplos discursos dos Atos. A partir deste proto-evento da fundação da Igreja, os Apóstolos falam livremente, porque a verdade lhes foi revelada. Tal como Cristo foi perseguido, também a sua Igreja o foi, porque, conformada pelo dom do Espírito, tal como Jesus, ela dá testemunho livre da verdade (*síncrieses*), ela fala verdadeiro (*parrésia*) e anuncia a boa nova aos pobres<sup>92</sup>.

Assim, a partir desta análise do texto de Pentecostes, podem-se concluir três coisas: a) a descida do Espírito Santo inaugura uma nova forma de comunicar livre que ultrapassa toda a superficialidade e divisão, uma vez que é a própria *dynamis* do Ressuscitado que arde no interior dos discípulos e os faz falar; b) o dom do Espírito Santo apela a uma comunhão universal que não anula a diversidade, porque a unidade do Espírito faz-se na diversidade e não

---

<sup>91</sup> Sobre as línguas: cf. J. DUPONT, *Études sur les Actes des Apôtres*, Cerf, Paris, Col. «Lectio Divina» 45, 1967, pp. 490-496.

<sup>92</sup> Cf. J.-N. ALETTI, *Quand Luc raconte*, Cerf, Paris, 2007, pp. 103-112.

através da monocromia; c) tal como no Sinai o povo recebeu o dom da Lei, nesta teofania, a Igreja recebe o dom do Espírito Santo como lei interior de liberdade.

Em suma, a Lei do Espírito [Rom 8 e Gal 4] já não é exterior, mas interior, porque tal como Jesus foi batizado pela água e pelo Espírito, assim também os filhos de Deus, pela sua ressurreição, recebem uma lei que é a do coração [Jer 31 e Ez 36], o dom do Espírito Santo que em nós clama: *Abba, Pai!*<sup>93</sup> A Lei que o Espírito Santo imprime nos corações daqueles que foram salvos por Cristo é uma lei de liberdade que, através do dom de si, luta contra todo o tipo de falsidade, injustiça, incoerência, opressão, manipulação, ..., contra toda a subjugação do mal, porque onde abundou o pecado, superabundou a graça. A Lei do Espírito Santo é, por isso, a Lei da caridade, que desafia o coração humano a viver dando-se livremente por amor, tal como Cristo se ofereceu, em sacrifício, ao Pai, pela remissão dos pecados de todos. Esta é a libertação que chega definitivamente em Cristo e que se prolonga pela ação do Espírito Santo.

---

<sup>93</sup> “Uma vez que morremos misticamente com Cristo, estamos agora libertados da Lei (Rm 7,1-6) e não poderíamos buscar no cumprimento duma lei exterior o nosso princípio de salvação (Gl 3,2.13; 4,3ss). Estamos sob um regime novo, e a docilidade ao Espírito infundido nos nossos corações constitui agora a norma da nossa conduta (cf. Jr 31,33; Ez 36,27; Rm 5,5; 8,9.14; 2 Co 3,3.6).” – in: L. ROY, “Libertação/Liberdade”, p. 529.

## **5. Jesus traz-nos a salvação como libertação**

As raízes bíblicas da libertação confirmam essa conexão estreita, que enunciei no capítulo 3, entre a libertação e a salvação. Esta íntima relação manifesta-se, de modo especial, através da forma como Deus se revela, ao longo do antigo Testamento, como Deus libertador, com um desígnio Salvador: Deus não resgata apenas o povo do cativeiro do Egito, mas, escolhendo-o como povo eleito, procura libertá-lo de todas as forças opressoras. Contudo, o poder, a idolatria e a riqueza, são tentações frequentes que afastam o povo eleito da aliança libertadora que Deus não desiste de renovar com ele. Por isso, este mesmo desígnio de libertação está presente na mensagem profética que, continuamente, ao longo dos séculos, Deus dirigiu ao seu povo, como crítica e apelo de conversão.

Jesus Cristo, Palavra Eterna do Pai, Aquele, que, segundo os Padres, foi ícone que inspirou a criação de Adão, vem, assim, cumprir, em pessoa, a promessa messiânica da chegada do reino, da misericórdia de Deus e do Espírito Santo. Neste quinto capítulo, gostaria de desenvolver o conceito cristológico de Salvação a partir da noção teológico-bíblica de libertação e da experiência que significou, durante a PES, lecionar a UL 2. Por outras palavras, como Cristo, pela sua encarnação, através da sua singular humanidade, com a sua morte e ressurreição, opera escatologicamente a Salvação definitiva do género humano. A libertação que Cristo oferece, como dinamismo existencial, não se reduz, por isso, a um mero exercício de voluntarismo político ou pessoal, mas é dom gratuito de Deus. Deste modo, a libertação que Cristo opera através da sua pro-existência, como novo Adão, desperta no ser humano o desejo adormecido de infinito, que Deus deixou como vestígio na criatura, projetando a existência humana num futuro que começa aqui e agora. A Salvação que Cristo operou, pela sua morte e ressurreição, com que Ele liberta a criação, não é uma libertação esotérica, mas a transformação

do mundo e do ser humano, que só se completará definitivamente na eterna comunhão com Deus.

## 5.1. A singular humanidade de Jesus<sup>94</sup>

“Em suma, Jesus tem os pés nesta terra e não pede àqueles que O seguem que façam o contrário. A crítica que recebe é precisamente a de ser demasiado «terreno». A resposta, muito aguda, não se faz esperar: «Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: “É um comilão e beberrão, amigo dos cobradores de impostos e pecadores” (Mt 11,18-19; Lc 7,33-34). Assim sendo, Jesus é um homem profundamente vital, um homem que valoriza a vida em todas as suas dimensões, alguém que se aproxima das pessoas e das coisas com carinho e humanidade, com simpatia e até mesmo humor”.<sup>95</sup>

### *a) Novo Testamento e história do dogma: dinamismo incarnatório*

Jesus, o verbo feito carne, não é um Robocop que se serve mecanicamente de um corpo para se manifestar<sup>96</sup>, nem um super-herói que pela sua valentia se parece com Deus<sup>97</sup>. O mistério da encarnação revela o querer profundo de Deus, que no seio de Maria, pela ação do Espírito Santo, se fez carne, para que o homem recupere a semelhança perdida.

Desta forma, no Novo Testamento, esta singular humanidade aparece de modo explícito nos títulos cristológicos (Messias, Filho de Deus e Kyrios), nas confissões de fé e no

---

<sup>94</sup> Para a construção deste ponto 3.1. inspirei-me em G. URÍBARRI, “Redención: creo en Jesucristo”, in: AA. VV., *La lógica de la fe. Manual de teología dogmática*, Unión Editoriales, Madrid, 2013, pp. 360-370.

<sup>95</sup> A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, Paulus, Lisboa, 2006, p. 333.

<sup>96</sup> “Le docétisme est la thèse selon laquelle le Verbe n’a pas pris véritablement notre condition charnelle, mais seulement son apparence (du verbe grec *dokein*, apparaître. Um tel refus de la condition humaine de Jesús, si peu de temps après le témoignage donné de sa vie et de sa mort, nous paraît surprenant. Pour le comprendre, il faut y voir un choc en retour de la proclamation du Christ ressuscité, Seigneur siégeant à la droite du Père, donc situé à l’égal de Dieu, ce qui engageait sa pré-existence auprès du Père et son envoi auprès de nous selon le mouvement de l’incarnation.” – in: B. SESBOÛÉ, *Jesus-Christ dans la tradition de L’Église*, Desclée, Paris, 1982, pp. 71-72.

<sup>97</sup> “Ce verbe, si étroitement soudé à la chair, ne peut donc être qu’une créature, très supérieure à nous sans doute, mais qui a eu besoin d’être sanctifiée lors de son baptême. Au terme de ces réflexions le Christ arien n’est plus médiateur entre Dieu et les hommes, mais très exactement un intermédiaire qui n’est ni vrai Dieu, ni non plus vraiment homme”. – in: B. SESBOÛÉ, *Jesus-Christ dans la tradition de L’Église*, p. 95.

reconhecimento de Cristo como Salvador. Esta tradição neotestamentária, no início do cristianismo, não só gerou várias controvérsias cristológicas, como também levou a Igreja a formular dogmaticamente a singular humanidade de Cristo, como Verbo eterno e como Logos. Fundamental nesta formulação é também a afirmação de que a humanidade de Jesus está de tal modo unida à sua divindade, que só existe em união hipostática com o Verbo, fazendo de Maria *Theótokos* (Mãe de Deus).

Assim, a humanidade de Jesus, quer no Novo Testamento quer na história do dogma, surge como singular, isto é, uma humanidade totalmente assumida por Deus que singularmente manifesta e concretiza a perfeita vocação humana, no exercício livre de uma vontade divinizada (teonómica). Embora a humanidade de Cristo partilhe as mesmas limitações temporais e espaciais de toda a história humana, ela possui uma *dynamis* singular e uma determinação específica, pela sua condição original e irrepetível. Jesus nasce num país específico, num determinado contexto cultural, pertence a uma família e a um povo, é educado de determinada maneira, porém, a especificidade da sua vocação messiânica faz da sua singular humanidade revelação autêntica da verdadeira humanidade: como novo Adão, Ele oferece à existência humana a possibilidade de se cristificar, ou seja, de se humanizar pela sua encarnação<sup>98</sup>.

Contudo, esta singular humanidade não é apenas reveladora do verdadeiro rosto humano, mas, a partir da sua união hipostática, é também revelação definitiva, plena e acabada do rosto de Deus. A união hipostática afirmada pelo concílio de Constantinopla II<sup>99</sup>, que se dá na pessoa de Jesus é definitiva: uma vez que o Logos se uniu hipostaticamente à humanidade,

---

<sup>98</sup> “L’humanisation de Dieu en Jésus est également la révélation de « l’humanité » de Dieu: Dieu est capable de vivre en homme, d’être un homme; mais aussi Dieu est « humain », plus humain que tout homme au monde. Si l’humanité exprime la chaleur de l’amour et de la miséricorde, alors Dieu est plus homme que nous tous.” – in: B. SESBOÛÉ, *Jesus-Christ dans la tradition de L’Église*, p. 126.

<sup>99</sup> H. DENZINGER – P. HÜNERMANN, *El magisterio de la Iglesia*, Herder, Barcelona, 2000, pp. 209-216. A partir de agora citaremos esta obra indicando em maiúscula as primeiras letras dos apelidos dos autores e os números correspondentes, por exemplo, sobre o concílio de Constantinopla II conferir DH 421-438.

essa união permanece de modo definitivo, a pesar da morte e da ressurreição<sup>100</sup>. Não existe um Jesus que não seja o Cristo, o Filho de Deus incarnado. Através da sua íntima união com o Pai, Cristo, como pessoa da Trindade, manifesta definitivamente ao ser humano quem é Deus e opera a sua Salvação. A encarnação do Verbo eterno é um movimento trinitário de descida que conduz necessariamente a um outro de subida, por isso, na sua humanidade singular, Jesus vive para fazer a vontade do Pai, que o enviou para redimir o mundo, pela força do Espírito Santo. Em Jesus, através da sua carne, Deus completa todo o movimento libertador começado e anunciado no Antigo Testamento, pois, pela sua encarnação e vida, desce para humanizar e, pela sua morte e ressurreição, eleva-se para divinizar<sup>101</sup>.

Teodoro de Mopsuéstia, nas suas homilias catequéticas fala de um *dinamismo incarnatório*<sup>102</sup>: um dinamismo onde, através da unção do Espírito Santo, Jesus faz-se Filho pela obediência, no exercício livre da sua vontade. Nos momentos mais importantes da vida de Jesus, pela unção do Espírito, o Pai confirma-O na sua missão e abençoa de modo particular a sua humanidade. No batismo, o Espírito Santo desce sobre Cristo e o Pai manifesta o seu amor (Mc 1,9-11), e na transfiguração, depois da presença de Moisés (lei) e de Elias (profetas), repete-se esta mesma teofania (Mc 9,2-10). Tal como os reis e os profetas foram ungidos com azeite, Jesus é ungido pelo Espírito Santo na sua humanidade e confirmado pelo Pai na sua missão, por isso, este dinamismo incarnatório faz de Jesus o Cristo, que, pela infusão do Espírito, se torna doador do Espírito Santo e fonte de vida (Jo 19,34; 7,39; 20,22). No evangelho

---

<sup>100</sup> Como refere Santo Agostinho: *est semper natura, et hominis Filius qui ex tempore assumptus est gratia: ne sie assumptus est ut primo creatus assumereur, sed ut ipsa assumptione crearetur* (Contra Sermones Ariani, I,8, PL 42,688).

<sup>101</sup> “En assumant ainsi la condition humaine, le Christ la restaure et l’élève vers Dieu. L’incarnation respectueuse de l’homme a en effet un double but: le rendre lui-même, c’est-à-dire le libérer de la chaîne du péché, c’est l’aspect rédempteur; mais aussi lui conférer une solidarité nouvelle avec Dieu, en l’élevant vers lui, c’est l’aspect de la divinisation.” – in: B. SESBOÛÉ, *Jesus-Christ dans la tradition de L’Église*, p. 191.

<sup>102</sup> Sobre este conceito de Teodoro de Mopsuéstia: cf. G. URÍBARRI, “El dinamismo encarnatorio según las homilias catequéticas de Teodoro de Mopusestia”, *Estudios Eclesiásticos* 81 (2006) 37-95.

de João, no momento em que Cristo consuma por completo a vontade do Pai (Jo 19,30), no momento da sua morte, Cristo que foi obediente até à morte de cruz (Fl 2,8), dá (*paradidomai*) o seu Espírito. Para João a *kénosis* de Jesus está de tal modo abençoada pelo Espírito Santo, que no momento da obediência absoluta e da entrega total, em Cristo, Deus morre, dando o Espírito Santo, o mesmo dom que insuflou nas narinas de Adão quando o fez existir<sup>103</sup>.

Este dinamismo, que faz da existência de Cristo uma pro-existência, não só é fruto da ação do Espírito Santo, que unge a liberdade de Cristo libertando-a, mas também nasce de uma certa hermenêutica do silêncio. Muitas vezes, nos evangelhos, Jesus retira-se para rezar e através da oração é capaz de discernir a vontade do Pai: depois da longa jornada de Cafarnaum, quando todos o procuram em busca de cura, de manhã cedo, Jesus retira-se num lugar solitário a orar e decide deixar a cidade; depois de ter realizado a multiplicação dos pães e de ter alimentado cinco mil pessoas, Jesus envia os discípulos à sua frente e retira-se, num monte, a orar; depois de ter celebrado a Páscoa com os seus discípulos, na angústia do que o Pai lhe pedia, Jesus, no Getsémani, reza, pedindo ao Pai que lhe dê forças para fazer a sua vontade. A *kénosis* de Jesus é libertação da sua vontade e brota desse terreno fértil que o silêncio da oração conquista pela libertação interior da solidão, da angústia e da tentação. Esse silêncio virtuoso onde Deus se autocomunica é uma autêntica hermenêutica regeneradora de sentido, uma vez que, nesse espaço interior de escuta, o Pai faz-se especialmente presente e confirma Cristo na sua vontade. Uma vontade humana obediente em liberdade (teonómica), que sem deixar de ser autenticamente humana, se vê sustentada pela pessoa divina do Filho. A oração de Jesus, mais do que um ato piedoso é um ato de liberdade, uma forma de comunicação profunda, onde, pelo

---

<sup>103</sup> “Uno es el principio joánico de que en el colmo de la condición servil, en la cruz, irrumpe la gloria del Hijo, en cuanto que en ese momento llega y se revela su amor hasta el colmo (divino). El segundo es el principio de que Dios trino, con la encarnación del Hijo, no sólo ha venido en auxilio del mundo, sino que se ha revelado a sí mismo en su más honda peculiaridad.” – H. U. BALTHASAR, “El misterio pascual”, in: *Misterium Salutis*, Ediciones Cristianidad, Madrid, vol. III, tomo II, p. 156

dinamismo incarnatório, o Espírito o unge com a sua *dynamis* e o Pai o confirma com a sua consolação. Por isso, é através da oração que Ele resiste às tentações no deserto, à fama de curandeiro e ao medo da cruz. Deste modo, o dinamismo incarnatório de Jesus, pelo silêncio da oração, é um movimento existencial de esvaziamento contínuo que se faz dom de si: a sua singular humanidade é continuamente libertada, pela descida do Espírito Santo, fazendo carne a vontade livre do Pai.

Em suma, a humanidade de Cristo possui uma singularidade extraordinária e única, porque nela se encontram, na sua máxima possibilidade, a natureza humana finita e a natureza divina infinita, dando-se, pelo dinamismo incarnatório de Cristo, a concretização absoluta do fim para que foi criado o ser humano<sup>104</sup>. Através da humanidade do Verbo incarnado, Deus humaniza a liberdade humana e diviniza a sua vontade, revelando ao ser humano o mistério inscrito na sua própria natureza, uma vez que, depois de Cristo, só n'Ele se pode ser verdadeiramente humano. Tal como Cristo, pelo seu dinamismo incarnatório, através da *kénosis* da sua existência, fez da sua liberdade obediência, assim, também o ser humano é chamado a fazer da sua existência um dinamismo de esvaziamento e entrega livre. Uma vez que, na humanidade singular de Cristo se contempla o verdadeiro rosto de Deus, a liberdade humana, pela graça da encarnação, é libertada do jugo do pecado. Em Cristo ressuscitado, no seu corpo glorioso, esta singular humanidade refulge como verdadeira imagem e semelhança de Deus, onde totalmente livre da corrupção da morte, ela se faz ícone de salvação (Fl 3,21; 1 Cor 15,44). Pela santíssima humanidade de Cristo glorioso, todo o ser humano é chamado à cristificação total da sua humanidade, a fim de que a criação chegue ao seu termo escatológico: a comunhão

---

<sup>104</sup> “El tercer nivel es la singularidad: *Jesús es único*. Su condición personal no se explica sin el judaísmo pero no se explica enteramente sólo por el judaísmo. Si ya cada uno de nosotros excede su marco de nacimiento, Jesús fue el que rompió todos los marcos en los que surgió, a la vez que rompe todos nuestros esquemas teóricos cuando intentamos reducirlo a una humanidad exclusivamente humana. – in: O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristología*, p. 435.

com Deus. O dinamismo incarnatório de Cristo tem aqui o seu motor: uma existência que se faz livremente dom de si, na escuta atenta da Palavra criadora que lhe é continuamente dirigida e no acolhimento do Espírito que lhe é insuflado no coração. Uma verdadeira hermenêutica do silêncio que estimula e favorece a comunicação profunda e íntima, por Cristo, no Espírito, com o Pai.

### ***b) a autoconsciência de Jesus: missão e filiação***

Este conceito cristológico que acabei de enunciar e desenvolver, do dinamismo incarnatório, leva agora a reflexão sobre a singular humanidade de Jesus até à pergunta pela autoconsciência que Cristo tinha de si: seria Jesus autoconsciente da sua divindade? ao definir a sua encarnação como dinamismo não se transforma a sua obediência numa liberdade limitada ao seu conhecimento? ao estabelecer a encarnação como dinamismo, não se está, de determinada forma, a pôr em causa a compreensão que Jesus tinha da sua divindade? que tipo de consciência tinha Cristo da sua pessoa e missão?

A afirmação da singular humanidade de Cristo, implica também o reconhecimento da pessoa de Cristo, como ser livre, consciente e responsável. Se como estabelece o Concílio de Calcedónia, entre as duas naturezas de Cristo não há confusão nem mudança e também não há divisão nem separação; então as duas naturezas, pela união hipostática preservam as suas características próprias (DH 302)<sup>105</sup>. Quer isto dizer, que, na pessoa de Cristo, a natureza

---

<sup>105</sup> “Toute la définition se donne ainsi comme un acte d’interprétation de l’événement et de la personne de Jésus-Christ. Elle situe la différence dans l’unité. Elle donne une sorte de définition du Médiateur unique entre Dieu et les hommes. Cette définition est avant tout négative, puisqu’elle trace une voie entre deux séries d’exclusions; mais elle a aussi une portée positive, puisque ces exclusions sont au service de l’affirmation d’un mode d’union tout à fait original.” – in: B. SESBOÛÉ, *Jesus-Christ dans la tradition de L’Église*, p. 143.

humana não se vê diminuída ou subjugada à natureza divina, mas subsiste, num dinamismo incarnatório, que permite analisar a psicologia de Jesus<sup>106</sup>.

A pergunta pela autoconsciência de Jesus surgiu no séc. XX, como consequência das investigações históricas sobre Jesus, que tendem a explorar aspetos culturais e subjetivos, isto é, com um crescente interesse pela sua subjetividade e psicologia. Contudo, com a noção de consciência não me refiro a uma omnisciência científica estrita, mas a uma autocompreensão existencial e relacional, ao dinamismo psicológico próprio do ser humano. Por isso, mais do que procurar analisar a consciência de Jesus enquanto ser divino, onnipotente e omnisciente, procurarei demonstrar a íntima relação entre liberdade e autoconsciência, que transparece na interna coerência entre as suas palavras e os seus gestos.<sup>107</sup>

Tal como menciona o prólogo do evangelho de João, Jesus é o Verbo eterno feito carne que montou a sua tenda no mundo (Jo 1,1-18). Neste sentido, a carne de Jesus é portadora de uma missão específica que marca profundamente o seu modo de ser e atuar. Desde o princípio até ao fim do evangelho, João apresenta um Jesus consciente da sua missão salvadora e da sua filiação divina, que, como sumo sacerdote, intercede junto do Pai pelos pobres, aflitos, pecadores, etc. Como mediador, Jesus realiza vários sinais que dão testemunho da sua missão e filiação divina, sinais que acompanhados de palavras, como os grandes discursos de João, revelam a presença do Verbo eterno no meio de nós como salvação. Esta mesma autoconsciência de Filho e ação salvadora está presente nos evangelhos da infância de Lucas e

---

<sup>106</sup> “Se puede, naturalmente, y hay que decir que la doctrina de la naturaleza real humana, inconfusa e inmutada, incluye, como lo muestra la lucha contra el monotelismo, consecuentemente ala refutación del monofisismo, que la «naturaleza humana» del Logos posee un centro auténtico de sus actos, espontáneo, libre y espiritual, una autoconciencia humana que, como criatura, está ante el Verbo eterno en una actitud auténticamente humana de adoración, de obediencia y del sentimiento criatural más radical.” – in: K. RAHNER, *Escritos de Teología*, Taurus, Madrid, 1963, tomo I, p. 178.

<sup>107</sup> “Es imposible metafísicamente que una actualidad, ópticamente superior al grado de actualidad de este mismo sujeto, que es cebe sí, sea absolutamente inconsciente; que el sujeto inmediato del «ser-cabe-sí-mismo» humano no sea también cabe de sí mismo, justamente en cuanto asumido totalmente, de manera por el Logos.” – in: K. RAHNER, *Escritos de Teología*, tomo I, p. 190.

Mateus, onde, desde pequeno, Jesus surge como sinal de contradição (Lc 2,4-35), como Emanuel (Mt 1,18-25) e como Aquele que se ocupa das coisas do Pai (Lc 2,41-52). Por outras palavras, os evangelhos dão testemunho de um Jesus livre, consciente da missão que recebeu do Pai, que vem para libertar os pobres e oprimidos, zeloso de fazer a vontade do Pai e desejoso de instaurar na terra o Reino de Deus prometido. Aliás, do ponto de vista social, Jesus não só põe em causa as tradições religiosas do seu tempo, como denuncia livremente a injustiça e acolhe os pecadores, demonstrando um carácter forte, destemido e corajoso.

No testemunho dos evangelhos sobressai também, como característica desta autoconsciência de uma existência libertadora, o anúncio e o exercício da misericórdia: Jesus preocupa-se com os que estão *doentes* (Mc 2,17), ou seja, necessitados de ser salvos, e manifesta um carinho especial pelos mais pobres. A sua identificação com o *servo de Yhavé* demonstra a forma consciente como Cristo incarna na história, pois, podendo optar entre vários tipos de messianismo, como já referi, opta por se identificar com o servo sofredor que, assumindo sobre si as culpas do pecador, como cordeiro de Deus, se deixa imolar, em sacrifício, pela salvação de todos. A sua *kénosis* é, assim, consciente, livre e responsável, na medida em que nasce de uma hermenêutica do silêncio, onde a íntima relação com o Pai, pela unção do Espírito, põe em marcha o dinamismo incarnatório e redentor das criaturas e da criação – pela sua liberdade fomos libertados, pela sua entrega absoluta fomos salvos, pela sua santidade fomos redimidos de toda a culpa<sup>108</sup>. Revelando-se como servo, como *agnus misericordiae*, Cristo revela uma existência (*in*)*kénosis*, *pro nobis*, resgatando dos *infernos* da frustração e da idolatria o *homo incurvatus in se*.

---

<sup>108</sup> “Sólo cuando Dios mismo ha recorrido esta última experiencia de su mundo - mundo que en la libertad humana tiene la posibilidad de dejar de lado la obediencia a Dios y así perder a Dios -, sólo entonces deja de ser alguien que juzga a sus criaturas desde fuera y desde arriba. Ha experimentado el mundo desde dentro, se ha hecho hombre y conoce experimentalmente todas las dimensiones de la experiencia humana (hasta el abismo del infierno).” – in: H. U. BALTHASAR, “El misterio pascual”, p. 145.

Gregório de Nazianzeno afirmava que *se alguém pusesse a sua esperança em alguém ignorante, seria verdadeiramente néscio e indigno de receber a salvação*<sup>109</sup>. Dizer que a filiação de Cristo é dinâmica, enquanto dinamismo histórico da encarnação do verbo, não significa necessariamente afirmar a ignorância ou a não consciência de Jesus; mas, pelo contrário, que Cristo pela sua autoconsciência foi capaz de atribuir um sentido único e singular à sua existência, enquanto movimento extático de libertação. Inspirado pelo Concílio de Constantinopla II (DH 432), a partir do conceito de *enhypostasis*<sup>110</sup>, pode-se afirmar que a consciência humana de Cristo não só não podia ser estranha à identidade de Filho de Deus, como também não entra em contradição com a missão que o Pai lhe confiou. Aliás, a consciência de Cristo é o meio através do qual, essa existência do Verbo incarnado se faz continuamente carne, gesto e palavra anunciada<sup>111</sup>. Jesus não só é consciente da sua identidade de Filho, como se apropria continuamente desta força que lhe vem do Pai, revelando-a pela sua existência, como misericórdia, libertação e salvação: Jesus, com autoridade, expulsa os demónios, cura os enfermos, ressuscita os mortos, liberta os oprimidos, dá de comer ao povo e denuncia uma lei ritualista e desumana. A sua consciência messiânica e salvífica, como transparecem os evangelhos, atravessa a totalidade do seu ser e revela uma humanidade vivida como dinamismo de obediência filial, ampliando, pela ação libertadora do Espírito, as consequências existenciais da sua filiação, que a todos é oferecida como dom gratuito. Tal como

---

<sup>109</sup> Epist. ad Cleodionum [SC 208,51; PG 37,181].

<sup>110</sup> *Enhypostasis*: conceito de Leôncio de Bizâncio que afirma que uma realidade não existe por si, senão noutra *hypostasis*.

<sup>111</sup> “Ainsi l’humanité du Christ est-elle bien «*enhypostaton*», enhypostasiée, elle subsiste de manière hypostatique dans l’hypostase du Verbe. Celui-ci la fait subsister en lui, par lui-même et comme lui-même, en se le appropriant. Il est sa propre hypostase. Il lui communique la propriété distinctive de sa propre existence.” – in: B. SESBOÛÉ, *Jesus-Christ dans la tradition de L’Église*, p. 163.

se apropria da sua missão, também se apropria do sentido humano da caridade, isto é, da mais verdadeira e singular natureza humana<sup>112</sup>.

Em suma, em Jesus dá-se um dinamismo de apropriação existencial da sua missão, enquanto dinamismo incarnatório de aniquilamento e exercício obediente de filiação; através desta dinâmica radical, Cristo conforma conscientemente a sua vontade com a vontade do Pai, sendo confirmado pela unção do Espírito Santo; essa confirmação chega como consolação que vence todo tipo de tentações e confere às suas ações uma autoridade messiânica que cura, que liberta e que denuncia.

### ***c) santidade particular: ausência absoluta de pecado e tentações***

A contemplação atenta do ícone singular de Cristo Salvador, imagem perfeita do Pai, na sua singular humanidade, nomeadamente, na forma consciente como exerce a sua liberdade, mostra que a coerência interna que referi, entre palavras e atos, tem a sua origem numa santidade particular. Na linha do relato genesíaco da criação, esta original santidade contradiz uma certa visão negativa que define o pecado como atributo próprio da natureza humana. Desta forma, a peculiar santidade de Jesus, nasce de uma união única e singular *enhypostasis* entre as duas naturezas, humana e divina, revelando a vocação à autotranscendência, intrínseca a toda a existência humana. Em Cristo não existe uma cisão entre a sua singular humanidade e a sua total divindade, mas pela *comunicação de idiomas*, a sua vontade e a sua liberdade, através de

---

<sup>112</sup> “¿Lo que hay que olvidar es que el ser-hombre no es una perfección absoluta, definitiva, que, permaneciendo en sí indiferente y cerrada, se une, por un milagro completamente extrínseco a ella, con otra realidad, en este caso, con el Logos. Ser-hombre es más bien la realidad que está absolutamente abierta hacia arriba, alcanza su realización suprema, si bien «indebida», la posibilidad última del ser-hombre, cuando el Logos mismo, dentro del mundo, se hace en ella existente.” – in: K. RAHNER, *Escritos de Teología*, tomo I, p. 204.

uma santidade única, realizam a definitiva redenção do género humano, libertando o ser humano do pecado e da morte<sup>113</sup>.

O respeito divino pela humanidade faz da encarnação de Cristo um exercício *kenótico* de humilhação, sem anular os desafios próprios da existência histórica, por isso, embora não haja em Cristo qualquer mancha de pecado, Ele é tentado: no deserto, Ele é tentado com o poder, a idolatria e a vanglória (Mt 4,1-11; Lc 4,1-13); ao longo da sua vida pública, Ele recusa a fama e ordena aos espíritos impuros que guardem segredo da sua identidade (Mc 1,34); embora exerça abundantemente o dom da cura, Ele recusa-se a ser um curandeiro; no Jardim das Oliveiras, diante da eminência incontornável da cruz, resiste à tentação de não fazer a vontade do Pai (Lc 22,39-46); na cruz, rejeita todo o tipo de messianismo político e leva até ao fim a sua encarnação (Lc 23,35). Assim, Cristo, na sua singular humanidade, não só é tentado, como, pela sua santidade particular e única, se torna ícone perfeito da luta contra a tentação: Cristo é tentado, mas Ele ensina o género humano a vencer a tentação, pondo-se livremente ao serviço de Deus. Como afirma a carta aos Hebreus: *De facto, não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, exceto no pecado* (Heb 4,15). Ou ainda, S. Paulo, na carta aos Romanos: *Portanto, agora não há mais condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus. É que a lei do Espírito que dá a vida libertou-te, em Cristo Jesus, da lei do pecado e da morte* (Rm 8,1-2). A misericórdia de Deus Trino não é um sentimento frugal de compaixãozinha ou um sentimento romântico de pena, mas o assumir totalmente a carne humana, com todos os dilemas, preocupações e frustrações próprios da sua existência histórica, por isso, o ato de misericórdia por antonomásia é o

---

<sup>113</sup> “Esa voluntad y libertad humanas concurren para llevar a cabo la redención. La Sagrada Escritura comprende la libertad de Jesús como principio de salvación, porque es la condición de la mediación, que no es sólo un acto otorgante y descendente de Dios sino un acto acogedor y activo, ascendente y meritorio del hombre Jesús (1 Tim 2,5).” – in: O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristología*, p. 473.

dinamismo incarnatório que a Trindade realiza em Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem<sup>114</sup>. A sua singular humanidade, dotada de uma santidade original, torna-se, deste modo, inspiradora e mediadora de toda a santidade, ao vencer a luta contra o pecado, força descaracterizadora do ser humano.

Jesus Cristo, o santo dos santos, recorrentemente vence a tentação com a oração, essa hermenêutica do silêncio que faz do exercício da sua liberdade a concretização humano-divina do bem. Ele não se deixa subjugar aos enredos do mal nem se deixa manipular pela sedução da serpente; consciente da sua filiação, impulsionado pelo Espírito Santo, Ele eleva a liberdade humana ao seu mais elevado grau de santidade. Assim, a liberdade humana, que foi criada para o bem, torna-se co-criadora e ato livre de santidade. A obediência de Cristo não é manipulação ou alienação, mas realização plena do desígnio salvador que a Trindade deixou impresso na existência humana, como possibilidade de autotranscendência. A liberdade dos Filhos de Deus, já não passa pela subjugação ao ritualismo vazio da lei: *Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: «Abbá! - Pai!» Deste modo, já não és escravo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro, por graça de Deus.* (Gl 4,4-7) Pela santidade particular que a singular humanidade de Jesus manifesta, pelo exercício obediente da sua liberdade, pelo Espírito que n'Ele é oferecido, o género humano foi libertado da escravidão para ser servo livre de Deus<sup>115</sup>.

---

<sup>114</sup> “Finalmente, en el mundo real pecador «comienza su pasión redentora a renglón seguido de la encarnación». Y puesto que la voluntad de kénosis redentora es la inseparable voluntad divina trinitaria, Dios Padre y el Espíritu Santo están también comprometidos hasta el fondo en la kénosis: el Padre enviando y abandonando; el Espíritu uniendo a través de la separación y a distancia.” – in: H. U. BALTHASAR, “El misterio pascual”, p. 162.

<sup>115</sup> “Par son incarnation le Fils a posé son unique liberté personelle dans une nature humaine. Sa liberté divine s’est donc posée comme liberté humaine « en condition de serviteur » (Ph 2,7). Elle s’est soumise au mode d’exercice propre à la liberté humaine qui est libre-arbitre, faculté de se déterminer par une série de choix temporels et de poser à travers eux son être-libre.” – in: B. SESBOÛÉ, *Jesus-Christ dans la tradition de L’Église*, p. 177.

A santidade particular de Jesus torna mais evidente o que afirmei no primeiro capítulo deste relatório, a propósito da identidade religiosa do ser humano, pois, através da sua singular humanidade constata-se como, desde a sua origem, o ser humano é chamado à graça e está capacitado por Deus criador a acolher o dom gratuito do amor, através do qual Deus Trino se autocomunica. Por isso, a santidade de Jesus não é apenas um instrumento que Deus utiliza para realizar a redenção do ser humano, mas ela revela a própria identidade do ser humano, que foi criado por amor e para o amor. Aliás, a própria encarnação de Jesus é um contínuo dinamismo crescente de amor, que na cruz se dá por inteiro e até ao fim, consumando a vontade do criador, a saber, que toda a criatura se salve<sup>116</sup>.

A santidade de Jesus, unida à sua singular humanidade, manifesta-se de muitos modos: na forma como Ele acolhe os pecadores, na delicadeza com que fala à mulher adúltera, na liberdade com que educa os discípulos, na atenção que dedica aos ostracizados, na simplicidade com que luta contra os preconceitos, na justiça com que denuncia o ritualismo religioso, na doçura com que fala do Pai, no zelo com que purifica o Templo. O dinamismo incarnatório de Cristo é um dinamismo de santidade, que abre ao ser humano à possibilidade de ver a sua existência libertada da ditadura do pecado e da escravidão do mal, pondo sempre o outro em primeiro. Se o ser humano foi feito à imagem e semelhança de Cristo, então, pela sua encarnação, ele contempla aquilo para que foi criado e é chamado a viver uma existência na liberdade do Espírito, que acolhendo o dom da graça, se faz dom de si. Deus não subjuga a criatura ao peso

---

<sup>116</sup> “Jesús es santo por su origen divino, pero a la vez fue siendo santificado em su humanidade por el Espíritu (concepción, itinerario de vida, consumación en la resurrección). *Hay por conseguinte una historia de la santificación del Jesús fiel, que aprende la obediencia, que es probado en el dolor, que hace la oblación de su cuerpo, que así es consumado y consumidor de la salvación del hombre.*” -in: O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristología*, p. 479.

do pecado, mas, pela encarnação do Verbo, liberta-a de tudo o que a impede de viver co-responsável pelo próximo<sup>117</sup>.

Como afirma o Apocalipse: *Eu sou o Alfa e o Ómega, o Princípio e o Fim. Ao que tiver sede, Eu lhe darei a beber gratuitamente, da nascente da água da vida.* (Ap 21,6) Cristo, como Logos Eterno, é o princípio e o fim de tudo, isto é, Ele é o único e verdadeiro salvador, Ele é o único e santo mediador. Padecendo por todos, Ele deu o exemplo e abriu o caminho, para que seguindo os seus passos, o ser humano possa percorrer livremente o caminho humanizador da santificação oferecida por Cristo como dinamismo existencial. Depois de Cristo, a santidade perde o seu carácter elitista, que passando por um caminho individual e comunitário de conversão, só se alcança pela identificação com Jesus, isto é, pela imitação dos seus sentimentos, gestos e palavras.

## 5.2. Jesus, um homem para os outros

“A cruz não é, portanto, a última palavra sobre Jesus, nem a cruz do povo é a última palavra de Deus para com eles. Por isso, acreditamos que não devemos fazer a libertação da vida de Jesus depender apenas da ressurreição. A ressurreição, de fato, não pode ser entendida simplesmente como um final feliz, mas como uma consumação intrínseca da vida de Jesus. Não é apenas a exaltação de Jesus, mas é também a confirmação da verdade de sua vida”.<sup>118</sup>

---

<sup>117</sup> “Y ese único punto de convergencia es el único Gólgota, que los colma a todos, los supera, los deroga y los sustituye por lo único que hace Dios. Dios como hombre, es cierto, y sólo como hombre; de tal modo que aquí el hombre desempeña un papel que nunca fuera de aquí ha desempeñado ni puede desempeñar. Pero no Dios de consuno con un hombre cualquiera, sino Dios, el único y absoluto, en este hombre absolutamente único, que es el único por ser Dios.” – in: H. U. BALTHASAR, “El misterio pascual”, p. 235.

<sup>118</sup> “La cruz no es, por lo tanto, la última palabra sobre Jesús ni la cruz de los pueblos es la última palabra de Dios hacia ellos. Pero creemos que tampoco hay que hacer depender únicamente de la resurrección lo liberador de la vida de Jesús. La resurrección, en efecto, no puede ser comprendida simplemente como un final feliz, sino como intrínseca consumación de la vida de Jesús. No es sólo exaltación de Jesús, sino que es también confirmación de la verdad de su vida.” – in: J. SOBRINO, *Jesucristo liberador*, p. 343.

***a) e por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos Céus***

João Batista está preso e envia dois dos seus discípulos a Jesus, que lhe perguntam se Ele é o Messias ou se devem esperar outro. Jesus responde: *Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, a Boa-Nova é anunciada aos pobres* (Lc 7,22). Cristo não responde com teorias, mas com sinais: ações messiânicas, que, pelo seu carácter salvífico, a Igreja Primitiva designou como *mysterion* ou *sacramentum*. Os sinais da chegada do Reino comprovam que Jesus Cristo é o Messias prometido por Deus, o Verbo eterno incarnado, o Filho que vem realizar a Salvação de Deus. Porém, não são atos isolados e mágicos, mas sinais, através dos quais, pela ação do Espírito de Deus, Cristo traz a Salvação como libertação, redimindo o ser humano do pecado e repondo a obediência perdida.

O termo “salvador”, em grego *soter*, que se aplicava ao médico, ao filósofo, aos políticos, aos governadores e ao imperador, aparece umas vinte e quatro vezes no Novo Testamento, sobretudo, nas Cartas Pastorais (2 Tim 1,10; Tt 1,4; 2,13; 3,6) e na segunda Carta de Pedro, que tendem a insistir na universalidade da salvação, que Cristo oferece a todos os povos, uma vez que, como afirma Paulo, *já não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus* (Gl 3,28). No entanto, na Igreja Primitiva o título *soter* não se usou abundantemente, para evitar equívocos indesejados com a cultura pagã e com advento judaico que esperava um libertador nacional político. Era mais vulgar aplicar a Cristo o título de *Kyrios*, isto é, de Senhor.

Assim, a comunidade primitiva quando se refere a Jesus como Senhor considera toda a sua vida como salvífica e não apenas atos isolados ou extraordinários. Desde o seu nascimento, durante toda a sua vida oculta, até à morte na cruz, a existência humana de Jesus revela e realiza a Salvação, através do seu dinamismo incarnatório, do seu esvaziamento obediente, da sua pregação, ou seja, de toda a sua ação. Deste modo, Cristo instaura o Reino de Deus e anuncia a

salvação, fazendo com que o mistério de Deus se autocomunique como misericórdia, perdão e esperança. A atenção aos mais pobres que Jesus exerce e a sua preferência pelos pecadores, revelam um Deus Pai, que prefere a misericórdia aos sacrifícios, estando mais pronto a perdoar que a condenar. Toda a vida de Jesus é descida, por isso, toda a sua vida é mistério que se realiza, por vontade do Pai, na força salvadora do Espírito Santo, pela humanidade ferida. Ele assumiu, na sua santa e imaculada singular humanidade, todas as culpas, para libertar a humanidade corrompida pelo pecado de toda a iniquidade – *fomos curados pelas suas chagas* (Is 53,5).

O Senhor Jesus desce, como também Deus desceu para ver a torre e a cidade de Babel e para libertar o Povo do cativeiro do Egito. Ele travessou a barreira intransponível que separava a natureza criada da natureza do criador, para levar a criação a seu termo: a completa comunhão com o Pai. Desde o seu nascimento, Ele faz-se pobre no meio do povo, humilhando-se na sua singular humanidade e revelando-se pela sua particular e única santidade. Logo no início da sua existência no mundo, falam d’Ele como aquele que salvará o povo dos seus pecados (Lc 2,11) e que é o Emanuel, o Deus conosco (Mt 1,23); durante a sua vida pública, a sua autoridade causa admiração e as suas ações levam à conversão; no momento da sua morte, pregado na cruz, não desiste de exercer a misericórdia de Deus até ao último suspiro (Lc 23,39-43); depois de morto, faz brotar do coração do centurião uma autêntica confissão de fé (Mc 15,39); e já morto, do seu coração trespassado brota uma nova vida (Jo 19,31-37). Ele traz a boa nova de Deus: a escravidão começada em Adão tem agora um fim, pois, com a sua morte Jesus vence definitivamente a escravidão do pecado<sup>119</sup>.

---

<sup>119</sup> “En la cuestión de la plena humanidad en cuanto cuerpo y al alma lo que preocupa es la libertad de su obediencia y, consecuentemente, la humanidad de la salvación. Se trata de Dios, incluso en su propio asunto, no obra prescindiendo y haciendo caso omiso del hombre, sino siempre a través de él y mediante su libertad. De manera que Jesús no es mero medio de salvación en manos de Dios, sino mediador personal de la salvación.” – in: W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, Sígueme, Salamanca, 1979<sup>3</sup>, p. 259.

O perdão que Jesus anunciou e exerceu durante toda a sua vida, concentra-se, nesse momento centrípeta da sua morte redentora, porque através da sua morte Cristo alcança o perdão dos pecados: «Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar dentre os mortos, ao terceiro dia; que havia de ser anunciada, em seu nome, a conversão para o perdão dos pecados a todos os povos, começando por Jerusalém.» (Lc 24,46-47); e, ainda, *Também Cristo padeceu pelos pecados, de uma vez para sempre – o Justo pelos injustos – para nos conduzir a Deus. Morto na carne, mas vivificado no espírito.* (1Pe 3,18). As fórmulas *hyper* (por vós, por todos) e outras semelhantes dão testemunho de um Cristo que vê na sua morte um momento decisivo da sua ação salvadora e um ato redenção do mundo.<sup>120</sup> Embora possa parecer que as circunstâncias históricas empurram Jesus para a cruz, sem lhe deixar alternativa possível, a sua morte é um ato de absoluta liberdade – *a minha vida ninguém me tira, mas sou Eu que a ofereço livremente* (Jo 10,18) – e de entrega total ao Pai pelo mundo - «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc 23,46)<sup>121</sup>.

Foi *por nós, homens, para nossa salvação*, que Ele desceu dos Céus e incarnou, pela ação do Espírito Santo, no seio da virgem Maria; foi *por nós, homens, para nossa salvação*, que Cristo trouxe o perdão dos pecados; foi *por nós, homens, para nossa salvação*, que Ele anunciou a misericórdia de Deus, curando os doentes e libertando os oprimidos; foi *por nós, homens, para nossa salvação* e libertação que Cristo deu a vida na Cruz; e foi *por nós, homens, para nossa salvação*, que Ele ressuscitou e fez descer sobre a Igreja o seu Espírito. A vida de Cristo, o seu dinamismo incarnatório, está cerzida com a *energeia* da autocomunicação divina

---

<sup>120</sup> «Encarnación, pasión y resurrección son vistas así como acciones de Dios «por mí», «por nosotros» (Rom 5,8; 2 Cor 5,21; Gál 3,13; Ef 5,2; Tit 2,14; 1 Jn 3,16), «por cada uno» (Heb 2,9), «por el hermano» (Rom 14,15), «por pecadores y por los justos» (Rom 5,6; 1 Pe 3,18), «para la vida do mundo» (Jn 6,51).» – in: O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristología*, p. 117.

<sup>121</sup> «En este sentido la muerte de Jesús en la cruz no es solamente la última consecuencia de su valiente actuación, sino resumen y suma de su mensaje. La muerte de Jesús en la cruz es la suprema concretización de lo único que le interesó: la venida del reino escatológico de Dios.» – in: W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 147.

e do amor infinito de Deus pelo ser humano. Toda a existência de Cristo é libertadora, porque toda ela é ato absoluto de amor, ou, por outras palavras, toda ela é absolutamente *pro nobis/me*. O escândalo da cruz é portador de Salvação, porque nele se sintetiza toda a pro-existência de Cristo, que, como Messias enviado pelo Pai, assume até ao fim a condição humana, levando até ao extremo o seu desígnio de amor: pelo dom da sua liberdade, a humanidade vê-se libertada e desafiada a fazer da sua existência entrega livre de amor<sup>122</sup>.

***b) também por nós foi crucificado, padeceu e foi sepultado, e ressuscitou***

Tal como a encarnação, a vida e morte de Cristo não se podem contemplar como acontecimentos isolados, de uma existência peculiar, assim, também a sua morte não se pode separar da sua ressurreição gloriosa. Tal como afirmei, pela união singular hypostática das duas naturezas, na pessoa de Jesus, a total humanidade está profundamente unida à sua absoluta divindade, por isso, tanto a morte como a ressurreição do Filho de Deus incluem-se no dinamismo que defini como incarnatório, através do qual o Verbo eterno, se faz carne, revelando-se Filho de Deus. O desejo que o Pai coloca, pela unção do Espírito, no coração de Cristo, de realizar a salvação como libertação total do género humano, que antes se manifestou como proximidade humilde com os pobres e caridade sanadora com os doentes, chega, através da experiência da morte, à sua mais absoluta e total concretização. Por isso, a morte de Cristo introduz no seio íntimo da vida intra-divina a experiência humana da ausência de vida. Na sua morte Cristo assume na sua carne o desespero e a angústia de uma existência humana sem Deus. Descendo aos infernos, Ele assume na sua carne a solidão máxima de que a natureza humana é capaz. Todavia, fazendo a experiência radical da total ausência da vida, Deus, nesse jardim

---

<sup>122</sup> “por el pecador responda el pecador con un *pro te* sin reservas que comprenda que en el *pro me* de la entrega de Cristo está él asumido y entregado desde siempre por ese amor y que su fe no es una «obra» propia, sino la ratificación de lo que Dios ha hecho ya; que su fe es entregarse al amor trinitario.” – in: H. U. BALTHASAR, “El misterio pascual”, p. 236.

espinhoso da falta de fé, esperança e caridade, faz brotar o ramo novo de Jessé, inaugurando, através da ressurreição de Cristo, os tempos escatológicos da salvação. Se pela morte, a natureza humana se vê reduzida há mais lastimosa escravidão, pela ressurreição gloriosa do Salvador, ela experimenta, desde já, a libertação que ainda não chegou plenamente aos tempos atuais da história. A encarnação, vida, morte e ressurreição de Cristo, pela sua unidade e coerência, rasgam o horizonte da liberdade humana, abrindo-o à graça escatológica de uma Esperança que não tem fim.

Porém, apesar da ação libertadora de Deus, a tensão existencial entre a Eternidade e a história permanece, embora como uma grande diferença: depois da ressurreição de Cristo a promessa parece mais próxima, porque n'Ele se contemplam, desde já, as tonalidades futuras da humanidade gloriosa. Se a morte de Cristo é verdadeira e se a sua sepultura, como indica a tradição neotestamentária do túmulo vazio<sup>123</sup>, foi real, então, a sua ressurreição, como movimento incarnatório de retorno ao Pai, através do corpo glorioso de Cristo, significa o assumir livre da natureza humana consumada. Doravante, a existência humana já não se pode fechar no alienante horizonte do simples avanço da história, mas, pela sabedoria da Cruz, imitando Aquele que a precedeu, é desafiada por Deus a contemplar o sentido utópico da realidade como movimento contínuo para Deus<sup>124</sup>. O grito pela justiça não se cala e a força do pecado, aparentemente, parece continuar a vencer, no entanto, Cristo libertador já venceu a morte e conquistou para o ser humano uma vida divina.

---

<sup>123</sup> Sobre a tradição do túmulo vazio: cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristología*, p. 132-133.

<sup>124</sup> “Lo que hemos de preguntarnos es qué significa nuestra vida, ininteligible desde nosotros, por muy bien que podamos conocerla, si es, en primer y último término, la vida de Dios. Hemos de hacer teología de la vida y muerte de Cristo porque necesitamos la interpretación última de nuestra vida, que sólo así podemos conseguir.” – in: K. RAHNER, *Escritos de Teología*, tomo I, p. 213.

A carta aos Coríntios, no capítulo 15, confirma esta mesma ideia (1 Cor 15,3-8)<sup>125</sup>. Através de uma fórmula *hyper*, afirma que *Cristo morreu pelos nossos pecados, que foi sepultado e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras*. A formulação *kerigmática* transparece, deste modo, uma vitória definitiva sobre o pecado, através da qual Deus ressuscita Jesus, na linha da promessa. O texto para falar do pecado utiliza a palavra grega *harmatia*, que Paulo emprega normalmente quando se quer referir a um sentido forte de pecado, que tem a capacidade de afastar de Deus, e para falar da ressurreição, usa o verbo *egeíro*, no perfeito passivo, indicando que a ressurreição é uma graça que Deus realiza em Cristo, fazendo-o emergir glorioso das trevas do pecado. Desta forma, o Cristo ressuscitado é o mesmo que morreu na cruz e foi sepultado. Aliás, disso dão testemunho as aparições que o texto refere através de uma vasta lista, que começando em Pedro, passando pelos doze, se amplia a um número incontável de testemunhos vivos, para concluir em Paulo.

Os relatos evangélicos das aparições de Jesus ressuscitado, mostram como a sua missão consoladora é, sobretudo, libertadora, isto é, como os efeitos do encontro com o Senhor Ressuscitado transformam a vida dos apóstolos. São vários os textos que descrevem uma comunidade fechada, escondida e com medo dos judeus, que espontaneamente manifesta dificuldade em reconhecer o Ressuscitado, mas a quem Cristo dá a Paz e a Alegria. Muitas vezes o corpo glorioso de Cristo, que guarda as marcas inequívocas da paixão, serve como prova que dissipa o medo e a suspeita. Jesus ressuscitado apresenta-se glorioso, todavia, Ele é o mesmo. A narração da Aparição a Tomé (Jo 20,19-29), mostra de forma evidente como o clima natural das aparições do ressuscitado é a comunidade. O Cristo glorioso fazendo-se presente no meio da comunidade, oferece-lhe a paz, como graça primordial da ação libertadora

---

<sup>125</sup> Para uma análise detalhada deste texto: cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristología*, p. 128-132.

de Deus, e confere-lhe o poder de perdoar os pecados. Contudo, Tomé estava ausente e, por isso, não acreditou no testemunho da comunidade, exigindo provas físicas que acreditem a veracidade da ressurreição de Cristo é real e eficaz. Dos seus lábios brotou, porque os seus olhos viram, a maior confissão de fé: *Meu Senhor e Meu Deus*. Cristo ressuscitado é o Senhor da história, o *Kyrios*, que, pela ação de Deus, na sua glória, oferece ao ser humano uma nova libertação: a esperança de que a obra realizada por Deus, em Cristo, um dia alcance a sua plenitude, pela transformação gloriosa da natureza humana. Tal como Cristo morreu por nós, também por nós foi libertado da morte, para que, agora, os filhos de Deus possam ser testemunhas sacramentais da presença de Deus no mundo e ativos colaboradores de Deus na sua redenção<sup>126</sup>. Pela ressurreição de Cristo, o ser humano passa de co-criador a co-redentor, porque Deus necessita da sua ativa e livre colaboração para anunciar a chegada definitiva da Salvação.

Durante a sua vida terrena, Cristo não se anunciou a si próprio, mas revelou Aquele que o enviou: o Pai. Na mesma linha, a Igreja, comunidade nascente do Pentecostes, não se anuncia a si própria, mas Aquele que libertou o género humano da escravidão do pecado e dos aguilhões da morte: Jesus Cristo, sempre vivo no meio de nós. Por isso, a ressurreição de Cristo é a confirmação escatológica do Reino de Deus, que Ele anunciou estar próximo, e, que pela sua pessoa, manifestou como presente<sup>127</sup>. Deus não defrauda a confiança do ser humano. Tal como, em Cristo cumpriu todas as promessas, pela sua gloriosa ressurreição dá-lhe o Espírito Santo.

---

<sup>126</sup> “L’apostolat ne se surajoute pas, n’est pas une simple fonction extérieure, il s’identifie à la consécration pascalle, à l’être chrétien. Tout comme la mission de Jésus s’identifie à son être filial (Jn 10,36). L’Eglise a mission de remettre les péchés, évangélisant, christianisant les hommes, en tant qu’elle est consacrée dans le Christ (17,19), sanctifié dans l’Esprit.” – in F.-X. DURRWELL, *La résurrection de Jésus - mystère de salut*, Le Cerf, Paris, 1982<sup>11</sup>, p. 230.

<sup>127</sup> “El encuentro con el Señor resucitado se califica en el nuevo testamento como encuentro y experiencia de Dios. Lo que los discípulos vieron fue la realidad del reino de Dios llegado definitivamente en Jesucristo mediante su muerte, percibieron el resplandor de la gloria de Dios en el rostro del Crucificado. En las aparaciones se trata de autorrevelación escatológica de Dios.” – in: W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 173.

Este Espírito do ressuscitado é *dynamis* que, como verdadeira consolação, liberta a existência humana da depressão do não-sentido, projetando-a na santa e gloriosa humanidade de Cristo Salvador. À imagem de Cristo ressuscitado, fortalecida pelo testemunho da Esperança e animada pelo sopro do Espírito, a Igreja recebe a missão de colaborar com Deus, como corpo místico de Cristo, na salvação da humanidade. Aqueles que foram libertados pelo batismo, são chamados a libertar todos os que vivem oprimidos, sem esperança e injustiçados<sup>128</sup>. À imagem de Cristo libertador, como testemunhas verdadeiras da ressurreição, a comunidade é chamada a continuar a ação libertadora de Cristo no mundo, tornando-O presente e abandonando-se na liberdade própria dos Filhos de Deus.

---

<sup>128</sup> “La conclusion est que dans un monde configuré de manière pécamineuse par le dynamisme capital-richeesse il est nécessaire de susciter une dynamique différente qui l’emporte de manière salvatrice.” – in J. SOBRINO, “Rédemption de la mondialisation : les victimes”, *Concilium* 293 (2003) 130.

## 6. Jesus Cristo libertador

“Isso mostra que se dá uma correlação entre cristologia e fé realizada e mostra também que nem todos os lugares são iguais para a elaboração da cristologia: há algo no lugar onde esta é realizada que a orienta, ou que pode a orientar, numa determinada direção.”<sup>129</sup>

*Pode-se, hoje, transmitir a Revelação operada definitivamente em Cristo (Heb 1,1), em fidelidade criativa à Tradição e à narrativa bíblica?* – foi com esta pergunta que terminei a reflexão sobre a experiência da PES e que lancei a reflexão teológica sobre os conteúdos da UL 2, mais concretamente, sobre o tema deste relatório – *Jesus um homem para os outros: a salvação como libertação* – e é com esta pergunta que gostava de começar o este último capítulo. Para responder, partindo de três encontros com Jesus (Jo 4,1-42; 8,1-11; Lc 24,13-34), estruturei três itinerários existenciais, que confluíram em três itinerários didático-pedagógicos, que apresentarei, num quadro síntese, no final de cada ponto.

Assim, neste último capítulo, gostaria de pôr em correlação a Cristologia exposta e o contexto atual, que de alguma forma procurei descrever no primeiro capítulo, tendo por base os conteúdos da UL 2 lecionados e os princípios que orientaram a PES. Procurei dar resposta às duas preocupações que identifiquei no final do capítulo dois, a saber: a necessidade de redescobrir a hermenêutica bíblica como exercício de leitura da existência e da história, e a necessidade de explorar e desenvolver uma linguagem religiosa que combata a iliteracia religiosa e ajude o crente a ler e interpretar os sinais dos tempos. Por isso, ao jeito de uma síntese, tentarei caracterizar a forma como Cristo, no seu ofício libertador, traz a Salvação, de modo concreto, à vida real dos que se deixam conduzir pelo dinamismo incarnatório da graça.

---

<sup>129</sup> “Esto muestra que se da una correlación entre cristología y fe realizada, pero muestra también que no todos los lugares son iguales para la elaboración de la cristología, sino que algo hay en el lugar donde se hace que la orienta, o que la puede orientar, en una determinada dirección”. – in: J. SOBRINO, *Jesucristo liberador*, p. 41.

## 6.1. Jesus liberta pelo diálogo (Jo 4,1-42)

Jesus cansado da caminhada, senta-se na beira do poço de Jacob e, a uma Samaritana que se aproxima, pede de beber. Porém, a resposta de Jesus à ruidosa complicação criada pela mulher, enuncia uma outra preocupação, menos frugal: *Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: 'dá-me de beber', tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!* (Jo 4,10) A conversa avança, à volta do poço, de forma livre e delicada, como se a água de Jacob já não interessasse, como se a vida se pudesse suspender na eternidade de uma conversa, que através do diálogo liberta e cura interiormente. A Samaritana ignora quem tem diante de si, mas deixa-se conduzir pela autenticidade das palavras de quem lhe fala, que como grossas gotas de água fazem florir no deserto o narciso. Cristo quer libertar aquela pobre mulher dos enganos sucessivos da sua vida, oferecendo-lhe a possibilidade de encontrar a paz interior. E rapidamente de libertada, ela passa a anunciadora da libertação.

Este é um diálogo mistagógico, que introduzindo a humanidade dilacerada ao mistério redentor de Cristo, aviva a memória desbotada pelo pecado, da imagem celeste do Éden, ao qual, Cristo Novo Adão a quer fazer voltar. O Senhor da vida não liberta destruindo, ou irradiando, com tal força, uma luz que cegasse os precípeis olhos humanos; todavia, Ele liberta fazendo-se carne, palavra que no silêncio é doce na boca e amarga no estômago (Ap 10,8-11). Cristo liberta a Samaritana através de um diálogo autodescentrado, que mais do que sugar a energia da atenção, procura saciar a sede da água viva.

O dinamismo divino da autocomunicação, não conserva para si, impondo a ditadura da graça, mas liberta dando a água viva, insuflando uma *diakrisis* e desafiando à *metanoia*. A Palavra que eternamente o Pai dirige ao mundo, por seu Filho, respeita infinitamente a liberdade e não desiste de a fazer nascer de novo. Como a Nicodemos, homem cheio de certezas religiosas, também à Samaritana, e a tantos outros de celeiros cheios de palavras corrompidas, Cristo

oferece uma liberdade regenerada, que não necessita de máscaras sociais ou de aparentes virtudes, para existir.

Ainda que não camuflem a verdade, as palavras que Cristo dita ao coração da Samaritana, não secam a esperança, mas inauguram uma nova forma de comunicação como libertação, devolvendo ao ser humano a capacidade extática de viver para e na relação. Nessas palavras há um silêncio inscrito que se opõe a todo o ruído babilônico da ignominia e a todo o falso desejo de ser como Deus. As palavras de Cristo são imagem-ícone da sua relação processual com o Pai e com o Espírito, têm, por isso, origem na hermenêutica silenciosa do amor intra-divino. Digo hermenêutica silenciosa, porque o amor não faz ruído e porque a Palavra definitiva que Deus dirige ao ser humano surge de uma comunicação absoluta de ser, no esvaziamento eterno do amor que se faz presença ininterrupta.

A água viva que Cristo dá a beber à humanidade interiormente dividida da Samaritana tem o sabor eterno da liberdade. Este não é um encontro ocasional, como esses que experimento quando me passeio peripateticamente pelas calçadas de uma cidade e me encontro com desconhecidos; este é o encontro ansiosamente desejado por Deus e, por vezes, conscientemente sonhado pelo ser humano; o encontro, olhos nos olhos, entre o criador eterno e inacessível e a criatura finita com sede de infinito. Deus retrai-se na sua divindade e fazendo-se homem (Fl 2,5-11), não só liberta a natureza humana salvando-a, como também liberta, pela relação que estabelece com cada pessoa, a liberdade humana dando-lhe a graça de participar do dinamismo próprio da vida intra-divina, a saber, o dom de si. Porque o Pai é enquanto se esvazia, no Espírito, em Cristo, e, assim, sucessivamente. À imagem das relações Trinitárias, as relações humanas cristificadas também se devem tecer da entrega e da reciprocidade, fazendo-se dom na comunhão.

A liberdade concretiza-se, desta forma, na total obediência a Deus, ou melhor, na conformação progressiva da vontade e do desejo a Cristo, Deus feito homem, para que pela carne do Verbo, a carne humana redimida alcance a promessa da justiça, da paz e da esperança. No fim deste encontro entre Cristo libertador e a Samaritana, ícone da natureza humana interiormente oprimida, uma vez vencidos os preconceitos culturais, o Pai instaura uma nova forma de relação com Deus, que envia esta mulher, à luz da alegria pascal, a anunciar à cidade a presença do Libertador no meio de nós.

Em tempos de avolumada e instantânea comunicação, de um certo pavor ao silêncio, sem negar as vantagens das redes sociais e do uso do telemóvel, talvez este texto possa sugerir uma pergunta: Como são as nossas relações e como comunicam? Não quero entrar em exercícios imagéticos de como Cristo comunicaria hoje a sua mensagem para que se irradiasse o mais rápido possível por toda a terra; todavia, preocupa-me a forma como dizemos Deus e como O comunicamos nas aulas de EMRC. Se as aulas desta disciplina não se reduzem à neutra transmissão de conteúdos, então, inspirados pela comunicação inaugurada por Cristo, talvez elas possam também ser ajuda na autocompreensão de si e do mundo, promovendo um espírito crítico, alicerçado numa antropologia cristã. Pois, Jesus liberta pelo silêncio, para que o silêncio, doravante, seja libertador.

QUADRO 16: PROPOSTA DE PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4, JESUS LIBERTA PELO DIÁLOGO

| Metas                                                                            | Objetivos                                                                                           | Conteúdos                                                                                      | Estratégias                                                                                                                                                                                                       | ⌚<br>45m | Recursos                                  | Avaliação Formativa                                 |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|-------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
|                                                                                  |                                                                                                     |                                                                                                | Acolhimento e escrita do sumário.                                                                                                                                                                                 | 5m       | PowerPoint                                | Interesse, motivação, participação e comportamento. |
|                                                                                  |                                                                                                     |                                                                                                | Jogo do telefone estragado: o professor diz ao ouvido de um aluno uma frase, que vai passando de ouvido para ouvido, até chegar ao último aluno. Refletir com os alunos sobre a forma como comunicamos            | 10m      |                                           |                                                     |
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.    | 3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus. | Uma Religião que nasce de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade | Leitura dialogada do texto Jo 4,1-42, distribuindo os diferentes personagens por vários alunos.<br>Diálogo sobre o texto e a sua mensagem.                                                                        | 10m      | Ficha de trabalho (com o texto Jo 4,1-42) | Preenchimento da ficha                              |
| M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano | 5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.             | Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros?                | Pôr em relação o jogo do telefone estragado e o texto, mostrando como Jesus tem uma forma diferente de comunicar.                                                                                                 | 10m      |                                           |                                                     |
|                                                                                  |                                                                                                     |                                                                                                | Estabelecer pontes com a experiência dos alunos, trazendo à memória situações em que, por falta de comunicação, se gera violência.<br>Refletir com os alunos sobre a forma como eles comunicam uns com os outros. | 10m      |                                           |                                                     |
| <b>Síntese:</b> Jesus liberta a Samaritana através do diálogo.                   |                                                                                                     |                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                   |          |                                           |                                                     |

## **6.2. Jesus liberta exercendo o perdão (Jo 8,1-11)**

Pelas histórias que vou encontrando e pela minha experiência pessoal, vou-me apercebendo de que o exercício do perdão cristão, liberta, mas é duro, lento e exigente. Como educador, vivo diariamente o desafio de evitar que o perdão se transforme numa formalidade vazia de circunstância: muitas vezes sou chamado a intervir, nos corredores ou no recreio, como mediador de paz e, por isso, muitas vezes faço a experiência da dificuldade de provocar o perdão. A coerência que Cristo manifesta, pela sua santidade particular, entre gestos e palavras, permanece como desafio pedagógico e existencial. Se os gestos não nascem do coração, correm o risco de gerar palavras vazias e expressões mentirosas, ou seja, tal como na acusação dos doutores da lei e dos fariseus, transformam as palavras em pedras que se atiram como vingança, secando todos os vestígios divinos da misericórdia.

*Quem de vós estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra!* (Jo 8,7) – disse Jesus aos acusadores. E eles foram saindo, a começar pelos mais velhos. Jesus, ao contrário de outros momentos da sua vida, não entra em disputa nem argumenta, apenas fixa o olhar no chão e escreve na terra. Não condena ninguém. Nem os acusadores, que cheios da certeza da lei, desejam o sangue da pecadora, nem a mulher pecadora, que tinha cometido adultério. Diante do pecado e do seu dinamismo aniquilador, diante do desejo destrutivo do castigo e da soberba da condenação, Jesus inclina-se, porque esse é o movimento incarnatório do amor. Inclina-se, como se irá inclinar a lavar os pés dos discípulos, na última Ceia; inclina-se, como se irá inclinar durante toda a Paixão; inclina-se, tal como Deus se inclinou cobrindo Maria com a sombra do Espírito Santo. O Santo, o Justo, o Altíssimo, aquele que verdadeiramente tem legitimidade e poder para julgar o ser humano, liberta exercendo a misericórdia. Em vez de fazer cair sobre a natureza humana o peso da culpa do pecado, Cristo libertador, assume-a livremente, salvando a natureza humana decaída das trevas da morte.

A misericórdia, amplamente explorada por Lucas através das parábolas, como a do Pai que tinha dois filhos (Lc 15,11-32) e a do bom Samaritano (Lc 10,29-37), como atributo de divino revelado, de modo definitivo, pela encarnação do Verbo, pressupõe uma libertação que passa necessariamente pela experiência de se descobrir pecador amado. Nestes dois textos, a misericórdia, que Cristo oferece como amor eterno e incondicional pelo ser humano, aparece descrita como um movimento das entranhas: quando o Pai reconhece o filho no horizonte, enche-se de compaixão; quando o bom Samaritano vê o homem meio morto no caminho, também se enche de compaixão. A misericórdia, que na sua raiz hebraica tem origem no mesmo radical que a palavra útero, não se inspira em sentimentos românticos de comoção nem em fantasias utópicas vazias, contudo, ela é movimento uterino, em que Deus se deixa afetar, nas entranhas, pelo sofrimento humano, e se inclina ao amor. Por isso, a libertação que a misericórdia e o perdão oferecem, permanece como possibilidade aberta de conversão, desencadeando no ser humano o dinamismo próprio da graça divina, que não atua por aniquilação, mas por esvaziamento. Como afirma Zaqueu (Lc 19,1-10), depois do encontro com Cristo misericórdia, a Salvação entra na casa do ser, habitando-o do sopro recriador do Espírito.

*Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar. (Jo 8,11)*

Aquele que tinha poder para condenar, prefere perdoar. Do exercício divino da misericórdia, mediante o verdadeiro arrependimento, nasce o desejo, sustentado pela graça, de conversão, isto é, a possibilidade de um recomeço livre e novo. Tal como Cristo convida Pedro a perdoar sempre, também o pecador que se reconhece infinitamente amado, porque experimentou o perdão dos pecados, é convidado a não desistir de recomeçar. Esta insistência do perdão como dinamismo libertador, faz com que a santidade a que o ser humano é chamado aumente a consciência do pecado, sem o aniquilar. Só quem experimentou, verdadeiramente a

misericórdia como graça divina, a poderá exercer cristicamente, com um olhar atento aos mais pobres e um coração inclinado ao amor oblato.

O perdão que Cristo oferece como exercício divino da misericórdia inaugura um dinamismo escatológico que rompe com o vício da soberba, da idolatria e do egoísmo. Quantas vezes a memória não serve como pedra de arremesso contra aqueles que me fizeram o mal; quantas vezes a vingança não é mais forte do que o perdão; quantas vezes o ser humano não se deixa corromper pelo ódio e pratica a violência. A memória agradecida desta mulher, que em Cristo encontrou a libertação do seu pecado e da sua história, não só lhe permite recomeçar a sua vida, como se reconhecer pecadora amada.

Em tempos de tensão mundial, de conflito de interesse políticos e económicos, quando o mundo parece caminhar para um certo não-sentido, talvez a redescoberta cristã de uma ecologia da misericórdia possa trazer esperança à vida dos que vivem oprimidos. Assim, as aulas de EMRC, ao comunicar este dinamismo de misericórdia, que se opõe existencialmente à vingança e à violência, poderão ajudar os alunos a fazerem a experiência humana do perdão, para que a memória da violência dê lugar definitivo à memória agradecida da misericórdia. Pois, Cristo liberta pela misericórdia, para que a liberdade humana, pelo exercício uterino do perdão, possa caminhar para o desígnio salvador de Deus.

QUADRO 17: PROPOSTA DE PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4, JESUS LIBERTA EXERCENDO O PERDÃO

| Metas                                                                            | Objetivos                                                                                           | Conteúdos                                                                       | Estratégias                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | ⌚<br>45m | Recursos                                  | Avaliação Formativa                                 |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|-------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
|                                                                                  |                                                                                                     |                                                                                 | Criar um ambiente favorável e escrever o sumário.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 5m       | PowerPoint                                | Interesse, motivação, participação e comportamento. |
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.    | 3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus. | O acolhimento e o perdão                                                        | Explicar o que é uma Bíblia, em quantas partes se divide e quantos são os evangelhos.<br><br>Pedir a um aluno que leia a passagem Jo 8,1-11.                                                                                                                                                                                                                                                    | 15m      | Bíblia                                    |                                                     |
| E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo                 | 2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.  | Jesus lega-nos uma nova forma de entender Deus, misericórdia pura               | Rerler o texto, enquanto os alunos preenchem a ficha de trabalho, onde figura o excerto sem algumas das palavras fundamentais. Identificar a mensagem principal do texto.                                                                                                                                                                                                                       | 10m      | Ficha de trabalho (com o texto Jo 8,1-11) | Preenchimento da ficha                              |
| M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano | 5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.             | Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros? | Confrontar o texto com a experiência dos alunos ajudando-os a refletir se, no seu dia-a-dia, estão mais dispostos a perdoar ou a condenar. Refletir sobre os preconceitos com que olhamos os outros e como facilmente julgamos a partir das aparências. Dar exemplos radicais de perdão, como o de Pastora Mira, cristã colombiana que foi capaz de perdoar e cuidar do assassino do seu filho. | 15m      |                                           |                                                     |
| <b>Síntese:</b> Jesus liberta a mulher pecadora perdoando-a                      |                                                                                                     |                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |          |                                           |                                                     |

### **6.3. Jesus liberta dando a consolação (Lc 24,13-34)**

A caminho de Emaús, Cristo ressuscitado explica o sentido das Escrituras, a dois discípulos que voltam as costas à cidade eterna de Jerusalém e que fechados na angústia do não-sentido estão impedidos de contemplar a esperança. Tal como na sua encarnação Ele se fez um de nós, também, agora, ressuscitado, Ele faz-se peregrino, acompanhando todo o ser humano na sua história de dor e de fracasso. Cristo ressuscitado não abandona os seus discípulos, mas caminha com eles, libertando-os através da Palavra e do sentido regenerador da sua Glória. Contudo, não impõe a consolação que o Pai lhe oferece, mas revela-se discretamente, no seu mistério consolador, falando-lhes ao coração. A alegria que brota da glória refulgente do Ressuscitado não é uma alegria histórica ou enganadora, mas a consolação que Ele oferece como libertação interior e que gera no ser humano a certeza da Esperança.

Na vida destes dois discípulos, tudo parece caminhar para um precipício. A sua tristeza é tal, que apesar do testemunho das mulheres e dos sinais anunciarem Cristo vivo, o seu coração está impedido de se converter. Também eles são desafiados a passarem da morte à vida, isto é, a morrerem para a aparente vitória da morte, para contemplarem a real e eficaz presença de Cristo eternamente vivo. Cristo glorioso, que atravessou as trevas mais obscuras da existência e que levou a sua encarnação até ao fim, aparece como peregrino da Esperança, porque Ele próprio fez, pela força do Pai, essa mesma passagem pascal da morte à vida. A consolação que Cristo oferece é a mesma que o Pai o fez experimentar, na vitória decisiva sobre a não-vida, por isso, a consolação do ressuscitado não anula o sofrimento, mas transfigura a forma como o ser humano o vive. Depois de Cristo, jamais se vive o sofrimento e a angústia da existência em absoluta solidão, porque, depois da sua ressurreição, Deus habita as trevas de luz. Ele que foi até ao fim no seu amor pela humanidade, não só a redimiou pela sua obediência filial, como a libertou pondo-a em relação contínua com Deus. Uma vez destruída a distância entre criador e

criatura, pelo dinamismo incarnatório de Cristo, o Ressuscitado faz-se companheiro de caminho de todo o ser humano sofredor.

*Entrou para ficar com eles.* (Lc 24,28) A aliança feita por Deus com Noé, após a recriação do dilúvio, chega à mais extrema realização pela ressurreição de Cristo, que vem para ficar conosco até ao fim dos tempos e elevar continuamente, pela alegria, a existência humana a uma Esperança que não tem fim. A paz que o Ressuscitado insufla nos pulmões humanos é o próprio sopro de Deus, que elevando a sua natureza, pela graça, o desafia ao exercício da misericórdia, da conversão e do testemunho.

*Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?* (Lc 24,32) Jesus revela a sua verdadeira identidade ao partir do pão. Tal como na cruz a sua glória foi dom total de si, agora, ressuscitado, Ele faz-se pão partido, para que alimentados do seu corpo, os discípulos assimilem o dinamismo próprio da sua forma se ser para os outros. O primeiro e mais imediato efeito desta revelação dá-se pela releitura da experiência de vida, nomeadamente, das moções interiores através das quais Deus se autocomunica revelando-se. O segundo, é a força do anúncio: o seu cansaço não era físico, mas, sobretudo, espiritual, por isso, ressuscitados interiormente pela presença de Cristo, libertados da tristeza pelo seu ofício consolador, não desanimam com a subida ingrime que lhes espera até Jerusalém, nem com a noite que caiu ao pôr do sol. Já não têm medo de caminhar de noite, porque uma certeza dissipou as trevas da tristeza que ocupavam o seu coração, enchendo de luz a sua respiração: o Senhor Ressuscitado vive!

Muitas são as situações contemporâneas que desafiam permanentemente a fé numa esperança escatológica, e que ao peso libertador do amor opõem, como contrapeso, estruturas de pecado, que afundam o ser humano em formas líquidas de ser. Estas estruturas contaminam as relações sociais, internacionais e pessoais, enclausurando a existência numa aparente noção

de progresso, que impede ao ser humano a apropriação da sua existência. Sempre que a vida humana se vê limitada por um nada que a pode destruir ou por um fim que a afasta da comunhão, então, ela não só se encontra alienada como também se vê impedida de ser dom. A Alegria do Ressuscitado, a Esperança que Ele alcança, irrompe como total novidade, através da consolação de Deus, no seio da vida humana, transformando a luta pela justiça e pela liberdade, num ato de fé. Cristo ressuscitado não menospreza ou desvaloriza a existência terrena, mas eleva-a, na sua carne gloriosa, à eterna presença de Deus.

A vida que Deus derrama copiosamente, pela graça da ressurreição de seu Filho, é uma vida plena de esperança e de alegria. Uns dos grandes desafios das aulas de EMRC está, precisamente, aqui: como propor e comunicar a Ressurreição de Cristo e a vida que esta realiza, como esperança, num mundo cada vez mais imediato, superficial e atormentado pela angústia do consumismo? mais, como anunciar e testemunhar esta vida nova, numa sociedade que tende a valorizar a autoafirmação, o poder de compra e a busca superficial da felicidade, esquecendo os pobres, os doentes, os desfigurados, os que não têm voz? Numa sociedade de cosmética, onde se dá mais valor ao ter do que ao ser, a ressurreição de Cristo pode levar os alunos a refletirem sobre a forma de ser e sobre a esperança que move a sociedade. Explorando a diferença conceptual entre a ressurreição e a reencarnação, que tantas vezes os alunos confundem, os professores são chamados a comunicar a liberdade total e nova que a Ressurreição de Cristo realiza, enquanto reconfiguração da esperança e utopia regeneradora de sentido. Aliás, diante da ditadura do tabu em que morte se transformou, o cristianismo deve propor uma visão de esperança, onde a morte não é destruição absoluta, mas transformação divina. Pois, Cristo liberta consolando e insuflando a esperança na vida humana, isto é, liberta-a do laço da morte dando-lhe a alegria plena da paz.

QUADRO 18: PROPOSTA DE PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4, JESUS LIBERTA DANDO A CONSOLAÇÃO

| Metas                                                                         | Objetivos                                                                                           | Conteúdos                                                  | Estratégias                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | ⌚<br>45m | Recursos                                                                                                                                                       | Avaliação Formativa                                 |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
|                                                                               |                                                                                                     |                                                            | Criar ambiente favorável e escrever o sumário.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | 5m       | PowerPoint                                                                                                                                                     | Interesse, motivação, participação e comportamento. |
|                                                                               |                                                                                                     |                                                            | Fazer um brainstorming escrevendo no quadro sinónimos da palavra ressurreição ditos pelos alunos.<br>Explicar o sentido cristão desta palavra.                                                                                                                                                                                                                | 15m      |                                                                                                                                                                |                                                     |
| B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. | 3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus. | Jesus ressuscitou e está vivo no meio de nós               | Leitura e comentário de Lc 24,36-43.<br><br>Preenchimento da ficha: identificação das partes do texto.                                                                                                                                                                                                                                                        | 10m      | Ficha de trabalho (com o texto Lc 24,36-43 dividido por partes, onde os alunos têm que identificar intitular as partes, a partir de um banco de palavras dado) | Preenchimento da ficha                              |
|                                                                               | 4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus como a vitória da Vida sobre a morte.                         | A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus. | Fazer um paralelismo entre as partes do texto e a Eucaristia. Explicar o sentido do texto recorrendo a exemplos do dia-a-dia dos alunos, exemplificando como a fé em Jesus ressuscitado nos pode libertar e ajudar a viver as dificuldades de outra maneira. Ajudar os alunos a relerem a sua experiência e a assimilarem o conceito cristão de ressurreição. | 15m      |                                                                                                                                                                |                                                     |
| <b>Síntese:</b> Jesus liberta os discípulos de Emaús dando-lhes a alegria     |                                                                                                     |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |          |                                                                                                                                                                |                                                     |

## CONCLUSÃO

Após estas páginas percorridas, talvez as duas grandes conclusões a que posso chegar sejam as duas ideias centrais que procurei desenvolver: 1) a religião não oprime, mas liberta o ser humano, ajudando-o a realizar a sua vocação à transcendência; 2) Jesus Cristo, pelo seu dinamismo incarnatório, pela sua morte e ressurreição, liberta a criatura humanizando-a.

*A religião não oprime, mas liberta.* Ao ignorar a dimensão religiosa humana, reduz-se o ser humano a uma substância racional incapaz de conectar com a presença do Mistério, amputando-lhe a possibilidade de desenvolver uma das dimensões fundamentais da sua existência: a dimensão religioso-simbólica. Nesta perspectiva, as aulas de EMRC são o laboratório ideal para aprender a lutar contra a ditadura do vazio, combatendo a crescente iliteracia religiosa e procurando interpretar o fenómeno complexo do pluralismo. Do ponto de vista pedagógico, atendendo à formação integral da pessoa, favorecendo o diálogo e a diferença, o professor terá que desenvolver competências profissionais específicas que o auxiliem na exigente tarefa de educar, libertando o aluno de todo o tipo de reducionismos antropológicos e ajudando-o a se redescobrir como ser simbólico, habitado pelo Mistério. O ensino religioso nas escolas não se reduz, desta forma, a uma mera exigência legal ou ao respeito saudosista por uma sociedade que se afirmava cristã, mas ele é atribuído o papel fundamental de promover a tarefa insubstituível do reconhecimento do Mistério. A religião não é um sentimento que se possa remeter ao foro privado, mas como movimento visceralmente humano e humanizador, aproxima o ser humano da transcendência, permitindo-lhe conferir sentido à sua própria existência. Por isso, as aulas de EMRC, como espaço público do desenvolvimento da dimensão religiosa, poderão ser aulas libertadoras, se forem autenticamente humanizadoras: aulas de Educação Moral e Religiosa Católica, em que a pessoa de Jesus seja apresentada como o fim último que testemunha a convergência de tudo para o desejo escatológico humano de libertação:

uma pessoa que reconhecendo o dom recebido, se entrega dando-se aos outros, em resposta gratuita de liberdade.

*O professor de EMRC é um educador.* A PES, enquanto experiência de docência, fez-me descobrir duas necessidades profundas, que como resposta aos desafios atuais, possam levar à renovação de atitude do professor de EMRC: a redescoberta das potencialidades existenciais e pedagógicas da hermenêutica bíblica e a utilização de uma linguagem religiosa inovadora que seja capaz de comunicar e dialogar com a cultura de hoje. Mais do que cumprir um programa, o professor, como educador para o religioso, deve preocupar-se em desenvolver competências, procurando valorizar curricularmente a disciplina de EMRC. Como demonstrei, a valorização curricular da disciplina, atendendo ao contexto atual do Sistema de Ensino, não é uma tarefa fácil. Todavia, ainda que a EMRC não seja uma disciplina como a Matemática ou o Português, ela deverá conquistar o seu lugar dentro de um ensino em mudança, que tende a uma visão mais integradora das aprendizagens, valorizando Projetos Educativos diferenciadores. Por isso, defendo que EMRC é uma disciplina que precisa de ser revalorizada, na medida em que, através dos dois eixos enunciados, hermenêutica bíblica e inovação na linguagem, se possa fazer das aulas, através da centralidade da figura de Jesus Cristo, laboratórios de libertação.

*Jesus Cristo liberta interiormente o ser humano.* A libertação interior operada por Cristo, prometida a Adão, no momento da sua criação, e denunciada pelos profetas, através da crítica ao formalismo do culto e da lei, através da encarnação do Verbo chega até ao ser humano como promessa de salvação. Cristo, que pelo dinamismo próprio da sua encarnação, vê a sua carne abençoada por uma santidade peculiar que o confirma na sua missão de Filho Salvador, abre as portas da comunhão com Deus ao Ser humano. Através da sua singular humanidade, o ser humano criado à imagem de Deus, vê ser recuperada a semelhança com Deus criador, deixando-se humanizar, na sua liberdade, pela obediente vontade divina de Cristo. Em Jesus

não há mancha de pecado, porque a sua união hipostática subsiste eternamente, como mistério operado por Deus redentor. A redenção do gênero humano não anula a distância ontológica entre criatura e criador, mas cria uma nova possibilidade de relação, a teonomia: a liberdade humana, livremente unida à vontade da graça, é libertada porque humanizada, tornando-se resistente à tentação de fazer apenas o que lhe apetece. A obediência kenótica à vontade divina do Pai, não significa para Jesus um aniquilamento destrutivo, mas a possibilidade de Deus se autocomunicar ao ser humano como força de amor que pela obediência, em vez de se subjugar, se liberta.

*As consequências desta libertação interior são também exteriores.* Pela sua morte e ressurreição, Jesus leva ao extremo o Amor do criador pela criatura, ou seja, realiza, de forma plena, o desejo escatológico da comunhão total entre criador e criatura, alterando radicalmente a esperança humana. Depois da morte e ressurreição de Jesus, depois da sua descida aos infernos, toda a esperança terrena é passível de ser resgatada e projetada no infinito da vida eterna. A vida para além da morte é, assim, uma certeza da fé que transforma a forma como o ser humano vive o fracasso, a dor e a experiência radical da morte. Pela obediência total do Filho, a liberdade humana é definitivamente associada à liberdade divina, pondo fim à desobediência que levara Deus a expulsar Adão e Eva do paraíso. Depois da ressurreição de Jesus, a perspectiva humana sobre a existência muda, na medida em que se abre a uma libertação que ultrapassa o tempo e a história, e que, cumprindo a promessa, projeta a pessoa na tensão escatológica do já e ainda não.

Concluindo, ao apresentar aqui a salvação como libertação, estou a dar resposta às duas preocupações identificadas na PES, propondo a partir de uma leitura Bíblica, uma linguagem soteriológica atualizada, que permita dialogar com o nosso tempo, apresentando Jesus como libertador: Ele liberta humanizando, humaniza divinizando e diviniza libertando.

## **BIBLIOGRAFIA**

*Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2001.

### **a) Documentos do magistério**

BENTO XVI, *Exortação Apostólica Verbum Domini*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2010.

DENZINGER, H. – HÜNERMANN, P., *El magisterio de la Iglesia*, Herder, Barcelona, 2000.

CV II, *Concílio Ecuménico Vaticano II*, Editorial AO, Braga, 1992.

JOÃO PAULO II, *A solicitude social da Igreja*, Editorial AO, Braga, 1988.

### **b) Documentos curriculares e legislativos**

*Constituição da República Portuguesa*, 1976.

*Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 10 de dezembro de 1948.

*Projeto educativo do Agrupamento de Escolas de Parede*, aprovado em reunião do Conselho Geral do dia 23 de abril de 2015.

COMPANHIA DE JESUS, *Características da Educação da Companhia de Jesus*, Gracos, Lisboa, 1987.

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensinos Básico e Secundário*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2007.

ORGANIZACIÓN PARA LA SEGURIDAD Y LA COOPERACIÓN EN EUROPA, *Principios orientadores de Toledo sobre la enseñanza a cerca de religiones y creencias en las escuelas públicas*, OSCE – ODIHR, Varsovia, 2008.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Estou contigo!*, manual do 6º ano de EMRC, SNEC, Moscavide, 2015.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014.

### **c) Estudos e monografias**

AMBROSIO, J., *Dimensão Religiosa e Condição Humana*. Documento não publicado. Texto de apoio à disciplina de “Didática Específica de EMRC. Faculdade de Teologia de Lisboa, UCP, 2015.

ALETTI, J.-N., *Quand Luc raconte*, Cerf, Paris, 2007.

ARENDS, R. I., *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill Companies, 2008<sup>7</sup>.

AA. VV., *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo (1ª parte)*, Cadernos Bíblicos 5, Difusora Bíblica, 1980.

AZEVEDO, J., *Há uma brecha no dique: Horizonte 2020*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2016.

BALTHASAR, H. U., “El misterio pascual”, in: *Misterium Salutis*, Ediciones Cristianidad, Madrid, vol. III, tomo II, pp. 143-329.

BLONDEL, M., *La Acción*, BAC., Madrid, 1995.

CORTINA, A., *Ética Mínima*, Tecnos, Madrid, 20006, pp. 100-129.

CHAUVET, L.-M, “La ‘mystagogie’ aujourd’hui : jusqu’où ?” , *Lumen Vitae* 63 (2008/1), pp. 35-50.

CHERKAOUI, M., *Sociologia da Educação*, Publicações Europa América, s.d..

GONZÁLEZ DE CARDEDAL, O., *Cristología*, BAC, Madrid, 2008.

- DUPONT, J., *Études sur les Actes des Apôtres*, Cerf, Paris, Col. «Lectio Divina» 45, 1967.
- DUQUE, J. M., “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 27-30.
- DUQUE, J. M., “O Ensino da Religião como resposta à laicização”, *Theologica*, 2 (2016) 11-20.
- DURRWELL, F.-X., *La résurrection de Jésus - mystère de salut*, Le Cerf, Paris, 1982<sup>11</sup>.
- FOSSION, A., “Dieu désirable, proposition de la foi et initiation”, *Pédagogie Catéchétique* (25), Novalis 167-213.
- FRANCLIM PACHECO, P. J., “A hermenêutica bíblica numa disciplina confessional”, *Pastoral Catequética*, 31/32 (2015) 83-93.
- GARCÍA LOPEZ, F., *El Pentateuco*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2003.
- GIESTEIRA, M., *La resurrección de Jesús*, SM, Madrid, 1984.
- GUTIERREZ, G., *Teología de la Liberación*, Sígueme, Salamanca, 1994<sup>15</sup>.
- GUARDINI, R., *Les Signes Sacrés*, Éditions Spes, Paris, 1938.
- KASPER, W., *Jesús, el Cristo*, Sígueme, Salamanca, 1979<sup>3</sup>.
- KASPER, W., *Teología e Iglesia*, Barcelona, Herder, 1989.
- KOLVENBACH, P. H., *Decir... Al “Indecible”*, Mensajero-Sal Terrae, Bilbao, 1999.
- MARGUERAT, D., *Les Actes des Apôtres (1-12)*, Labor et Fides, Genève, 2007.
- MARTINS LOPES, J. M., “Um possível sentido para a vida. Uma proposta educativa”, *Brotéria*, 117 (2013), pp. 295-321.
- MIRANDA, G. L., *Teorias da Aprendizagem*, Instituto da Educação – Universidade Católica Portuguesa, 2007<sup>3</sup>.
- PAJER, F., “Educación escolar y cultura religiosa”, *Cuadernos MEL*, 6 (2000) 1-20.

PEDRINHO, D. O., “A missão Evangelizadora em contexto escolar: desafios atuais ao professor de EMRC”, *Pastoral Catequética*, 23 (2012) 125-139.

PEREIRA, J. A. P., “Uma perspetiva sobre o perfil do professor”, *Pastoral Catequética*, 5 (agosto 2006) 97-123.

PEREIRA GOMES, M., “O Educador segundo a *Ratio Studiorum* dos Jesuítas”, in: MARTINS LOPES, J. M. (Org), *A pedagogia da Companhia de Jesus*, pp. 215-230.

POLICARPO, J., *Evangelização, anúncio de liberdade*, Multinova, Lisboa, 1975.

PUIG, A., *Jesus. Uma biografia*, Paulus, Lisboa, 2006.

RAHNER, K., *Escritos de Teología*, Taurus, Madrid, 1963, tomo I, pp. 169-222.

RAHNER, K., *Escritos de Teología*, Taurus, Madrid, 1964, tomo IV, pp. 105-138.

RAHNER, K., *Oyente de la palabra. Fundamentos para una filosofía de la religión*, Biblioteca Herder, Barcelona, Sección de teología y filosofía, Vol. 88, 1967.

RICOEUR, P., *Conflito das interpretações*, Rés, Porto, s.d..

ROLDÃO, M. C., “Educação escolar e currículo” – in: *IV Fórum Ensino Particular e Cooperativo*, Maladouro, 1999, pp. 7-21.

ROY, L., “Libertação/Liberdade”, in LÉON-DUFOUR, X. (Dir), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1977<sup>2</sup>, pp. 525-530.

SCOTT SMITH, L., “What Is Faith ? : An Analysis of Tillich’s ‘Ultimate Concern’”, *Quodlibet* 5 (2003/4) 1-12.

SICRE, J. L., *Profetismo en Israel*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2005.

SANTOS, A. F., “O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional”, *Pastoral Catequética*, 21/22 (setembro 2011-abril 2012) 9-19.

SESBOÜÉ, B., *Jesus-Christ dans la tradition de L’Église*, Desclée, Paris, 1982.

SILVA NUNES, T., “O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, in: SNEC, *Fórum de EMRC*, Lisboa, s.d., pp. 83-88.

SOBRINO, J., *Jesucristo liberador*, Editorial Trotta, Madrid, 2010<sup>5</sup>.

SOBRINO, J., “Rédemption de la mondialisation : les victimes”, *Concilium* 293 (2003) 121-131.

TEIXEIRA, A., “A cultura religiosa na escola”, *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 41-67.

TEDESCU, J. C., *O novo pacto educativo*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2000, pp. 107-147.

TILLICH, P., *Théologie de la culture*, Éditions Planète, Paris, 1968.

TOLENTINO MENDONÇA, J., “A mediação cultural - um novo contexto para a transmissão religiosa?”, *Communio*, 23 (2006/4) 435-441.

URÍBARRI, G., “El dinamismo encarnatorio según las homilias catequéticas de Teodoro de Mopusestia”, *Estudios Eclesiásticos* 81 (2006) 37-95.

URÍBARRI, G., “Redención: creo en Jesucristo”, in: AA. VV., *La lógica de la fe. Manual de teología dogmática*, Unión Editoriales, Madrid, 2013, pp. 360-370.

VAZ, A. S., “A Bíblia, património cultural e formativo”, *Communio*, 23 (2006/4) 443-454.

VAZ, A. S., *Palavra viva, Escritura poderosa*, UCP Editora, Lisboa, 2013.

VELASCO, J. M., *Introducción a la fenomenología de la religión*, Editorial Trotta, Madrid, 2006<sup>6</sup>, pp. 549- 574.

VILA-CHÃ, J. J., “A Globalização – Aspectos teóricos e implicações práticas”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 59 (2003/1) 3-31.

***d) Webgrafia***

FERRAZ, L. S., *Religião se aprende na escola*, in: <http://www.hottopos.com/mirand16/laragp.htm>. Obtido em 15/07/2017.

J. TOLENTINO MENDONÇA, “Precisamos de construir o silêncio e reencontrar a «arte de pensar»”, in: [http://www.snpcultura.org/precisamos\\_construir\\_silencio\\_e\\_reencontrar\\_arte\\_pensar.html](http://www.snpcultura.org/precisamos_construir_silencio_e_reencontrar_arte_pensar.html), obtido em 1-06-17.

## ANEXOS

### *a) Planificação de nível 2*

|              |                                                |                                                                           |                                                                                                 |                                                                                |
|--------------|------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| <b>JAN</b>   | <b>dia 4</b>                                   | <b>dia 11</b>                                                             | <b>dia 18</b>                                                                                   | <b>dia 25</b>                                                                  |
| <b>LIÇÃO</b> | <b>13</b>                                      | <b>14</b>                                                                 | <b>15</b>                                                                                       | <b>16</b>                                                                      |
| <b>UL 2</b>  | <b>1 de 11</b>                                 | <b>2 de 11</b>                                                            | <b>3 de 11</b>                                                                                  | <b>4 de 11</b>                                                                 |
|              | Quem é Jesus de Nazaré? Quem é Jesus para mim? | Jesus é o Messias que os profetas anunciaram. Jesus passou fazendo o bem. | A história de Zaqueu: é mais importante ser do que ter.                                         | A missão de Jesus: uma reflexão sobre o acolhimento e o perdão.                |
| <b>FEV</b>   | <b>dia 1</b>                                   | <b>dia 8</b>                                                              | <b>dia 15</b>                                                                                   | <b>dia 22</b>                                                                  |
| <b>LIÇÃO</b> | <b>17</b>                                      | <b>18</b>                                                                 | <b>19</b>                                                                                       | <b>20</b>                                                                      |
| <b>UL 2</b>  | <b>5 de 11</b>                                 | <b>6 de 11</b>                                                            | <b>7 de 11</b>                                                                                  | <b>8 de 11</b>                                                                 |
|              | Jesus dá-nos a conhecer a Deus como Pai.       | A arte celebra o nascimento, vida e ressurreição de Jesus.                | Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade. | A Paixão e a Morte de Jesus.                                                   |
| <b>MAR</b>   | <b>dia 8</b>                                   | <b>dia 15</b>                                                             | <b>dia 22</b>                                                                                   | <b>dia 29</b>                                                                  |
| <b>LIÇÃO</b> | <b>21</b>                                      | <b>22</b>                                                                 | <b>23</b>                                                                                       | <b>24</b>                                                                      |
| <b>UL 2</b>  | <b>9 de 11</b>                                 | <b>10 de 11</b>                                                           | <b>Fátima</b>                                                                                   | <b>11 de 11</b>                                                                |
|              | Jesus ressuscitou e está vivo no meio de nós.  | Eliminatória das Olimpíadas de EMRC                                       | Preparação do Inter-escolas de EMRC: a história e a mensagem de Fátima.                         | Ficha de avaliação. A ressurreição: Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus. |

**b) Planificação nível 3**

| JAN | dia 4                                                                            | dia 11                                                                                          | dia 18                                                                                          | dia 25                                                                         |
|-----|----------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
|     | L_13 [1 de 11]                                                                   | L_14 [2 de 11]                                                                                  | L_15 [3 de 11]                                                                                  | L_16 [4 de 11]                                                                 |
|     | Quem é Jesus de Nazaré? Quem é Jesus para mim?                                   | Jesus é o Messias que os profetas anunciaram. Jesus passou fazendo o bem.                       | A história de Zaqueu: é mais importante ser do que ter.                                         | A missão de Jesus: uma reflexão sobre o acolhimento e o perdão.                |
|     | Comparar o que sabemos sobre o Cristiano Ronaldo com o que sabemos sobre Jesus.  | Identificar com um “X” as frases de Jesus de que mais gosto e com um “D” as difíceis. Conversa. | Visualização de um vídeo sobre a história de Zaqueu, seguida de discussão em turma.             | Leitura e compreensão de quatro parábolas de Lucas sobre a misericórdia.       |
|     | PPT nº1<br>Ficha nº 1: Mc 8,27-30.<br>Vídeo nº 1: Who is Jesus?                  | PPT nº 2. Bíblia.<br>Ficha nº 2: frases de Jesus.<br>Vídeo nº 1: Who is Jesus?                  | PPT nº 3. Bíblia.<br>Ficha nº 3: Lc 9,1-10<br>Vídeo nº 2: Zaqueu                                | PPT nº 4.<br>Ficha nº 4: Lc 10,30-37;15;18,9-14.                               |
| FEV | dia 1                                                                            | dia 8                                                                                           | dia 15                                                                                          | dia 22                                                                         |
|     | L_17 [5 de 11]                                                                   | L_18 [6 de 11]                                                                                  | L_19 [7 de 11]                                                                                  | L_20 [8 de 11]                                                                 |
|     | Jesus dá-nos a conhecer a Deus como Pai.                                         | A arte celebra o nascimento, vida e ressurreição de Jesus.                                      | Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade. | A Paixão e a Morte de Jesus.                                                   |
|     | Dramatização dos textos trabalhados na aula anterior. Atualização das parábolas. | Trabalho de grupo: selecionar, justificando, uma imagem de um conjunto de imagens sobre Jesus.  | Apresentação oral dos trabalhos de grupo.                                                       | Visualização e comentário de um vídeo sobre a Paixão de Jesus.                 |
|     | PPT nº 5.<br>Ficha nº 4: Lc 10,30-37;15;18,9-14.                                 | PPT nº 6.<br>Ficha nº 5: imagens de Jesus.                                                      | PPT nº 7.<br>Ficha nº 5: imagens de Jesus.                                                      | PPT nº 8.<br>Ficha nº 6: a Paixão.<br>Vídeo nº 3: via-sacra.                   |
| MAR | dia 8                                                                            | dia 15                                                                                          | dia 22                                                                                          | dia 29                                                                         |
|     | L_21 [9 de 11]                                                                   | L_22 [10 de 11]                                                                                 | L_23                                                                                            | L_24 [11 de 11]                                                                |
|     | Jesus ressuscitou e está vivo no meio de nós.                                    | Eliminatória das Olimpíadas de EMRC                                                             | Preparação do inter-escolas de EMRC: a história e a mensagem de Fátima.                         | Ficha de avaliação. A ressurreição: Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus. |
|     | Leitura e comentário de Lc 24,36-43.                                             | Resposta a perguntas sobre a UL 1 e UL 2.                                                       | Visualização e comentário de um vídeo sobre Fátima.                                             | Preenchimento da ficha de avaliação. Aprender a música.                        |
|     | PPT nº 9.<br>Ficha nº 6: a Paixão.                                               | PPT nº 10.                                                                                      | PPT nº 11 e nº 12.<br>Vídeo: Fátima.                                                            | PPT nº 13.<br>Ficha de Avaliação.                                              |

c) *Ficha nº 1*

Escola Básica 2º e 3º Ciclo - Santo António  
6º ano\_EMRC | UL 2\_Ficha 1



Em silêncio, lê o texto que se segue:

Jesus partiu com os discípulos para as aldeias de Cesareia de Filipe. No caminho, fez aos discípulos esta pergunta: «Quem dizem os homens que Eu sou?»<sup>28</sup>Disseram-lhe: «João Baptista; outros, Elias; e outros, que és um dos profetas.»

<sup>29</sup>«E vós, quem dizeis que Eu sou?» - perguntou-lhes.

Pedro tomou a palavra, e disse: «Tu és o Messias.»<sup>30</sup>Ordenou-lhes, então, que não dissessem isto a ninguém.

Mc 8,27-30

Sublinha as palavras que não percebes e desenha um círculo à volta da palavra que te parece ser a mais importante do texto.

*d) Ficha nº 3*

Escola Básica 2º e 3º Ciclo - Santo António

**6º ano\_EMRC | UL 2\_Ficha 3**

Nome

Turma

Depois do vídeo que viste, completa o texto da Bíblia que se segue, preenchendo os espaços em branco.

Tendo entrado em \_\_\_\_\_, Jesus atravessava a cidade. Vivia ali um homem rico, chamado \_\_\_\_\_, que era chefe de cobradores de impostos. Procurava ver Jesus e não podia, por causa da multidão, pois era de \_\_\_\_\_ estatura. Correndo à frente, subiu a um sicómoro para o ver, porque Ele devia passar por ali. Quando chegou àquele local, \_\_\_\_\_ levantou os olhos e disse-lhe: «Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua \_\_\_\_\_.» Ele desceu imediatamente e acolheu Jesus, cheio de alegria. Ao verem aquilo, murmuravam todos entre si, dizendo que tinha ido hospedar-se em casa de um \_\_\_\_\_.

Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: «Senhor, vou dar metade dos meus bens aos \_\_\_\_\_ e, se defraudei alguém em qualquer coisa, vou restituir-lhe \_\_\_\_\_ vezes mais.» Jesus disse-lhe: «Hoje veio a \_\_\_\_\_ a esta casa, por este ser também filho de Abraão; pois, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava \_\_\_\_\_.»

Lc 19,1-10

O que posso aprender com a história de Zaqueu?

e) *Ficha nº 4*

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |       |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| Escola Básica 2º e 3º Ciclo - Santo António                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |       |
| <b>6º ano_EMRC   UL 2_Ficha 4.1</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |       |
| Nome                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | Turma |
| Lê atentamente o texto que se segue.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |       |
| <p>Tomando a palavra, Jesus disse:</p> <p>«Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante.</p> <p>Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: 'Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.' Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?»</p> <p>Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»</p> <p style="text-align: right;">Lc 10,30-37</p> |       |
| Sublinha a frase mais importante do texto.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |       |
| Identifica o personagem principal desta história.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |       |
| Agora, identifica os personagens secundários.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |       |
| Com que personagem te identificas mais? Porquê?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |       |
| Quem é que agiu bem? E porquê?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |       |
| Porquê que achas que Jesus contou esta história?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |       |

Nome

Turma

Lê atentamente o texto que se segue.

Disse ainda: «Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: 'Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde.' E o pai repartiu os bens entre os dois. Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua e por lá esbanjou tudo quanto possuía, numa vida desregrada. Depois de gastar tudo, houve grande fome nesse país e ele começou a passar privações. Então, foi colocar-se ao serviço de um dos habitantes daquela terra, o qual o mandou para os seus campos guardar porcos. Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. E, caindo em si, disse: 'Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros.' E, levantando-se, foi ter com o pai.

Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe: 'Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho.' Mas o pai disse aos seus servos: 'Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado.' E a festa principiou. Ora, o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se de casa ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. Disse-lhe ele: 'O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo, porque chegou são e salvo.' Encolerizado, não queria entrar; mas o seu pai, saindo, suplicava-lhe que entrasse.

Respondendo ao pai, disse-lhe: 'Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos; e agora, ao chegar esse teu filho, que gastou os teus bens com meretrizes, mataste-lhe o vitelo gordo.' O pai respondeu-lhe: 'Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado.'»

Lc 15,11-32

Sublinha a frase mais importante da história.

Identifica o personagem principal desta história.

Agora, identifica os personagens secundários.

Com que personagem te identificas mais? Porquê?

Quem é que agiu bem? E porquê?

Porquê que achas que Jesus contou esta história?

Nome

Turma

Lê atentamente o texto que se segue.

Disse também a seguinte parábola, a respeito de alguns que confiavam muito em si mesmos, tendo-se por justos e desprezando os demais: «Dois homens subiram ao templo para orar: um era fariseu e o outro, cobrador de impostos. O fariseu, de pé, fazia interiormente esta oração: 'Ó Deus, dou-te graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros; nem como este cobrador de impostos. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo quanto possuo.'

O cobrador de impostos, mantendo-se à distância, nem sequer ousava levantar os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: 'Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador.' Digo-vos: Este voltou justificado para sua casa, e o outro não. Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.»

Lc 18,9-14

Sublinha a frase mais importante do texto.

Identifica o personagem principal desta história.

Agora, identifica os personagens secundários.

Com que personagem te identificas mais? Porquê?

Quem é que agiu bem? E porquê?

Porquê que achas que Jesus contou esta história?

Nome

Turma

Lê atentamente o texto que se segue.

Aproximavam-se dele todos os cobradores de impostos e pecadores para o ouvirem. Mas os fariseus e os doutores da Lei murmuravam entre si, dizendo: «Este acolhe os pecadores e come com eles.» Jesus propôs-lhes, então, esta parábola:

«Qual é o homem dentre vós que, possuindo cem ovelhas e tendo perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai à procura da que se tinha perdido, até a encontrar? Ao encontrá-la, põe-na alegremente aos ombros e, ao chegar a casa, convoca os amigos e vizinhos e diz-lhes: 'Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida.' Digo-vos Eu: Haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão.»

Lc 15,1-7

Sublinha a frase mais importante do texto.

Identifica o personagem principal desta história.

Agora, identifica os personagens secundários.

Com que personagem te identificas mais? Porquê?

Quem é que agiu bem? E porquê?

Porquê que achas que Jesus contou esta história?

## INDÍCE DE QUADROS

|                                                                                     |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1: metas e objetivos do 6º ano .....                                         | 24  |
| Quadro 2: objetivos da UL 2 do 6º ano .....                                         | 27  |
| Quadro 3: planificação de nível 1 .....                                             | 27  |
| Quadro 4: legenda do quadro 3 .....                                                 | 28  |
| Quadro 5: planificação nível 4, aula nº 1 .....                                     | 29  |
| Quadro 6: planificação nível 4, aula nº 2 .....                                     | 30  |
| Quadro 7: planificação nível 4, aula nº 3 .....                                     | 31  |
| Quadro 8: planificação nível 4, aula nº 4 .....                                     | 32  |
| Quadro 9: planificação nível 4, aula nº 5 .....                                     | 33  |
| Quadro 10: planificação nível 4, aula nº 6 .....                                    | 34  |
| Quadro 11: planificação nível 4, aula nº 7 .....                                    | 35  |
| Quadro 12: planificação nível 4, aula nº 8 .....                                    | 37  |
| Quadro 13: planificação nível 4, aula nº 9 .....                                    | 38  |
| Quadro 14: planificação nível 4, aula nº 10 .....                                   | 39  |
| Quadro 15: planificação nível 4, aula nº 11 .....                                   | 40  |
| Quadro 16: proposta de planificação nível 4, Jesus liberta pelo diálogo .....       | 103 |
| Quadro 17: proposta de planificação nível 4, Jesus liberta exercendo o perdão ..... | 107 |
| Quadro 18: proposta de planificação nível 4, Jesus liberta dando a consolação ..... | 111 |

# INDÍCE FINAL

|                                                                     |           |
|---------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                              | <b>4</b>  |
| <b>1. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica .....</b> | <b>7</b>  |
| <b>1.1. Contexto antropológico e cultural da Religião .....</b>     | <b>7</b>  |
| a) Ser humano, Cultura e Religião.....                              | 7         |
| b) Educação Moral e Religiosa Católica.....                         | 13        |
| <b>1.2. O ensino religioso nas escolas.....</b>                     | <b>14</b> |
| a) a questão da legitimidade: sim ou não? .....                     | 16        |
| b) a defesa da legitimidade: como concretizar? .....                | 18        |
| <b>1.3. Desafios atuais .....</b>                                   | <b>21</b> |
| a) A iliteracia religiosa .....                                     | 21        |
| b) A ausência de sentido .....                                      | 22        |
| c) O pluralismo .....                                               | 23        |
| d) Competência profissional .....                                   | 24        |
| <b>2. Prática de Ensino Supervisionada .....</b>                    | <b>25</b> |
| <b>2.1. Unidade Letiva 2: Jesus, um homem para os outros .....</b>  | <b>25</b> |
| <b>2.1.1. No programa de EMRC .....</b>                             | <b>26</b> |
| a) Metas e objetivos .....                                          | 27        |
| b) Transversalidade: inserção no ciclo e no ano .....               | 29        |
| <b>2.1.2. Planificações de nível 1 e 4 .....</b>                    | <b>30</b> |
| a) Planificação de nível I .....                                    | 31        |
| b) Planificação de nível IV .....                                   | 31        |

|                                                                                 |           |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>2.2. Reflexão sobre a PES: desafios e dificuldades.....</b>                  | <b>43</b> |
| <b>2.2.1. Valorização curricular da disciplina de EMRC.....</b>                 | <b>43</b> |
| <b>2.2.2. O uso da Bíblia nas aulas de EMRC .....</b>                           | <b>46</b> |
| <b>2.2.3. A linguagem religiosa.....</b>                                        | <b>51</b> |
| <br>                                                                            |           |
| <b>3. A libertação como conceito teológico .....</b>                            | <b>56</b> |
| <b>3.1. Libertação interior: espiritual e existencial.....</b>                  | <b>56</b> |
| <b>3.2. Libertação exterior: social e política .....</b>                        | <b>58</b> |
| <br>                                                                            |           |
| <b>4. Raízes bíblicas da libertação .....</b>                                   | <b>61</b> |
| <b>4.1. A libertação no AT.....</b>                                             | <b>62</b> |
| a) o ser humano é criado livre e para a liberdade .....                         | 62        |
| b) a libertação do povo da escravidão do Egito .....                            | 64        |
| c) a promessa da chegada definitiva da libertação.....                          | 67        |
| <b>4.2. A libertação no NT.....</b>                                             | <b>70</b> |
| a) a chegada do reino prometido.....                                            | 70        |
| b) o dom da lei do Espírito Santo .....                                         | 73        |
| <b>5. Jesus traz-nos a salvação como libertação.....</b>                        | <b>76</b> |
| <br>                                                                            |           |
| <b>5.1. A singular humanidade de Jesus .....</b>                                | <b>77</b> |
| a) Novo Testamento e história do dogma: dinamismo incarnatório.....             | 77        |
| b) a autoconsciência de Jesus: missão e filiação.....                           | 82        |
| c) santidade particular: ausência absoluta de pecado e tentações .....          | 86        |
| <b>5.2. Jesus, um homem para os outros.....</b>                                 | <b>90</b> |
| a) e por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos Céus .....              | 91        |
| b) também por nós foi crucificado, padeceu e foi sepultado, e ressuscitou ..... | 94        |

|                                                                 |            |
|-----------------------------------------------------------------|------------|
| <b>6. Jesus Cristo libertador .....</b>                         | <b>99</b>  |
| <b>6.1. Jesus liberta pelo diálogo (Jo 4,1-42).....</b>         | <b>100</b> |
| <b>6.2. Jesus liberta exercendo o perdão (Jo 8,1-11).....</b>   | <b>104</b> |
| <b>6.3. Jesus liberta dando a consolação (Lc 24,13-34).....</b> | <b>108</b> |
| <br>                                                            |            |
| <b>CONCLUSÃO .....</b>                                          | <b>112</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>                                        | <b>115</b> |
| a) Documentos do magistério .....                               | 115        |
| b) Documentos curriculares e legislativos .....                 | 115        |
| c) Estudos e monografias .....                                  | 116        |
| d) Webgrafia.....                                               | 120        |
| <br>                                                            |            |
| <b>ANEXOS.....</b>                                              | <b>121</b> |
| a) Planificação de nível 2.....                                 | 121        |
| b) Planificação nível 3.....                                    | 122        |
| c) Ficha nº 1.....                                              | 123        |
| d) Ficha nº 3.....                                              | 124        |
| e) Ficha nº 4.....                                              | 125        |
| <br>                                                            |            |
| <b>INDÍCE DE QUADROS.....</b>                                   | <b>130</b> |
| <b>INDÍCE FINAL.....</b>                                        | <b>131</b> |